

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

RANGEL DE OLIVEIRA MEDEIROS

**IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS: A
CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA INCLUSÃO E DA
EXCLUSÃO SOCIAL – 1977 – 2004**

Florianópolis

2005

Rangel de Oliveira Medeiros

**IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS: A
CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA INCLUSÃO E DA
EXCLUSÃO SOCIAL – 1977 – 2004**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em História Cultural.

Orientador: Artur César Isaia.

Florianópolis – SC, fevereiro de 2005.

Eu não sei se é o céu ou o inferno
Qual dos dois você vai ter que encarar
E foi pra não me deixar no horror
Que eu vim pra lhe acalmar
Se o pecado anda sempre ao meu lado
E o demônio vive a lhe tentar
Chegou a luz do fim do seu túnel
O meu cajado vai lhe purificar
Pois eu transformo água em vinho
Chão em céu, pau em pedra, cuspe em mel
Pra mim não existe impossível
Pastor João e a Igreja Invisível
(Solta a Igreja Invisível aí meu filho)
Para os pobres e os desesperados
E todas as almas sem lar
Vendo barato a minha nova água benta
Três prestações, qualquer um pode pagar
O sucesso da minha existência
Está ligado ao exercício da fé...

Raul Seixas – Pastor João e a Igreja Invisível

AGRADECIMENTOS

A caminhada foi longa e árdua, os percalços foram imensos, porém, muito menores do que o apoio que veio dos mais diversos lugares e pessoas, tantas que invariavelmente acabarei esquecendo de algumas, mas cabe mencionar ao menos àqueles que não me fugiram da memória.

Tenho uma profunda gratidão ao meu orientador, Dr. Artur César Isaia, por sua orientação firme e extremamente profissional, pela sua compreensão nos meus momentos difíceis e por ter sido meu grande incentivador e amigo desde longa data.

Agradeço a minha família, em especial ao meu pai, minha mãe e meus irmãos, sem eles eu não seria ninguém, e me ajudaram muito mais do que imaginam.

Agradeço também aos “caras legais”. São eles: Milton, Paulo Valério, Leonardo, Ivandro, Vilmar, João e às suas respectivas “esposas”, e aos amigos Marcelo e Ed Carlos, nunca vou esquecer do apoio que me deram nas horas difíceis. Acreditaram em mim quando nem eu mesmo acreditava.

Um agradecimento especial a Gizele Zanotto, pelo apoio que sempre me deu ao longo do curso de Mestrado e a Andréia Mendes de Souza Mina, pessoa com quem pude dialogar a respeito do tema e que me cedeu valiosas fontes, tornando muito melhor o resultado final desta pesquisa.

Agradeço a Cristiane pelo seu apoio e companheirismo por tanto tempo.

Meus sinceros agradecimentos aos funcionários e professores do Programa de Pós-graduação em História da UFSC, pela presteza e apoio, em especial ao professor Ernesto Aníbal Ruiz.

Aos colegas e direção do Centro Educacional Roda Pião, meus sinceros agradecimentos.

Agradeço também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento concedido no segundo ano do mestrado.

Meus agradecimentos também aos membros e pastores da Igreja Universal do Reino de Deus, por sempre terem me recebido bem em seu templo e pelo bom tratamento a mim dispensado.

Agradeço a Anabelle, por todo carinho, apoio e paciência, e por ser o maior motivo da minha alegria.

E por fim, agradeço a esta força universal pela qual tantos conflitos são gerados e tantos nomes recebe, a qual chamamos Deus.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivos analisar o discurso religioso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), detectando a construção discursiva da inclusão social e da marginalidade como idéias antagônicas, característica do pertencimento ou afastamento da denominação. Para tanto faremos um breve histórico da IURD no Brasil e de suas estratégias de proselitismo direto, bem como analisaremos as argumentações feitas pela Igreja à respeito dos pontos principais do discurso da IURD sobre problemas que possam atingir a vida das pessoas e para os quais a igreja promete soluções rápidas e infalíveis, tais como: doenças, problemas financeiros, problemas sentimentais e até problemas sociais, mostrando que o discurso da IURD visa não só o “indivíduo”, mas a “coletividade”, colocando como instituição que promove o bem comum, contanto que certos “preceitos” sejam seguidos pelas pessoas, tais como a obediência irrestrita à igreja e a colaboração em dinheiro através de dízimos e ofertas.

Palavras-chave: Pentecostalismo – Discurso religioso – Inclusão e exclusão social

ABSTRACT

This dissertation has the objectives to analyze the religious discourse from the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG), detectating the discursive making of the social inclusion and of the marginality like antagonist ideas, characteristic of the belonging or distancing from this denomination. For this reason, we'll make a short historic of the UCKG in Brazil and of the your strategies of direct proselytism, as well we'll analyze the argumentation made for the church about the main points of the discourse from UCKG about problems the could affect the people life, and for this problems the church promises rapid and infallible solutions, problems like: diseases, financial problems, sentimental problems and social problems, showing that the discourse has like objective not only the "person", but the "collectivity", the church puts itself like an institution that makes the welfare, as long as some "precepts" be followed, as: total obedience, money contribution with offerings and paying tithes.

Key-words: Pentecostalism – Religious Discourse – Social Inclusion and exclusion.

SUMÁRIO

- Introdução	08
- Cap. I O Pentecostalismo e seu Surgimento no Brasil	17
1.1- As Primeiras Igrejas Pentecostais.....	19
1.1.1- A Congregação Cristã do Brasil.....	19
1.1.2- A Assembléia de Deus.....	20
1.2- A Segunda Onda de Expansão Pentecostal.....	23
1.3- A IURD e o Campo Religioso Brasileiro.....	24
1.3.1 - A “Guerra Espiritual”.....	33
1.3.1.1 – Um Culto da Sessão Espiritual do Descarrego.....	47
1.3.1.2 – Os Dez Passos para a Libertação segundo Edir Macedo.....	51
1.3.2 - A IURD como “Hospital Espiritual”.....	53
- Cap. II Prosperidade: um dos sinais de libertação e inclusão	56
2.1- Uma Ética do Trabalho Iurdiana.....	61
2.2- Dízimo e Oferta: Obrigação, Doação e Sacrificio.....	78
2.2.1- A Argumentação em Torno do Dízimo.....	79
2.2.2- Ofertas: “O Perfeito Sacrificio”.....	84
- Cap. III Construção discursiva da inclusão e da marginalidade	87
3.1- A Associação Beneficente Cristã (ABC).....	91
3.2- O Projeto Nordeste.....	92
- CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
- FONTES	107

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos têm crescido sobremaneira as pesquisas dentro e fora do Brasil¹ que se propõem a estudar o fenômeno do pentecostalismo brasileiro. Entretanto, dada a própria dinamicidade deste fenômeno, há ainda uma grande lacuna a ser preenchida, e por este motivo compreendemos ser necessário muitos outros estudos ainda, pois diversos aspectos ainda precisam ser melhor explicados.

Nossa experiência com o estudo do campo pentecostal brasileiro começou ainda no ano de 2001 na graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, resultando no trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Igreja Pentecostal Deus é Amor: Discurso Religioso e Liderança Personalista”², apresentado no ano seguinte. Embora um trabalho modesto, permitiu-nos um contato mais intenso com o pentecostalismo e um embasamento teórico a respeito do assunto, além da experiência prática de pesquisa através do contato com as fontes e visitas a cultos da Igreja Deus é Amor.

A escolha recaiu sobre a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) devido a diversos fatores; à sua importância numérica em quantidade de adeptos, sua atuação direta na política do país, seu vasto espaço conquistado na mídia e, por uma questão de viabilidade da pesquisa, à abundância de fontes.

A problemática da pesquisa consiste em investigar como o discurso da IURD veicula uma representação de inclusão social, cujo pertencimento à igreja é fundamental. O recorte temporal de nosso estudo será entre os anos de 1977 (ano de fundação da IURD) e o ano de 2004.

Não pretendemos desvincular a questão de classe como chave explicativa da marginalidade e da inclusão social. Não as enfocaremos a partir do olhar da sociologia explicativa, pelo viés classe social. Vamos enfocá-los como sentido possível dado historicamente à realidade social. Segundo Orlandi, os homens e mulheres constroem-se historicamente através do discurso visto como objeto simbólico: “A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a

¹ ORO, Ari Pedro, et al. **Igreja Universal do Reino de Deus: Os Novos Conquistadores da Fé**. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 365.

² MEDEIROS, Rangel de Oliveira. **Igreja Pentecostal Deus é Amor: Discurso Religioso e Liderança Personalista**. Florianópolis: UFSC (Trabalho de Conclusão de Curso de História), 2002.

continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive”.³

A construção discursiva da inclusão e da marginalidade, por outro lado, será estudada a partir da ótica de Macpherson⁴, que a vê como fenômeno ligado essencialmente à familiaridade ou distância da propriedade.

O pertencimento à IURD pode ser captado através das transformações que ocorreram na vida do indivíduo após ele ter se tornado adepto. São, inclusive, mostradas nos programas de rádio e TV da IURD e nos intervalos comerciais pessoas narrando suas situações “antes e depois” de pertencer a IURD. As características mostradas na fase “antes” são: depressão, desemprego, crise nos negócios, pobreza, perda de bens, doenças graves, desestruturação familiar. Em contrapartida, após a conversão, são mostrados os opostos: ao invés da depressão as pessoas afirmam tornar-se alegres e esperançosas, aqueles que estavam desempregados conseguem um bom emprego ou até tornam-se empresários, os que enfrentavam problemas nos negócios recuperam-se e seus negócios multiplicam-se, acaba-se a pobreza, recuperam-se os bens e consegue-se ainda mais, as curas, que são características marcantes das igrejas pentecostais também aparecem em abundância na IURD e é uma das “graças alcançadas” em consequência do pertencimento à igreja, as famílias se reestruturam ou se formam novas e felizes famílias. A “ordem” vence a “desordem” após a pessoa optar por pertencer a Igreja. Fazer parte da IURD, portanto, dá ao membro “dignidade”⁵, ao menos nos momentos em que ele estiver no culto, no ambiente físico da Igreja, será bem recebido e bem tratado, obreiros e obreiras vestidos com roupas formais (terno, gravata) lhe tratarão por “senhor” ou “senhora” não importando a classe social do visitante⁶. Esses pequenos detalhes, esse bom tratamento podem causar uma impressão indelével no freqüentador, especialmente se sua situação econômica e social não lhe trazem dignidade. Para alguém que viva em condições materiais miseráveis o simples fato de estar por algumas horas em um ambiente limpo, organizado e alegre lhe dá novo ânimo.

³ ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 3ª Ed. Campinas: Pontes, 2001, p. 15.

⁴ MACPHERSON, C.B. A Teoria Política do Individualismo Possessivo de Hobbes até Locke. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

⁵ Usamos o termo “dignidade” aqui, no sentido de “respeitabilidade”, bem como sua flexão “digno”, no sentido de “merecedor”, conforme o dicionário da Enciclopédia Mirador, a questão “merecer” é bastante relevante em se tratando da IURD, especialmente no que se refere a “merecer as bênçãos divinas. MIRADOR INTERNACIONAL. Encyclopaedia Britannica do Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1976, p. 604.

⁶ Impressões colhidas em visitas feitas a templos da IURD. N/A.

Para o nosso estudo trabalharemos também com a idéia de “trânsito religioso”, ou seja, a transferência de adeptos de uma denominação pentecostal para a outra e, principalmente, da igreja católica para as igrejas pentecostais, conforme abordado por Rolim⁷, Berger⁸ e Sanchis⁹.

Algumas publicações que tratam de pentecostalismo foram fundamentais para esse início da pesquisa e ainda serão no seu desenvolvimento. A IURD é uma instituição que tem sido abordada com mais freqüência em obras científicas nos últimos tempos, embora ainda haja muitas lacunas sobre o assunto. Sobre o pentecostalismo em geral, podemos destacar as obras de Francisco Cartaxo Rolim: “O Que é Pentecostalismo”¹⁰, na qual o autor traz uma noção do que vem a ser o fenômeno do pentecostalismo, sem se aprofundar em nenhuma igreja específica, apenas levantando algumas características gerais deste fenômeno, como o “batismo no Espírito Santo” e a glossolalia (falar em línguas estranhas). Do mesmo autor a obra “Pentecostalismo: Brasil e América Latina”¹¹, na qual faz uma análise aprofundada do fenômeno pentecostal no Brasil e na América Latina, dando ênfase principalmente à Igreja Assembléia de Deus e à Congregação Cristã do Brasil. Partindo do estudo dessas igrejas, Rolim faz comparações com outras denominações pentecostais, inclusive a IURD, especialmente no tocante à sua posição política nas eleições presidenciais, o uso do rádio e da TV, às curas e um breve histórico de seu principal líder, o bispo Edir Macedo.

Dentre as obras principais para tratar do tema, merecem destaque os textos do sociólogo Paul Freston¹², uma das melhores análises do campo pentecostal brasileiro e de sua expansão fora do Brasil¹³. Este autor faz uma análise de fôlego da evolução

⁷ ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostalismo: Brasil e América Latina**. 1ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994.

⁸ BERGER, Peter Ludwig. **O Dossel Sagrado**: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

⁹ SANCHIS, Pierre. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: Hoornaert, Eduardo (org.) **História da Igreja na América Latina e no Caribe. 1945-1995. O debate metodológico**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal à “cultura católico-brasileira”. In: ANTONIAZZI, Alberto. et al. **Nem Anjos Nem Demônios**: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

¹⁰ ROLIM, Francisco Cartaxo. **O Que é Pentecostalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

¹¹ ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostalismo: Brasil e América Latina**. 1ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994.

¹² FRESTON, Paul. A Igreja Universal do Reino de Deus e o Campo Protestante no Brasil. In: Estudos de Religião, nº 15: **Estratégias Religiosas na Sociedade Brasileira**. São Bernardo do Campo: UMESP, 1998.

FRESTON, Paul Charles. Breve histórico do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. et al. **Nem Anjos Nem Demônios**: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

¹³ FRESTON, Paul. A Igreja Universal na Ásia. In: ORO, Ari Pedro. et al. **Igreja Universal do Reino de Deus: Os Novos Conquistadores da Fé**. São Paulo: Paulinas, 2003.

histórica dos pentecostais, e é dele a periodicização mais usada para classificar as fases de implantação e expansão do pentecostalismo no Brasil.

Utilizamos também as obras de Ricardo Mariano¹⁴. Em suas obras este autor trata, com bastante profundidade, do campo neopentecostal, enfatizando a Igreja Internacional da Graça de Deus e principalmente a IURD, utilizando largamente as fontes da Igreja Universal e analisando também o seu discurso. É um dos primeiros autores a contextualizar o discurso neopentecostal correlacionando com a “Confissão Positiva”, que trataremos adiante.

Antes de prosseguirmos na nossa pesquisa, não podemos esquecer que a IURD é antes de tudo uma instituição religiosa, e para estudarmos uma instituição religiosa, devemos nos ater a uma idéia do que seja religião. O principal referencial teórico para este e outras idéias a serem desenvolvidas é a obra “O Dossel Sagrado”¹⁵, de Peter Ludwig Berger, nesta obra buscamos o entendimento básico do fenômeno religioso, em que o autor considera a religião como um dos elementos culturalmente criados pelo ser humano para dar plausibilidade ao “mundo” que o cerca, para dar sentido aos acontecimentos, sejam cotidianos ou históricos.

A religião é o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos sagrado. Ou por outra, a religião é a cosmificação feita de maneira sagrada. Por sagrado entende-se aqui uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e todavia relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos da experiência.¹⁶

Berger usa o termo “mundo” não simplesmente no sentido físico, mas o “mundo” sociologicamente criado como um empreendimento coletivo, e criado individualmente por cada um. Em ambos os casos, Berger observa a necessidade desse “mundo” ser plausível¹⁷, entenda-se “plausibilidade” como os elementos que dão sentido à vida do indivíduo, ou seja, o meio social em que ele vive, seu emprego, familiares, amigos e sua religião, sendo a religião normalmente o principal elemento a dar sentido ao seu

¹⁴ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIANO, Ricardo. O Reino de Prosperidade da Igreja Universal. In: ORO, Ari Pedro. Op. Cit.

¹⁵ BERGER, Peter Ludwig. **O Dossel Sagrado**: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

¹⁶ BERGER, Peter Ludwig. **O Dossel Sagrado**: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985, p. 38.

¹⁷ Ibid., p. 29.

“mundo”. Berger entende que as mudanças bruscas ou tragédias podem abalar, no sujeito, a plausibilidade desse “mundo”¹⁸.

Na nossa análise, será extremamente necessário o entendimento do conceito de “campo religioso”. Buscamos este conceito em Bourdieu e Sanchis.

Bourdieu considera o campo religioso como um “locus” de disputa de forças religiosas antagônicas operando “por meio da lógica da inclusão e da exclusão”¹⁹. Outra característica marcante do campo religioso segundo Bourdieu é a presença de um “mercado de bens de salvação”²⁰ onde as instituições disputam entre si o espaço do campo, para tanto, a instituição ou grupo que concorre neste espaço tem de lançar mão de estratégias de legitimação e perpetuação neste campo:

A gestão do depósito de capital religioso (ou sagrado), produto do trabalho religioso acumulado, e o trabalho religioso necessário para garantir a perpetuação deste capital garantindo a *conservação* ou a *restauração* do mercado simbólico em que o primeiro se desenvolve, somente podem ser asseguradas por meio de um aparelho de tipo burocrático que seja capaz, como por exemplo a Igreja, de exercer de modo duradouro a ação contínua (*ordinária*) necessária para assegurar sua própria reprodução ao reproduzir os produtores de bens de salvação e serviços religiosos, a saber, o corpo de sacerdotes, e o mercado oferecido a estes bens, a saber, os leigos (em oposição aos infieis e aos heréticos) como consumidores dotados de um mínimo de competência religiosa (*habitus* religioso) necessária para sentir a necessidade específica de seus produtos.²¹

Bourdieu também nos mostra elementos importantes que os grupos religiosos devem fornecer para manter-se no mercado religioso:

O capital de autoridade propriamente religiosa de que dispões uma instância religiosa depende da força material e simbólica dos grupos ou classes que ela pode mobilizar oferecendo-lhes bens e serviços capazes de satisfazer seus interesses religiosos, sendo que a natureza destes bens e serviços depende, por sua vez, do capital de autoridade religiosa de que dispõe levando-se em conta a mediação operada pela posição da instância produtora na estrutura do campo religioso.²²

Estes bens e serviços são, no caso da IURD, a “salvação”, cura, prosperidade e melhora na vida afetiva.

¹⁸ Ibid., p. 29.

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 30.

²⁰ Ibid., p. 59.

²¹ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 59.

²² Ibid., p. 58.

Ainda sobre a idéia de campo, vamos recorrer aos estudos de Sanchis, que, a partir de Bourdieu, tentará compreender a realidade religiosa brasileira:

É então, recapitula Campiche, que, “na sua procura de identidade, o sujeito é confrontado tanto com o pluralismo reinante na sociedade quanto com o pluralismo interno às próprias organizações religiosas. Atravessadas de correntes múltiplas, estas organizações não oferecem uma vitrine com um único produto. Em consequência o indivíduo constrói a sua própria identidade religiosa”.²³

A perspectiva de abordagem parte da idéia de “discurso”, conforme elaborada por Eni Pulccineli Orlandi²⁴. Esta autora trata do discurso religioso como sendo um discurso autoritário, pois não faz abertura para contestações e forma relações de dominação.

De acordo com aquilo que as igrejas cristãs pregam, especialmente a IURD, o discurso religioso veiculado por essas igrejas vem de Deus através das sagradas escrituras, não sendo possível haver contestação de qualquer espécie.

A busca da construção da identidade religiosa pelo indivíduo faz com que ele transite por diversas igrejas ou grupos religiosos. Cremos, portanto, que a apropriação que a Universal faz dos símbolos presentes nas outras religiões tem a finalidade de oferecer de imediato os bens simbólicos que os indivíduos procuram e tentar evitar que ela própria seja apenas “mais uma igreja” pela qual o indivíduo transite.

A partir da perspectiva de Orlandi, vamos nos ater ao discurso das lideranças da IURD. Obviamente deveremos detectar as especificidades da IURD no tocante ao tipo de liderança e ao tipo de discurso. Já possuímos para tanto referencial teórico para iniciar nossas pesquisas em relação a este assunto.

A liderança mais expressiva da IURD é o bispo Edir Macedo, é autor de uma série de livros doutrinários e de cunho teológico. Em suas pregações é comum Macedo citar exemplos de sua própria vida, fazendo uma prática muito comum entre os pentecostais, dar o seu “testemunho”. O testemunho geralmente segue uma seqüência, a pessoa narra a sua vida mostrando os inúmeros problemas que existiam antes da pessoa “encontrar Jesus”, ou seja, converter-se a IURD, esses problemas são de todo tipo, inclusive envolvimento em crimes. Seguindo no testemunho, as pessoas mostram como “libertaram-se”. Portanto, o testemunho biográfico da principal liderança torna-se

²³ SANCHIS, Pierre. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: Hoornaert, Eduardo (org.) **História da Igreja na América Latina e no Caribe. 1945-1995. O debate metodológico.** Petrópolis: Vozes, 1995, p. 90.

²⁴ ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento.** Campinas: Pontes, 1987.

fundamental, para que sirva de exemplo aos membros da IURD, conforme nos lembra Ricci, ao referir-se a biografias de personalidades históricas: “No entanto, o propósito de escrevê-las (biografias), em geral, era o mesmo: ensinar aos presentes os passos de homens e mulheres que, vivendo em um passado menos civilizado, muitas vezes convivendo com a dura realidade, conseguiram sobressair-se, avultando-se perante os demais”.²⁵

Dentro da nossa temática, que é a da inclusão e exclusão social no discurso da IURD, percebemos que neste discurso não ser um “excluído” significa ter uma vida feliz e harmoniosa em todos os campos, principalmente o campo financeiro. O discurso iurdiano está alinhado com a análise que Macpherson faz do modelo de sociedade que ele chama “sociedade de mercado possessivo”. Segundo este autor, neste tipo de sociedade, o exercício da posse é o principal elemento que torna o indivíduo um cidadão pleno, pois, segundo esta concepção, só o exercício da posse torna o cidadão totalmente livre, pois, tendo posses, o cidadão não está submetido a vontade de outros. Nas palavras do autor: “(...) Achava-se que o indivíduo é livre na medida em que é proprietário de sua pessoa e de suas capacidades. A essência humana é ser livre da dependência das vontades alheias, e a liberdade existe como exercício da posse”²⁶.

No primeiro capítulo trataremos brevemente das transformações históricas do pentecostalismo no Brasil e da inserção da IURD no campo pentecostal, bem como da relação que a Igreja mantém com outros grupos religiosos. Nesse equilíbrio sempre instável de forças, dotadas de diferentes acúmulos de bens simbólicos, que caracteriza a noção de campo em Bourdieu²⁷, vamos focar as apropriações feitas pelo discurso iurdiano, de significantes extremamente presentes na realidade cultural brasileira. Dessa forma exploraremos a presença de elementos das religiões mediúnicas e afro-brasileiras no discurso iurdiano. Para isso vamos nos socorrer das análises de Chartier. Este autor critica as correspondências simplificadas entre níveis sociais e horizontes culturais, enfatizando a necessidade de conhecermos as peculiaridades com que as práticas de leitura partilham o mesmo texto. Vamos utilizar a noção de apropriação, mostrando as possibilidades inventivas inerentes à partilha de significados sociais:

²⁵ RICCI, Magda. Como se Faz um Vulto na História do Brasil. In GUAZZELLI, César Augusto Barcellos, PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz, et alii: **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Ed. URGs, 1999, p. 154.

²⁶ MACPHERSON, C.B. A Teoria Política do Individualismo Possessivo de Hobbes até Locke. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 15.

A noção de apropriação não é encarada aqui no sentido que lhe dá Foucault em *L'ordre du discours*, que é o de fazer da “apropriação social dos discursos” um dos processos de controle e um dos dispositivos que limitam a sua distribuição, considerando tal noção como um dos grandes sistemas de subordinação do discurso. A nossa perspectiva é diferente, sem ser contraditória, atentando não nas exclusões por confiscação, mas nas diferenças de uso partilhado tal como as identifica Pierre Bourdieu: “O gosto, a propensão e a aptidão para a apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada classe de objetos ou de práticas classificados ou classificadores é a fórmula geradora que se encontra no princípio do estilo de vida, conjunto unitário de preferências que exprimem, na lógica específica de cada um dos sub-espacos simbólicos, a mesma intenção expressiva”.²⁸

A Igreja Universal mantém uma relação de embate com a maior parte dos grupos religiosos no Brasil, entretanto, seus maiores alvos têm sido as religiões mediúnicas, e estas a IURD dedica um discurso demonizante, este discurso tenta por as religiões mediúnicas em um status inferior de magia, por exemplo, nas palavras do bispo Macedo:

O povo brasileiro herdou, das práticas religiosas dos índios nativos e dos escravos oriundos da África, algumas religiões que vieram mais tarde a ser reforçadas com doutrinas espiritualistas, esotéricas e tantas outras que tiveram mestres como “Franz Anton Mesmer, Allan Kardec e outros médiuns famosos. Houve, com o decorrer dos séculos, um sincretismo religioso, ou seja, uma mistura curiosa e diabólica de mitologia africana, indígena brasileira, espiritismo e cristianismo que criou ou favoreceu o desenvolvimento de cultos fetichistas como a umbanda, a quimbanda e o candomblé.”²⁹

Esta estratégia de Macedo em dar às religiões mediúnicas o status depreciativo de magia, será aqui estudada a partir da construção da dicotomia religião/magia, no interior do campo religioso, conforme notou Bourdieu:

Desta maneira, costuma-se designar em geral como magia tanto uma religião inferior e antiga, logo *primitiva*, quanto uma religião inferior e contemporânea, logo, *profana* (aqui equivalente de *vulgar*) e profanadora. Assim, a aparição de uma ideologia religiosa tem por efeito relegar os antigos mitos ao estado de magia ou de feitiçaria. Como observa Weber, é a supressão de um culto sob a influência de um poder político ou eclesiástico, em prol de uma outra religião, que, reduzindo os antigos deuses à condição de demônios, deu origem no curso do tempo à oposição entre magia e religião.³⁰

²⁷ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2003.

²⁸ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988, p. 137.

²⁹ MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 15ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001, p. 59.

As considerações de Bourdieu coadunam-se com as características da IURD que apresentaremos adiante, tais como seu pragmatismo e sua tendência a colocar-se como “religião de resultados”.

No segundo capítulo, trataremos de um dos temas mais polêmicos no tocante a Igreja Universal, a sua peculiar relação com a “vida material” ou, em termos mais diretos, com o dinheiro. Tentaremos desvendar as argumentações da Igreja a respeito do assunto e suas bases doutrinárias, bem como as raízes do discurso voltado a este tema.

Enfim, no terceiro capítulo trataremos das formas de inclusão social que a Universal desenvolveu ao longo de sua trajetória, onde esta instituição procura mostrar a sua membresia e a sociedade em geral que tem capacidade de dar assistência imediata aos necessitados em curto prazo e também criar projetos de inclusão a médio e longo prazo. Ou em termos bíblicos, a Igreja procura mostrar que pode, “dar o peixe e ensinar a pescar”.

Em relação ao “corpus” documental referente a IURD, o trabalho embasa-se: na imprensa doutrinária (revistas, jornal da Igreja e nos livros de divulgação); na mídia eletrônica (Internet), onde é saliente a presença da Igreja e nas observações diretas do autor aos cultos. De maneira lateral trabalhamos com os programas televisivos. Os mesmos serviram apenas para aprofundarmos o conhecimento sobre os “testemunhos” e as mensagens doutrinárias, trabalhadas prioritariamente nas fontes escritas.

³⁰ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2003, pp. 43-44.

Cap. I O Pentecostalismo e seu Surgimento no Brasil

O termo *pentecostalismo* é uma alusão ao que é mencionado na Bíblia em Atos capítulo 2, quando, no dia de pentecostes³¹ o Espírito Santo “desceu sobre os discípulos” lhes dando certos dons, como o de falar em línguas estranhas. O termo pentecostalismo hoje se refere ao movimento religioso iniciado nos EUA no ano de 1906 na cidade de Los Angeles. Um garoto negro de apenas 8 anos de idade, durante uma reunião de oração realizada por evangélicos, sob a orientação de um pastor batista, “falou em línguas estranhas”. Fato este que foi interpretado como uma manifestação direta do Espírito Santo e um sinal de santificação e da presença do Espírito Santo³², conforme, por exemplo, Atos 2:4 “E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.”³³ Essa experiência de 1906 que unia pentecostais negros e brancos que encaravam o movimento como a união das raças em um novo pentecostes³⁴, durou pouco tempo. Logo os brancos acabaram separando-se dos negros e criando um pentecostalismo com características “apolíticas”, distante de lutas sociais. E foi esse pentecostalismo que veio para o Brasil. Desta experiência inicial nos EUA é que surgem os primeiros pregadores pentecostais que tornaram-se missionários pelo mundo, dando origem ao pentecostalismo no Brasil, através das igrejas Congregação Cristã do Brasil e Assembléia de Deus. O sociólogo Paul Freston classifica a expansão do pentecostalismo no Brasil em três momentos históricos que ele chama de “ondas”:

O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, com a chegada quase simultânea da Congregação Cristã (1910) e da Assembléia de Deus (1911). Essas duas igrejas têm o campo para si durante 40 anos (...). A Congregação, após grande êxito inicial, permanece mais acanhada, mas a

³¹ MCKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulus, 1983. PENTECOSTES – (do grego *he pentekoste [hemera]*, “o 50º dia”). Festa judeu-israelita da colheita. No judaísmo a festa recebeu um motivo histórico, tornando-se o aniversário da outorga da lei a Moisés. (...) O Pentecostes é mencionado mais freqüentemente no Novo Testamento do que no Antigo Testamento; recebe sua importância na fé e na liturgia cristãs do evento relatado em At. 2, a descida do Espírito Santo sobre os discípulos, o dom das línguas, o discurso de Pedro e a formação da primeira igreja cristã. Lc. faz de Pentecostes “o nascimento da igreja universal” (Lohse). (...) Há, possivelmente, uma alusão à história da torre de Babel, na qual a humanidade foi dividida pela diversidade de línguas. A unidade perdida é restaurada na Igreja, que fala todas as línguas, mas é uma sociedade unificada.

³² ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostalismo: Brasil e América Latina**. 1ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 22-23.

³³ BÍBLIA SAGRADA. Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous, Bélgica, pelo Centro Bíblico Católico. 21ª edição. São Paulo: Ave Maria, 1975.

³⁴ ROLIM, Francisco Cartaxo. **O Que é Pentecostalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 22.

Assembléia se expande geograficamente nesse período como a Igreja protestante nacional por excelência.³⁵

Freston utiliza esta classificação levando em conta aspectos geográficos e históricos da formação destas igrejas. Para ele, após a expansão inicial da primeira onda, surgem ainda uma segunda onda de expansão nos anos 50 e 60 com o surgimento da Igreja Quadrangular em 1951, Brasil para Cristo em 1955 e Igreja Pentecostal Deus é Amor em 1962, igrejas essencialmente paulistas. E por último, o que Freston classifica de terceira onda, formada por igrejas essencialmente cariocas do final da década de 70 e início da década de 80, com a Igreja Universal do Reino de Deus em 1977 e a Igreja internacional da Graça de Deus em 1980³⁶. Antes de tratarmos da IURD, trataremos brevemente da Congregação Cristã do Brasil (CC), Assembléia de Deus (AD), Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), O Brasil para Cristo (BPC) e Igreja Pentecostal Deus é Amor (IPDA). A escolha destas igrejas se dá pelo fato de as duas primeiras mencionadas serem a gênese do pentecostalismo no Brasil, tendo forte influência na formação das seguintes, e as outras por terem uma influência mais direta sobre a formação da IURD, além da relevância numérica delas dentro do pentecostalismo. Conforme o censo do IBGE do ano 2000, estas igrejas juntas agremiam quase 87% do número de pentecostais no Brasil³⁷.

Tratando do campo religioso como o “locus” onde os seus componentes disputam, concorrem e chegam sempre a um equilíbrio momentâneo, precário, observa Bourdieu:

Em função de sua posição na estrutura da distribuição do capital de autoridade propriamente religiosa, as diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições, podem lançar mão do *capital religioso* na concorrência pelo monopólio da gestão de bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos (...). De um lado este capital religioso depende do estado, em um dado momento do tempo, da estrutura das relações objetivas entre a *demanda religiosa* (ou seja, os interesses religiosos dos diferentes grupos ou classe de leigos) e a *oferta religiosa* (ou seja, os serviços religiosos de tendência ortodoxa ou herética) que as diferentes instâncias são compelidas a produzir e a oferecer em virtude

³⁵ FRESTON, Paul Charles. Breve histórico do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. et al. **Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.70.

³⁶ Ibid., p.71.

³⁷ Segundo o Censo 2000, o número total de pessoas pertencentes a igrejas pentecostais é de 17.617.307, sendo 8.418.140 da Assembléia de Deus, 2.489.113 da Congregação Cristã, 1.318.805 da Igreja Quadrangular, 774.830 da Deus é Amor, 175.618 da Brasil para Cristo e finalmente 2.101.887 da IURD, totalizando 15.278.393 pessoas. **Censo 2000. IBGE**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/religiao_Censo2000.pdf> Acesso em: 20 jul. 2003.

de sua posição na estrutura das relações de força religiosas(ou seja, em função de seu capital religioso) e, de outro lado, este capital religioso determina tanto a natureza, a forma e a força das estratégias que estas instâncias podem colocar a serviço da satisfação de seus interesses religiosos.³⁸

Na primeira metade do século XX, a disputa pentecostal no interior do campo religioso ainda não apresentava a intensidade da concorrência atual, uma vez que só havia duas igrejas pentecostais atuando, a AD e a CC, e em regiões geográficas diferentes.

1.1- As Primeiras Igrejas Pentecostais

1.1.1 – A Congregação Cristã do Brasil

A Congregação Cristã do Brasil surgiu no contexto da cidade de São Paulo no ano de 1910, no bairro do Brás, bairro formado basicamente por imigrantes italianos. Fundada pelo italiano Luís Francescon, que tinha um projeto: transmitir aos imigrantes italianos a experiência pentecostal que ele adquiriu nos EUA.³⁹

Após uma breve passagem pela Igreja Presbiteriana, Francescon com o auxílio de outros dissidentes presbiterianos fundou a Congregação Cristã do Brasil e iniciou seu trabalho de evangelização. Entretanto, o crescimento da Congregação Cristã do Brasil foi bastante lento, ao menos em comparação com a sua contemporânea, a Assembléia de Deus. Para esta lenta expansão da Congregação Cristã do Brasil em relação à Assembléia de Deus, Rolim levanta algumas hipóteses.

Em primeiro lugar, o trabalho de evangelização era de certa forma bastante restrito, feito de maneira direta, e não através de cultos em praça pública ou programas de rádio⁴⁰. Esta característica de proselitismo tímido não é tão eficaz quanto o proselitismo de massa. Em segundo lugar, o discurso da Congregação Cristã não era adequado ao meio e ao momento histórico no qual ela estava se instalando. O seu objetivo principal eram os italianos empregados das fazendas de café e operários da região de São Paulo. Ora, a classe de trabalhadores que a Congregação queria para

³⁸ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 57.

³⁹ ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostalismo: Brasil e América Latina**. 1ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 48.

⁴⁰ CAMPOS Jr., Luís de Castro. **Pentecostalismo: Sentidos da Palavra Divina**. 1ª edição. Ática, 1995, p. 20-29.

formar seu “rebanho” era justamente a classe que mais resistia à evangelização. Expliquemos isso. Os imigrantes europeus foram quem introduziu no Brasil as idéias de lutas sociais em prol da melhora de condição de vida⁴¹. É nas primeiras décadas do século XX que surgem, principalmente na zona urbana, as organizações dos trabalhadores tais como sindicatos e até grupos anarquistas e comunistas. E de uma maneira geral, esses grupos recomendavam aos seus adeptos o não envolvimento com religiões, inclusive a Católica, pois as religiões, no ponto de vista das lideranças, levavam ao trabalhador aceitar a ordem estabelecida que o desfavorecia, como uma vontade de Deus⁴².

Essas informações são úteis para se entender a lógica de expansão do pentecostalismo no Brasil pelo menos nas primeiras décadas do século XX, especialmente se fizermos uma comparação com o próximo caso. A Igreja Assembléia de Deus.

1.1.2- A Assembléia de Deus

A Assembléia de Deus surgiu em Belém do Pará no ano de 1911, fundada pelos missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg, imigrantes suecos que tiveram sua evangelização na Igreja Batista nos EUA e vieram como missionários dessa Igreja para o Brasil, ficando hospedados em um templo Batista em Belém do Pará.

Esses missionários trouxeram novos hábitos para aqueles batistas. Agindo à margem dos pastores locais, eles organizaram vigílias e cultos domésticos nas casas de alguns membros em busca do “batismo no Espírito Santo”. Espalhou-se um boato em que numa dessas vigílias feitas pelos batistas, uma mulher “falou em línguas estranhas”, fato considerado como a manifestação do batismo do Espírito Santo. Então o pastor que coordenava os cultos na comunidade onde aconteceu o fato, travou um acalorado bate-boca, durante um culto com os missionários suecos, resultando na expulsão destes.

O efeito da expulsão voltou-se de certa forma contra os próprios batistas, pois, já no momento da expulsão, vários membros da Igreja Batista seguiram os missionários

⁴¹ ROLIM, Francisco Cartaxo. **O Que é Pentecostalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 51.

⁴² ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostalismo: Brasil e América Latina**. 1ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 51-54.

expulsos, formando o núcleo do que futuramente passou a se chamar Assembléia de Deus⁴³.

A expansão da Assembléia de Deus merece uma atenção especial pois foi muito mais rápida do que a Congregação Cristã e teve uma dinâmica um pouco diferente. Geograficamente, a Assembléia inicialmente localizou-se nos bairros periféricos de Belém do Pará, e isto não foi algo casual, há uma explicação lógica para isso. Para tanto devemos ter uma noção rápida de como funcionava o catolicismo nessa época.

Primeiramente não podemos perder de vista que a maior parte daqueles que se tornaram pentecostais, especialmente na Assembléia de Deus, não vieram das Igrejas protestantes históricas, e sim da Igreja Católica⁴⁴.

O catolicismo praticado pela população pobre da zona rural e da zona urbana de então, era o catolicismo devocional, ou seja, não era o catolicismo de quem vai as missas todos os domingos e conhece o padre. O catolicismo devocional é aquele de quem está de certa forma marginalizado, longe dos centros urbanos, das Igrejas e dos padres, e para praticar a sua religião prende-se a algo em que possa praticar sem ter que deslocar muito, ou depender de um padre que raramente aparece, para fazer batizados e casamentos.

Portanto, o elemento principal ao qual o pobre se agarrava na sua prática de catolicismo devocional era algo que fosse de certa forma palpável a ele e que lhe ajudasse a resolver seus problemas imediatos: o Santo. Afinal, o homem pobre do campo ou da cidade era esquecido por todos, inclusive pela Igreja. Então, este ser totalmente marginalizado pelo poder público e pela Igreja, quando tinha um problema de qualquer ordem, rezava ao seu santo de devoção, ia às procissões e novenas em homenagem a seu santo, pagava as promessas, e quase tudo à margem do “catolicismo oficial aburguesado”⁴⁵. Entretanto, o distanciamento entre o catolicismo oficial e os pobres não é suficiente para explicar a rápida adesão que a Assembléia de Deus teve no norte do Brasil partindo da periferia de Belém do Pará, outros elementos importantes devem ser assinalados. Um desses elementos, por exemplo, segundo Rolim, é a “frieza” da missa católica. Pode parecer um detalhe insignificante, mas não é. Estamos falando de um tipo de missa do início do século XX, em que os padres ainda a celebravam em

⁴³ ROLIM, Francisco Cartaxo. **O Que é Pentecostalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 35.

⁴⁴ ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostalismo: Brasil e América Latina**. 1ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 19.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 17.

latim, virados de costas para o público. Essa frieza triste não estimulava alguém da zona rural ou mesmo da periferia urbana a caminhar horas para assistir esse tipo de culto.

Além da frieza do culto em si, o distanciamento que acontecia entre as pessoas antes, durante e depois da missa era desanimador. Havia dentro do espaço físico da Igreja uma divisão de classes. Ao final do culto, o padre acabava dando atenção apenas às famílias proeminentes, desprezando os pobres. Tudo isso reforçava a característica devocional doméstica entre as classes mais pobres, que acabou se tornando o terreno preferido para o crescimento da Assembléia de Deus e das outras Igrejas pentecostais que se seguiram. Enfim, na Igreja Católica o fiel não tinha a liberdade que ele posteriormente encontraria nas Igrejas pentecostais. Ao chegar em um templo pentecostal, por exemplo, o membro ou mesmo um visitante era cumprimentado calorosamente, inclusive por estranhos. O tipo de culto pentecostal, onde cada um podia (e ainda pode em muitas igrejas) fazer a oração ao seu modo, com o tom de voz e as palavras que quisesse, inclusive gritando bem alto⁴⁶, vai de encontro à organização excessiva com uma hierarquia bem organizada dentro do culto, típico do protestantismo histórico e da Igreja Católica, o frequentador não tinha uma participação tão destacada como nas Igrejas pentecostais, onde ele podia desenvolver um papel principal no culto.

É claro que entrar para uma Igreja pentecostal nessas décadas iniciais do século XX não era algo realmente fácil. O preconceito era muito grande chegando ao ponto mesmo de evangélicos terem dificuldades para conseguir emprego além de certos tipos de perseguições por parte da Igreja Católica⁴⁷. Entretanto para muitas pessoas desamparadas, apesar dos reveses, uma Igreja do tipo da Assembléia de Deus era praticamente irresistível. Uma Igreja onde o membro, mesmo sendo ignorante e analfabeto, poderia pregar e talvez até chegar a ser um pastor, ou ainda para aqueles que sabiam ler, mesmo que precariamente, finalmente teriam contato direto com a palavra de Deus (Bíblia), pois isso sempre foi bastante incentivado pelas Igrejas pentecostais.

Portanto, percebe-se que o sucesso da Assembléia de Deus sobre a grande massa de devotos pobres católicos no norte e nordeste do Brasil se deve, principalmente, ao fato da Assembléia procurar conquistar seus espaços dentro das lacunas e dos anseios não atendidos pelo Catolicismo, não fazendo, portanto, um confronto direto com a Igreja Católica.

⁴⁶ Observamos isso pessoalmente nos cultos da Igreja Pentecostal Deus é Amor. N/A.

⁴⁷ ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostalismo: Brasil e América Latina**. 1ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 33.

1.2 – A Segunda Onda de Expansão Pentecostal

Após as décadas iniciais do pentecostalismo no Brasil com um forte crescimento da AD, começa então a segunda onda de expansão pentecostal nos anos 50 e 60. Destacando-se em princípio a Igreja do Evangelho Quadrangular⁴⁸, vinda dos EUA onde chamava-se International Church of The Four-Square Gospel. Iniciada nos anos 20 por uma mulher, Aimee Semple McPherson, ela “atravessou os Estados Unidos de carro, lotando auditórios para sessões de cura divina”⁴⁹. Estas características do início da Igreja Quadrangular serão seu diferencial no pentecostalismo brasileiro, por trazer elementos de proselitismo até então desconhecidos por aqui, tais como: a pregação em tendas itinerantes com promoção de “curas milagrosas”, além do intenso uso do rádio.

Outra igreja importante da segunda onda foi a Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo (BPC) por ter trazido algumas inovações que permanecerão na terceira onda, “foi a primeira a ter fundador brasileiro, a eleger políticos e a relacionar-se com entidades ecumênicas”⁵⁰. O fundador Manoel de Mello, ex operário nordestino, fez parte da Cruzada Nacional de Evangelização (futura Quadrangular) e pegou a fase de pregação em tendas, antes de fundar a BPC. Seu fundador tinha pretensões de tornar a instituição mundial, em suas palavras: “Roma deu ao mundo a idolatria; a Rússia, os terrores do comunismo; os EUA, o demônio do capitalismo; nós brasileiros, nação pobre, daremos ao mundo o Evangelho”⁵¹.

A terceira igreja da segunda onda de expansão enumerada por Freston é a Igreja Pentecostal Deus é amor (IPDA). Fundada em 1962 pelo missionário David Martins Miranda, que até hoje controla a igreja com pulso firme dando a ela uma forte característica personalista, mantendo o controle nacional e o controle dos principais estados nas próprias mãos e de seus familiares (esposa, filhos, filhas e genros)⁵². Pela

⁴⁸ FRESTON, Paul Charles. Breve histórico do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. et al. **Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.110. O nome se refere a quatro qualidades de Cristo: Salvador, Batizador no Espírito Santo, Médico e Rei que voltará, ou seja: salvação, experiência carismática, cura divina e expectativa do advento.

⁴⁹ Ibid., p.111.

⁵⁰ Ibid., p.117.

⁵¹ HOLLENWEGER, Walter J. **The Pentecostals**. Londres: SCM, 1972, p. 101. in: FRESTON, Paul Charles. Breve histórico do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. et al. **Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.118.

⁵² MEDEIROS, Rangel de Oliveira. **Igreja Pentecostal Deus é Amor: Discurso Religioso e Liderança Personalista**. Florianópolis: UFSC (Trabalho de Conclusão de Curso de História), 2002.

característica extremamente antiecumênica e isolacionista em relação à outras igrejas, pentecostais ou não, e mesmo pelo seu forte personalismo, a IPDA não teve um crescimento tão vertiginoso quanto outras pentecostais, mas sua relevância reside no fato dela se manter com as características conservadoras dos primeiros tempos do pentecostalismo e ao mesmo tempo difundiu inovações que foram muito absorvidas pelas igrejas da terceira onda, como a IURD:

Vários elementos são antecipações da IURD: as obreiras uniformizadas, os exorcismos na frente, as entrevistas com os demônios, o grito de “queima” para fazer o demônio sair de sua morada... Mas é uma versão amadora, pobre e culturalmente ultrapassada. A IPDA antecipa a Universal no combate frontal à Umbanda e na recuperação de elementos católicos como a prática de benzer e ungir objetos. Outra inovação são as correntes, equivalentes às novenas: a pessoa vai na igreja em jejum por sete sábados (ou terças, etc.) em favor de uma determinada intenção (vencer um vício, conseguir emprego).⁵³

1.3- A IURD e o Campo Religioso Brasileiro

Ainda de acordo com Freston, o berço da IURD e IIGD foi a Igreja de Nova Vida, fundada pelo canadense Robert McAlister. A Nova Vida foi fundamental para a formação da “terceira onda” pentecostal pois foi “pioneira de um carimatismo de classe média”⁵⁴ e serviu como uma espécie de estágio para os líderes da terceira onda, pois tanto Edir Macedo (líder da IURD) e R. R. Soares (líder da Igreja Internacional da Graça de Deus - IIGD) foram membros lá, e foi nessa igreja que buscaram um modelo de igreja “mais culturalmente solto”.⁵⁵ De acordo com Mariano, a Igreja de Nova Vida vai fornecer as bases do neopentecostalismo: “intenso combate ao Diabo, valorização da prosperidade material mediante a contribuição financeira, ausência de legalismo em matéria comportamental”⁵⁶.

A IURD surgiu no ano de 1977 e “começou a crescer rapidamente a partir de 1981”⁵⁷. O crescimento da IURD segue a tendência das religiões pentecostais nas últimas décadas, conforme observa Paul Freston:

⁵³ FRESTON, Paul Charles. Breve histórico do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. et al. **Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994, pp.128-129.

⁵⁴ Ibid., p.132.

⁵⁵ Ibid., p.133.

⁵⁶ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 51.

⁵⁷ FRESTON, Paul. A Igreja Universal do Reino de Deus e o Campo Protestante no Brasil. In: Estudos de Religião, nº 15: **Estratégias Religiosas na Sociedade Brasileira**. São Bernardo do Campo: UMESP, 1998, p. 9.

O crescimento numérico da religião evangélica vem acompanhado de uma penetração cada vez maior de espaços sociais, seja pelo proselitismo direcionado (a atletas, artistas, empresários, presidiários etc), seja pelo cacife corporativo que passa a ser exercido (na política e na mídia) pelas grandes seitas populares cada vez mais conscientes da sua força na sociedade.⁵⁸

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) está inserida no fenômeno que Freston chama de “terceira onda”⁵⁹ pentecostal, o período final da década de 70 quando surgem a IURD em 1977 e a Igreja Internacional da Graça de Deus em 1980. A primeira vista a IURD parece seguir a mesma lógica da maioria das igrejas pentecostais: surge como uma pequena igreja em torno de um líder carismático e a partir deste pequeno núcleo lentamente vai se expandindo. Entretanto a IURD possui algumas especificidades que merecem nossa atenção. As diferenciações da Igreja Universal em relação às outras vão, desde seus aspectos estruturais passando, por seus membros e freqüentadores, sua liderança e principalmente suas estratégias.

Começamos pela liderança, o Bispo Edir Macedo Bezerra, conhecido como Bispo Edir Macedo ou simplesmente Bispo Macedo. Nascido em 1945, era relativamente jovem quando fundou a IURD (tinha 32 anos de idade) e, diferente de muitos outros fundadores de igrejas pentecostais que até se orgulham da pouca instrução formal, Macedo faz questão de divulgar diversos títulos acadêmicos que afirma possuir⁶⁰ (bacharel em Teologia, doutor em Teologia Cristã, doutor em Filosofia Cristã, etc.) e ele próprio assina dezenas de livros publicados pela instituição através das empresas Gráfica Universal e Universal Produções. Toda esse preparo contrasta com uma certa falta de preparo por parte de outras lideranças, como é o caso do líder mundial da Igreja Pentecostal Deus é Amor, Missionário David Miranda que publicou apenas um livro⁶¹ e em condições precárias.

Enquanto muitas lideranças pentecostais procuram manter suas igrejas extremamente “presas” a si próprios, dificultando o crescimento, Macedo conseguiu delegar poderes a outros bispos da IURD tornando-a um poderoso conglomerado de

⁵⁸ FRESTON, Paul. A Igreja Universal do Reino de Deus e o Campo Protestante no Brasil. In: Estudos de Religião, nº 15: **Estratégias Religiosas na Sociedade Brasileira**. São Bernardo do Campo: UMESP, 1998, p. 15.

⁵⁹ FRESTON, Paul Charles. Breve histórico do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. et al. **Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.70.

⁶⁰ Biografia. **Bispo Edir Macedo**. Disponível em <<http://www2.arcauniversal.com.br/bispomacedo/biografia.jsp>> Acesso em 11 jul. 2003.

⁶¹ MIRANDA, David. **Missionário David Miranda: Autobiografia**. São Paulo: Editora Luz, 1992.

empresas sem, entretanto, deixar de figurar como o grande líder da igreja. Percebe-se, aliás, que o forte poder de organização da instituição faz com que chegasse ao extremo dos pastores imitarem a forma de falar do bispo Macedo⁶².

A IURD também se enquadra em um novo tipo de igreja pentecostal, a chamada “igreja eletrônica”. Segundo Cardoso, o que difere a “igreja eletrônica” das demais igrejas que usam meios de comunicação de massa são as seguintes características:

Programa distribuído nacional ou internacionalmente;
apresentação exercida por uma liderança de significativo peso carismático;
solicitação de recursos por parte dos telespectadores para sustentação do programa ou da estrutura que o mantém;
elevados custos de produção e veiculação;
venda de produtos, tais como livros, discos através dos programas;
sistema de controle por telefones, cartas e computação de simpatizantes, colaboradores e telespectadores em geral.⁶³

A IURD pode ser considerada no Brasil a “igreja eletrônica” por excelência, sendo inclusive proprietária de uma emissora de televisão de alcance nacional (Rede Record de televisão⁶⁴), combinando programas comuns e religiosos, além de emissoras de TV, a IURD também é proprietária de emissoras de rádio, jornais de circulação semanal e mensal, revistas, livrarias e editoras, enfim, já é um expressivo conglomerado de comunicação. A propósito a IURD já ultrapassou o conceito enunciado anteriormente de “igreja eletrônica” e entra no século XXI com vários sites na Internet, oferecendo todo o tipo de serviços, tais como: atendimento espiritual, horário de cultos, matérias de jornal e revista na íntegra e o site da Universal Produções com um sistema muito bem organizado de vendas de todo tipo de produtos da instituição (livros doutrinários e infantis, gravações em vídeo, CDs e outros objetos).

Os números oficiais já atestam a eficácia das estratégias de proselitismo da IURD. Conforme dados do Censo de 2000⁶⁵ feito pelo IBGE, a IURD já é a terceira maior

⁶² O autor constatou este fato em cultos assistidos na sede estadual em Florianópolis. Este fato também pode ser constatado comparando-se os cultos transmitidos pela Rede Record de Televisão. Pode-se perceber a semelhança pela entonação da voz e por atitudes do tipo: o pastor fala uma palavra ou frase pela metade e aguarda que a platéia a complete.

⁶³ OLIVEIRA CARDOSO, Onésimo de. **A Igreja Eletrônica – Os Programas Religiosos na Televisão Brasileira**. In: Comunicação e Sociedade. São Paulo, Ano VI, nº 12, outubro de 1984, p. 5-28. In: ORO, Ari Pedro. *Religiões Pentecostais e Meios de Comunicação de Massa no Sul do Brasil*. Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 50, fasc. 198, junho de 1990. p. 304.

⁶⁴ CAMPOS, Leonildo Silveira. *O Marketing e as Estratégias de Comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus*. In: Estudos de Religião, nº 15: **Estratégias Religiosas na Sociedade Brasileira**. São Bernardo do Campo: UMESP, 1998, p. 25.

⁶⁵ Censo 2000. **IBGE**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/religiao_Censo2000.pdf> Acesso em: 20 jul. 2003.

igreja em número de freqüentadores entre as igrejas pentecostais perdendo apenas para as duas igrejas pentecostais mais antigas do Brasil, a Congregação Cristã e a Assembléia de Deus. Entre todas as instituições religiosas do Brasil a IURD já é a sexta maior. Vejamos a tabela abaixo montada a partir do Censo 2000.

INSTITUIÇÃO	Nº DE ADEPTOS
Católica Apostólica Romana	124.980.132
Igreja Assembléia de Deus	8.418.140
Igreja Evangélica Batista	3.162.691
Igreja Congregacional Cristã do Brasil	2.489.113
Espírita	2.262.401
Igreja universal do reino de Deus	2.101.887

Tabela 1 - Fonte: Censo 2000. **IBGE**. Disponível em

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/religiao_Censo2000.pdf>

Acesso em 20/julho/2003.

Além dos números oficiais, não podemos desprezar um fenômeno que escapa aos métodos convencionais de estatísticas e que torna praticamente impossível quantificar a quantidade de freqüentadores de uma igreja pentecostal, especialmente a IURD, conforme podemos observar em Sanchis⁶⁶ e em observações *in loco* feita em pesquisas anteriores⁶⁷. Referimo-nos ao fato de que há uma quantidade significativa de pessoas que vão esporadicamente aos cultos, mas não pertencem a uma instituição pentecostal. Podem ser espíritas, umbandistas, católicos entre outros, enfim, pessoas que em pesquisas como o Censo do IBGE afirmam pertencer à determinada religião, ou ainda dentre àquelas 12.492.403⁶⁸ de pessoas que no Censo do ano 2000 afirmam serem “sem religião” e ainda aqueles que o censo identifica como “sem vínculo institucional”, que são 1.046.487 de adeptos. São pessoas que participam dos cultos, fazem ofertas em dinheiro, recebem “bênçãos”, “revelações” ou “curas” porém não são membros efetivos.

Essas pessoas que aqui chamaremos de “freqüentadores em trânsito”, são a forma mais acabada de trânsito religioso. Entenda-se trânsito religioso como o fenômeno de

⁶⁶ SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal à “cultura católico-brasileira”. In: ANTONIAZZI, Alberto. et al. **Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 52.

⁶⁷ MEDEIROS, Rangel de Oliveira. **Igreja Pentecostal Deus é Amor: Discurso Religioso e Liderança Personalista**. Florianópolis: UFSC (Trabalho de Conclusão de Curso de História), 2002.

⁶⁸ Censo 2000. **IBGE**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/religiao_Censo2000.pdf> Acesso em: 20 jul. 2003.

transferência de membros de uma igreja, seita ou religião para outra, podendo acontecer diversas vezes na vida de uma pessoa.

O trânsito religioso é uma situação que interrompe a continuidade de um certo modo de viver. O trânsito religioso se define por uma situação caracterizada por um corte na vida religiosa que ia se levando. Isso significa que o trânsito religioso é uma situação religiosa problematizada. Nele emerge um problema que não é meramente subjetivo.⁶⁹

A luz de novas pesquisas e observações, percebemos que as constatações de Rolim deixam certas lacunas. Este “corte na vida religiosa” normalmente não é abrupto e nem total, e certas condições podem predispor o indivíduo a “transitar” em busca de um “chão firme” de conforto espiritual. Uma das condições que costuma provocar o trânsito religioso é a quebra da estrutura de plausibilidade.

A dificuldade de manter de pé um mundo se expressa psicologicamente na dificuldade de manter esse mundo subjetivamente plausível. O mundo é construído na consciência do indivíduo pela conversação com os que para ele são significativos (como os pais, os mestres, os amigos). O mundo é mantido como realidade subjetiva pela mesma espécie de conversação, seja com os mesmos interlocutores importantes ou com outros novos (tais como cônjuges, amigos ou outras relações). Se essa conversação é rompida (o cônjuge morre, os amigos desaparecem, ou a pessoa deixa seu primeiro meio social) o mundo começa a vacilar, a perder sua plausibilidade subjetiva.⁷⁰

Rolim⁷¹ constatou essa afirmação de Berger ao analisar o início do pentecostalismo brasileiro, percebendo que o pentecostalismo teve mais eficácia entre aqueles que perderam sua estrutura básica de plausibilidade: mudaram de cidade ou estado (no caso dos primeiros adeptos da Assembléia de Deus) ou de país (no caso dos primeiros adeptos da Congregação Cristã). Hoje em dia, a IURD ainda ganha com essa questão, segundo o Censo 2000, a esmagadora maioria dos membros da IURD é na zona urbana: para cada membro da IURD na zona rural existem 18,4 na zona urbana, enquanto na Assembléia, por exemplo, esta relação cai para 4,4 membros na zona urbana para cada um da zona rural⁷². Apesar da grande diferença numérica que existe no Brasil entre população urbana e rural, podemos concluir com tranquilidade que a IURD é uma igreja essencialmente urbana.

⁶⁹ ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostalismo: Brasil e América Latina**. 1ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 115.

⁷⁰ BERGER, Peter Ludwig. **O Dossel Sagrado**: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985, p. 29.

⁷¹ ROLIM, Francisco Cartaxo. Op. Cit.

⁷² Censo 2000. **IBGE**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/religiao_Censo2000.pdf> Acesso em: 20 jul. 2003.

Sendo uma igreja urbana, teremos de analisar suas estratégias de forma diferente. Não podemos mais pensar simplesmente em um perfil único de fiel nem tampouco naquele tipo quase estereotipado que saía do campo, vindo de um catolicismo devocional e ia para a cidade, como acontecia nos primeiros anos do pentecostalismo. Os membros da IURD atualmente são pessoas que, em sua grande maioria, não nasceram pertencendo a IURD e nem seus pais pertenceram até por que a IURD é uma igreja nova, além disso vieram de outras experiências religiosas e não só do catolicismo. Há ainda outro parâmetro a ser analisado. Se para os primeiros pentecostais os motivos de adesão às novas igrejas eram principalmente o desamparo espiritual, hoje, para muitos iurdianos, além do desamparo espiritual pesa muito o desamparo material. As necessidades modernas são outras, e a IURD tem demonstrado um grande poder de adaptação ao “mercado religioso”, conforme observa Berger, “Durante a maior parte da história humana, os estabelecimentos religiosos existiam como monopólios (...) transformaram-se de monopólios em competitivas agências de mercado (...) Imediatamente a questão de “resultados” torna-se importante”.⁷³

Em uma situação de mercado religioso e de reificação da religião, os “resultados” aos quais Berger se refere são, entre outras coisas, as possibilidades de haver alguma transformação concreta na vida dos adeptos de determinado grupo religioso. Esta transformação pode ser uma melhora na vida financeira, afetiva, ou mesmo uma possibilidade de cura que se apresenta ao adepto. Além disso, a imensa concorrência no “mercado” cristão, especialmente pentecostal, faz com que as igrejas procurem adaptar-se a esse “mercado”, passando por um processo de secularização juntamente com a sociedade na qual ela está inserida. Segundo Berger:

Na medida em que o mundo dos consumidores em questão é secularizado, suas preferências (religiosas) refletirão isso. Isto é, eles preferirão produtos religiosos que podem se coadunar com a consciência secularizada aos que não podem. (...) Mas na medida em que a secularização é uma tendência global, os conteúdos religiosos tendem de um modo geral a se modificar numa direção secularizante.⁷⁴

Esta tendência secularizante dos discursos religiosos como forma de sobrevivência no “mercado” significa uma adaptação das doutrinas no sentido de torná-las mais permissivas, quebrando antigas proibições, a IURD torna-se então uma igreja do tipo

⁷³ BERGER, Peter Ludwig. **O Dossel Sagrado**: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985, pp. 147-150.

⁷⁴ *Ibid.*, 1985, p. 157.

“porta larga”⁷⁵, em contraposição com igrejas do tipo “porta estreita”, como a Congregação Cristã e a Igreja Deus é Amor.

Somente a “tendência secularizante” e a adaptação ao mercado religioso não são fatores suficientes para explicar o rápido crescimento da IURD, até por que essas tendências já são perceptíveis em igrejas pentecostais antigas, como na Assembléia de Deus, que em boa parte já permite que seus fiéis assistam programas de televisão⁷⁶. Percebemos então que o mercado religioso pentecostal é bem vasto e repleto de diferentes opções. Portanto resta saber: o que a IURD tem de novidade no mercado religioso brasileiro? Acreditamos que dentre as inovações da IURD, estão o seu discurso e suas práticas. Começaremos pelo discurso. Devemos portanto entender a idéia de discurso antes de buscarmos o entendimento do discurso religioso:

Os discursos constituem um “sistema de relações de substituição, paráfrases, sinônimas, etc.”, que resultam em configurações diversas para cada um deles. Assim, por exemplo, nos discursos da história e da literatura as palavras, ainda que as mesmas, ganham sentidos próprios, diversos, dada a natureza de cada um. Os discursos não são, portanto, a expressão de um “puro” pensamento, que se utiliza “por acaso” dos sistemas lingüísticos constituídos.⁷⁷

A análise do discurso é uma das nossas principais ferramentas para tentar compreender as estratégias da IURD, pois a análise de discurso permite-nos ao menos “uma relação menos ingênua com a linguagem”⁷⁸, para Orlandi:

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.⁷⁹

⁷⁵ Usamos aqui o termo comum entre os pentecostais, entenda-se igreja “porta estreita” como aquela cuja doutrina é rígida e repleta de proibições, o termo é bíblico conforme aparece em Mateus 7:13 “Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela.”, ou ainda em Lucas 13:24 “Porfiai por entrar pela porta estreita; porque eu vos digo que muitos procurarão entrar, e não poderão.”. Igreja do tipo “porta larga” são as igrejas que não possuem normas tão rígidas, ou que fazem “vista grossa” para algumas transgressões de seus membros.

⁷⁶ MINA, Andréia Mendes de Souza. **Nós e o Mundo. A Construção do Outro: Alteridade e Pertencimento no Material de Divulgação Brasileiro da Igreja Assembléia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus na Década de 90.** Florianópolis: UFSC (Mestrado em História), 2004.

⁷⁷ BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso. História e Literatura.** São Paulo: Ática, 2000, p 51-52.

⁷⁸ ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 3ª Ed. Campinas: Pontes, 2001, p. 9.

⁷⁹ ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 3ª Ed. Campinas: Pontes, 2001, p. 15.

A IURD, por ser uma instituição religiosa veicula o típico discurso religioso. Para Orlandi, o discurso religioso é essencialmente autoritário, pois não faz abertura para contestações e estabelece uma relação de dominação entre Deus e os sujeitos que o seguem. Como em todo discurso autoritário, no discurso religioso, o referente “está ausente, oculto pelo dizer”⁸⁰. Assim vamos partir da caracterização da assimetria entre locutor e ouvinte no discurso religioso segundo Orlandi:

(...) locutor e ouvinte pertencem a duas ordens de mundo totalmente diferentes e afetadas por um valor hierárquico, por uma desigualdade em sua relação: o mundo espiritual *domina* o temporal. O locutor é Deus, logo, de acordo com a crença, imortal, eterno, infalível, infinito e todo poderoso; os ouvintes são humanos, logo, mortais, efêmeros falíveis, finitos, dotados de poder relativo. Na desigualdade, Deus domina os homens.⁸¹

Se “o locutor é Deus”, ou seja, se o pastor fala a “em nome de Deus”, o que ele diz não pode ser contestado.

Percebemos aqui alguns detalhes importantes em relação ao discurso religioso: sua interpretação, reelaboração e transmissão.

Foucault nos chama a atenção para a possibilidade de um discurso poder gerar inúmeros outros novos discursos, como no caso de nosso estudo, o discurso bíblico poder gerar inúmeros outros a partir da exegese de cada igreja que emprega o texto bíblico conforme lhe interessa.

Por ora, gostaria de me limitar a indicar que, no que se chama globalmente um comentário, o desnível entre texto primeiro e texto segundo desempenha dois papéis que são solidários. Por um lado permite construir (e indefinidamente) novos discursos: o fato de o texto primeiro pairar acima, sua permanência, seu estatuto de discurso sempre reatualizável, o sentido múltiplo ou oculto de que passa por ser detentor, a reticência e a riqueza essenciais que lhe atribuímos, tudo isso funda uma possibilidade aberta de falar.⁸²

Detecta-se na IURD, como é comum nas igrejas cristãs, uma diferenciação no acesso aos diferentes níveis do discurso, como observa Foucault “nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala”⁸³. Esta

⁸⁰ ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento**. Campinas: Pontes, 1987, p.15.

⁸¹ Ibid., p. 243.

⁸² FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 9ª Ed. São Paulo: Loyola, 1996, pp. 24-25.

⁸³ FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 9ª Ed. São Paulo: Loyola, 1996, p. 37.

diferenciação começa pela própria produção do discurso que cabe principalmente aos “intelectuais” da IURD, que são conseqüentemente seus principais pastores. Pouca literatura de autores não iurdianos é vendida nas livrarias da igreja ou pela Internet, ao contrário do que acontece, por exemplo, na Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), liderada pelo missionário R. R. Soares.⁸⁴

Esta diferenciação no acesso ao discurso nem sempre é necessariamente imposta. Percebe-se no discurso escrito da IURD um maior refinamento do que naquele falado nos cultos. Embora não haja incoerência entre ambos, é possível saber que nem todos têm acesso ao discurso escrito, isto é facilmente perceptível ao compararmos a tiragem das obras com os números oficiais do IBGE. Ou seja, não é por uma imposição da igreja que um certo tipo de discurso não é tão acessível quanto outros, mas sim pelo veículo de difusão escolhido e pela procura dos receptores deste discurso. É certo que nada é ingênuo nesta relação, nas transmissões de cultos e programas televisivos, evita-se as argumentações polêmicas em relação ao dinheiro, estas argumentações acontecem mais nos livros e nos cultos, locais mais apropriados para estas argumentações.

Mas o ponto alto da difusão discursiva da IURD ainda é o culto, nas diversas observações feitas nos cultos pela televisão ou *in loco* percebe-se uma forte coesão no discurso dos pastores, e comentários que demonstram que ao menos eles tem um acesso maior ao discurso produzido pela liderança e estão bem preparados. A eficácia do culto reside no fato de a maior parte das pessoas presentes comungarem das mesmas crenças. É o culto, ou ritual, o ápice da transmissão do discurso religioso.

(...) o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo do diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção. Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos.⁸⁵

Todas as características discursivas anteriormente mencionadas são subjacentes à maioria das religiões, especialmente às cristãs pelo fato da “palavra de Deus” estar

⁸⁴ Estas impressões foram colhidas por visitas do autor nas sedes estaduais de ambas instituições e visitas em sites de Internet das mesmas. Na IURD predomina os livros escritos pelos seus pastores, principalmente o bispo Macedo, enquanto na IIGD é muito forte a presença de obras de evangelistas americanos renomados, como Kenneth E. Hagin.

⁸⁵ FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 9ª Ed. São Paulo: Loyola, 1996, p. 39.

presente através da Bíblia, basta observamos que a justificação principal das normas dentro das igrejas pentecostais é sempre algum, ou vários versículos bíblicos. Se a essência do discurso é a mesma, resta-nos ainda identificar qual a novidade que a IURD apresenta dentro daquilo que Sanchis⁸⁶ chama de campo religioso brasileiro. Este autor mostra o campo religioso brasileiro como essencialmente sincrético, no qual o indivíduo não se prende a uma única concepção religiosa: “na sua procura de identidade, o sujeito é confrontado tanto com o pluralismo reinante na sociedade quanto com o pluralismo interno às próprias organizações religiosas. Atravessadas de correntes múltiplas, estas organizações não oferecem uma vitrine com um único produto. Em consequência o indivíduo constrói a sua própria identidade religiosa”⁸⁷. Sanchis lembra, então, do pluralismo religioso de uma maneira geral, mas aponta também em uma direção fundamental para o estudo, o “pluralismo interno às próprias organizações religiosas”, ou seja, a apropriação de elementos de outros grupos religiosos “o encontro de universos simbólicos diferentes, e que chamaremos de sincretismo: um processo muito geral, que faz cada grupo se redefinir constantemente em função do encontro com o Outro”⁸⁸.

1.3.1 - A “Guerra Espiritual”

Este “encontro com o Outro” pode se dar de diversas formas, como no caso da “Inclusão/combinção” que a Igreja Universal do Reino de Deus realiza dos Exus e Pomba-giras da Umbanda, chamadas no seu culto para serem submetidos ao ritual de exorcismo.”⁸⁹ Esta afirmação de Sanchis nos leva a repensar o que disse Negrão a respeito da relação entre o pentecostalismo e as religiões afro-brasileiras:

Se há trânsito, trocas e interpretações com relação ao Catolicismo, ao Candomblé e ao Kardecismo, que vão além da mera tolerância, há um hermetismo indisfarçável que bloqueia os contatos com o Protestantismo, em especial o Pentecostalismo. O caráter exclusivista destes, seu proselitismo agressivo e a demonização das religiões rivais impedem que se estabeleçam entre eles senão relações concorrenciais. Outro fator importante que os contrapõe é justamente este. A concorrência religiosa é acirrada na medida em que a clientela disputada é potencialmente a mesma, são os mesmos moradores dos bairros populares, periféricos ou não, de classes inferiores ou

⁸⁶ SANCHIS, Pierre. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: HOORNAERT, Eduardo (org.) **História da Igreja na América Latina e no Caribe. 1945-1995: O debate metodológico**. Petrópolis: Vozes, 1995.

⁸⁷ Ibid., p. 90.

⁸⁸ Ibid., pp. 96-97.

⁸⁹ Ibid., p. 96.

média baixa, inclusive de favelas e cortiços, onde se encontra a maioria dos terreiros. Estes estão sempre próximos a residências ou templos dos crentes.⁹⁰

Na nossa opinião, algumas considerações de Negrão merecem serem revistas. A IURD demonstra através de suas práticas apropriadas das religiões mediúnicas que não há um hermetismo total entre estas e o campo pentecostal. Além disso, a afirmação de que o público visado é principalmente o das classes menos favorecidas é discutível⁹¹, especialmente tratando-se da IURD.

O sincretismo reinante na IURD também é detectado por Campos, que enxerga as práticas da IURD como uma verdadeira miscelânea da religiosidade brasileira: “Do ponto de vista sociológico, a Igreja Universal é um formidável empreendimento sincrético, que juntou num mesmo espaço e discurso tanto a lógica e a terminologia operantes no Kardecismo, catolicismo e protestantismo popular, assim como nas religiões afro-brasileiras”.⁹² Seguindo na mesma linha, Almeida considera que:

O vilipêndio é marca presente na Igreja Universal desde sua fundação, em 1977, e tem como principal adversário simbólico a Umbanda e, de forma mais ampla, toda sorte de crenças que compõem esse caldo religioso “católico-afro-kardecista” brasileiro, povoado de santos, promessas, trabalhos, espíritos, feitiços, maus-olhados etc.⁹³

A IURD admite, portanto, a existência das entidades presentes nas religiões mediúnicas. Isso pode ser evidenciado, por exemplo, na obra de Macedo “Orixás Caboclos e Guias”⁹⁴. Nesta obra o autor faz um estudo baseado na doutrina iurdiana a respeito do Espiritismo e de entidades do Candomblé, Umbanda e Quimbanda. A intenção é desqualificar essas crenças e atrair seus egressos. O autor, já no início da obra, tenta amenizar o conflito com a dedicatória: “A todos os pais-de-santo e mães-de-

⁹⁰ NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a Cruz e a Encruzilhada: Formação do Campo Umbandista em São Paulo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, p. 304.

⁹¹ Vejamos a este respeito, as afirmações de Patrícia Birman. “(...) atualmente, a Universal busca a conversão das camadas médias e absorver destas um certo verniz de distinção dificilmente encontrado nos seus frequentadores habituais(...)Essa investida no meu modo de entender, é difícil mas está longe de poder ser considerada um fracasso. Certamente a Universal possui mais concorrentes, afinal em termos de magia, a literatura de auto ajuda e os inúmeros grupos da chamada nova consciência religiosa não param de crescer, sem falar nos carismáticos católicos e protestantes”. In: BIRMAN, Patrícia (1996). **“O Bispo, o Povo e a TV: Alguns efeitos, talvez inesperados, da presença política recente dos pentecostais”**. Cadernos de Conjuntura do IUPERJ. 54. IUPERJ.

⁹² CAMPOS, Leonildo Silveira. O Marketing e as Estratégias de Comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus. In: Estudos de Religião, nº 15: **Estratégias Religiosas na Sociedade Brasileira**. São Bernardo do Campo: UMESP, 1998, p. 26.

⁹³ ALMEIDA, Ronaldo de. A Guerra das Possessões. In: ORO, Ari Pedro. et al. **Igreja Universal do Reino de Deus: Os Novos Conquistadores da Fé**. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 322.

⁹⁴ MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 15ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001.

santo da nossa pátria”⁹⁵. No ato de negar, Macedo reafirma a existência destas entidades.

Na realidade, orixás, caboclos e guias, sejam lá quem forem, tenham lá o nome mais bonito, não são deuses.

Os exus, os preto-velhos, os espíritos de crianças, os caboclos ou os “santos” são espíritos malignos sem corpo, ansiando por achar um meio de se expressarem neste mundo, não podendo fazê-lo antes de possuírem um corpo. Por isso, procuram o corpo humano, dada a perfeição de funcionamento dos seus sentidos. Existem casos em que, por força das circunstâncias, eles chegam a possuir animais para cumprir seus intentos perversos.⁹⁶

O conflito de crenças é inevitável, mas Macedo procura amenizar o discurso e evita ofender os praticantes de religiões mediúnicas, as ofensas vão para os “demônios” ou para o “diabo”, pois para ele, esses seres “vivem castigando seus seguidores e não têm benção alguma para dar. Pessoas bem intencionadas e religiosas passam anos e anos acreditando de todo o coração nos poderes dos orixás e dos pretos-velhos.”⁹⁷

Macedo usa um artifício bastante inteligente. Ele faz uma apropriação de símbolos presentes na religiosidade brasileira. No momento em que ele ataca seus oponentes religiosos, especialmente as religiões mediúnicas e o Candomblé, acaba por reconhecer entidades presentes no imaginário popular, facilitando a adesão, pois não há uma ruptura total das crenças anteriores. Segundo Baczko, a apropriação simbólica é uma das mais eficazes estratégias de dominação.

Exercer um poder simbólico não consiste meramente em acrescentar a uma potência “real”, mas sim em duplicar e reforçar a dominação efectiva pela apropriação dos símbolos e garantir a obediência pela conjugação das relações de sentido e poderio. Os bens simbólicos, que qualquer sociedade fabrica, nada têm de irrisório e não existem, efectivamente, em quantidade ilimitada. Alguns deles são particularmente raros e preciosos. (...) Do mesmo modo, os guardiães do imaginário social são simultaneamente, guardiães do sagrado.⁹⁸

A apropriação simbólica não é apenas uma estratégia, mas uma necessidade. Segundo Baczko: “Os símbolos só são eficazes quando assentam numa comunidade de imaginação. Se esta não existe, eles têm tendência a desaparecer da vida coletiva ou, então, a serem reduzidos a funções puramente decorativas”⁹⁹.

⁹⁵ MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 15ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001, p. 6.

⁹⁶ Ibid., p. 16.

⁹⁷ Ibid., p. 16.

⁹⁸ BACZKO, Bronislaw. **Imaginação Social**. In: Enciclopédia EINAUDI, Vol. 1. (Memória-História). Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984, pp. 298-300.

⁹⁹ Ibid., p. 325.

Percebe-se claramente que a IURD lança mão de toda apropriação possível de símbolos presentes na religiosidade brasileira. Não nos referimos apenas ao discurso religioso estruturado, mas de uma série de crenças que povoam o imaginário e a cotidianidade brasileiros. Por exemplo, em programa exibido pela Rede Record de Televisão no dia 29 de julho de 2003 o programa “Sessão do Descarrego” mostra uma série de tragédias ocorridas no mês de agosto de diversos anos para ressaltar que no mês de agosto o “mal”, os “encostos” agem com mais facilidade, ressaltando assim uma velha superstição muito forte no Brasil, além de tudo, a pessoa entrevistada para confirmar os perigos do mês de agosto é uma “ex-bruxa” que se apresenta como conhecedora do assunto.

Ainda em relação à cerimônia da “Sessão Espiritual do Descarrego”, onde acontece em maior quantidade a “expulsão” dos “demônios”, percebemos no simbolismo deste tipo de cerimônia uma forma de aliviar de suas culpas e obrigações com os “espíritos malignos” o freqüentador da sessão que se submete ao “descarrego”, ou seja, o “descarrego” significa livrar-se do “carrego”, “uma pessoa não é filha de Exu, mas tem um “carrego” de Exu, uma obrigação para com ele durante toda a vida”¹⁰⁰, o “descarrego”, pode significar ao novo freqüentador da IURD e ex-freqüentador da Umbanda o fim de seus “compromissos malignos” com Exu, portanto, a liberdade e a possibilidade de “renascer”.

O sincretismo e a apropriação simbólica não é nenhuma novidade e a IURD não é a única instituição a conviver com isso. A própria Igreja Católica já convive com isso há um bom tempo e normalmente esse tipo de fenômeno não é desejado nem incentivado dentro da instituição, mas as práticas dos fiéis são consideradas transgressoras. Como exemplifica Sanchis, pesquisas revelam que porcentagens consideráveis de católicos praticantes do Rio de Janeiro e Belo Horizonte acreditam na reencarnação¹⁰¹. Se na Igreja Católica essas práticas não são incentivadas, na IURD é uma das principais estratégias de busca de adesão. Conforme observa Almeida: “A guerra santa travada

¹⁰⁰ CARNEIRO, Edson. **Os Candomblés da Bahia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. in: ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro**: Umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 119.

¹⁰¹ SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal à “cultura católico-brasileira”. In: ANTONIAZZI, Alberto. et al. **Nem Anjos Nem Demônios**: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 37.

consegue, (...) conjugar um sincretismo invertido com a idéia de pluralismo religioso. E, como consequência, a Igreja Universal combate aquilo que, em parte, incorporou”¹⁰².

Dentro desta lógica sincrética a estratégia iurdiana de atribuir a “demônios” problemas como crise financeira, desemprego e doenças, parece ser bastante eficaz. Entretanto a forma como isto é feito é bem refinada, nomeiam-se esses “demônios” e “suas seitas” fazendo com que muitas pessoas acabem se identificando de alguma forma.

Uma vez participante dessas falsas seitas, a hierarquia começa a ser seguida. Filha-de-santo, mãe-pequena, mãe-de-santo, babá, e por aí vai. (...) Tanto no “alto” espiritismo como no “baixo”, seja lá qual for o rótulo usado, a pessoa é encaminhada sorrateiramente até envolver-se totalmente com o mundo dos espíritos. Umbanda, quimbanda, Candomblé, Kardecismo, Bezerra de Menezes, esoterismo, etc., são apenas nomes de seitas e filosofias usadas pelos demônios para se apoderarem das pessoas que a eles recorrem, ora buscando ajuda, ora por mera curiosidade.¹⁰³

Macedo vai além e no intuito de atingir mais pessoas, especialmente aquelas que não praticam nenhuma dessas religiões, estabelece novas formas de ação dos “demônios”. Para ele “O fato de nunca ter ido a uma reunião espírita e de professar uma religião cristã não impede que os demônios se apoderem das pessoas. Em muitos casos, um espírito foi o “senhor” do corpo do pai ou da mãe que faleceu e procura agora se apossar do filho ou da filha para continuar a sua obra maligna.”¹⁰⁴ Portanto para Macedo a possessão é hereditária, pode ser herdada independente da vontade do possuído.¹⁰⁵

Edir Macedo procura deixar bem claro que absolutamente ninguém está livre de ser “possuído” por um demônio. Além de herdar, a pessoa pode vir a ser possuída devido à “trabalhos e despachos” feitos por outra pessoa, “Se um trabalho ou despacho é feito em nome de uma pessoa que não tem o Espírito Santo na sua vida, fatalmente terá maléficis resultados.”¹⁰⁶ Podem ser “possuídas” também por “envolvimento com

¹⁰² ALMEIDA, Ronaldo de. A Guerra das Possessões. In: ORO, Ari Pedro. et al. **Igreja Universal do Reino de Deus: Os Novos Conquistadores da Fé**. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 340.

¹⁰³ MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 15ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001, p. 37.

¹⁰⁴ Ibid., p. 39.

¹⁰⁵ Ibid., p. 39.

¹⁰⁶ Ibid., p. 40.

pessoas que praticam o espiritismo”¹⁰⁷, por ingerir “comidas sacrificadas a ídolos”¹⁰⁸ e muitos ainda “por rejeitarem a Cristo”.¹⁰⁹

Um senhor chegou até nós afirmando sofrer de um problema no estômago há 10 anos. Disse que foi submetido a cinco operações cirúrgicas, mostrou a cicatrizes, e nada, absolutamente nada o curava. Sentia dores fortíssimas e nem ao menos podia tocar com os dedos na região do estômago. Os médicos não resolveram o problema e sua situação era insuportável.

Ao receber a oração da fé, o demônio foi expelido de sua vida. Era um espírito maligno que o fazia sofrer do estômago, simplesmente por causa de uma comida “trabalhada” que aquele homem ingeriu.¹¹⁰

Já mencionamos aqui a atribuição a “demônios” por parte do discurso iurdiano a diversas doenças. Vale ressaltar entretanto, que Macedo usa basicamente o mesmo discurso dos seus inimigos na “guerra espiritual” para acusá-los e desqualificá-los. O inimigo predileto onde o bispo busca suas argumentações é o Espiritismo kardecista, possivelmente por este apresentar uma obra escrita vasta e bem organizada, diferente, por exemplo, da Umbanda. Segundo Macedo, os “demônios” geralmente causam três tipos de doenças: mentais; físicas e espirituais. Cabe comparar, por exemplo, o que ele diz em relação à “perturbações mentais” provocadas por espíritos:

Os demônios atacam a mente das pessoas de duas maneiras: 1. No intelecto. Provocam o ego, a inteligência. Apela para a razão e procuram incutir uma explicação científica, filosófica ou material, porém nunca espiritual. Sabem que os seres humanos são vaidosos e orgulhosos. Começam despertando suas mentes para fenômenos do espiritismo e do ocultismo, levando-os a pensar que a verdade se esconde em experimentos, envolvimento com os espíritos, estudos esotéricos e coisas desse tipo. O fim é o mesmo, de acordo com o que já temos comentado: acabam em sanatório ou consultório de psiquiatria, tendo suas mentes danificadas ou totalmente estragadas pela lavagem cerebral sofrida no espiritismo.

2. Ataque direto. Agem sem piedade, transtornando a mentalidade do ser humano; se alojam no seu cérebro e convidam outros da mesma falange para tomarem parte na destruição. Há casos em que uma verdadeira legião se aloja na mente de uma pessoa para possuí-la e desgraçá-la.¹¹¹

Comparando com o que escreveu Allan Kardec à respeito do mesmo tema, percebemos certas aproximações em ambos os discursos. Evidentemente Macedo apropriou-se do discurso espírita e usou-o contra o próprio Espiritismo. Esta apropriação do discurso espírita facilita sobremaneira a adesão de pessoas que foram espíritas ou simpatizaram de alguma forma pela doutrina espírita, como a extensa gama

¹⁰⁷ Ibid., p. 41.

¹⁰⁸ Ibid., p. 42.

¹⁰⁹ Ibid., p. 43.

¹¹⁰ MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 15ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001, p. 42.

¹¹¹ Ibid., pp. 97-98.

de leitores de livros “psicografados”. Vejamos o que diz Kardec sobre perturbações mentais:

Todas as grandes preocupações do espírito podem ocasionar a loucura; as ciências, as artes, e a própria religião fornecem seus contingentes. A loucura tem por princípio um estado patológico do cérebro, instrumento do pensamento : estando o instrumento danificado, o pensamento é alterado. (...) Havendo uma predisposição à loucura, esta toma o caráter da preocupação principal, que se torna, então, uma idéia fixa. Essa idéia fixa poderá ser a dos Espíritos, naqueles que deles se ocupam, como poderá ser a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma arte (...). É preciso não confundir a loucura patológica com a obsessão. Esta não se origina de nenhuma lesão cerebral, mas da subjugação que Espíritos malfazejos exercem sobre certos indivíduos, e tem por vezes as aparências da loucura propriamente dita.¹¹²

Podemos observar que de certa forma Macedo está referendando, ao menos em parte, as afirmações de Kardec. O próprio Kardec reconhece que “espíritos obsessores” podem provocar perturbações semelhantes à loucura. Um crente da Universal com passagem pelo Espiritismo pode perfeitamente passar a entender “espírito obsessor” como “demônio”, tornando a adaptação de crenças bem simples, sem haver, ao menos neste caso, grandes disparidades entre os discursos. Mesmo em questões mais elementares, como a existência ou não de “demônios”, Macedo mais uma vez apropriou-se do discurso kardecista e reconhece a existência destas entidades, nos moldes semelhantes ao do Kardecismo: comparemos os discursos, começando pelo que diz Kardec em relação aos “demônios”:

O Espiritismo não admite os demônios no sentido vulgar da palavra, mas admite os maus espíritos que não valem melhor e que fazem igualmente o mal, suscitando maus pensamentos: somente ele diz que esses não são seres à parte, criados para o mal e perpetuamente devotados ao mal, espécie de parias da criação e carrascos do gênero humano; são seres atrasados, ainda imperfeitos, mas aos quais Deus reserva o futuro.¹¹³

Macedo segue uma linha de pensamento semelhante, mas devemos perceber que há diferenças conceituais importantes, enquanto Kardec afirma que os “espíritos maus” podem evoluir e melhorar, Macedo diz que os “demônios” são essencialmente maus por natureza e atuam há milênios, desde o princípio dos tempos. E por serem, nas palavras de Macedo “espíritos sem corpos (...) sempre, na história da humanidade satanáis

¹¹² KARDEC, Allan. O que é o Espiritismo. In: KARDEC, Allan. **O que é o Espiritismo**. 52ª Ed., Araras: IDE, 2003, pp. 71-73.

¹¹³ Ibid., p. 97.

arranjou um jeitinho para conseguir entrar no corpo do homem e usá-lo como lhe convém”:¹¹⁴

Os deuses famosos na Antiguidade, tanto no Egito, quanto na Mesopotâmia, bem como os da mitologia africana, são na realidade demônios que nunca deixaram em paz o homem, seu alvo principal. Os demônios, em sua maioria, personificam os males, atuam como espíritos sem cor, sexo, dimensões, enfim, sem corpos. Procuram seres vivos para através deles se exprimirem, e o homem é o seu principal alvo. Como não possuem corpos, vivem se apossando daqueles que não tem cobertura de Deus; são inimigos de Deus e do homem, por ser este a coroa da criação divina.¹¹⁵

Cabe fazermos agora uma comparação entre o que diz Kardec a respeito de “espíritos inferiores” com o que acontece nas manifestações mediúnicas da Umbanda e como a IURD se apropria destas características, inclusive no momento dos cultos. Para Kardec, os espíritos têm níveis diferentes de acordo com sua aprendizagem em vida e o seu nível de evolução:

Reconhece-se a qualidade dos Espíritos pela sua linguagem; a dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de contradições; nela transparecem a sabedoria, a benevolência, a modéstia e a moral mais pura; ela é concisa e sem palavras inúteis. Nos espíritos inferiores, ignorantes ou orgulhosos, o vazio das idéias é quase sempre compensado pela abundância de palavras. Todo pensamento evidentemente falso, toda máxima contrária à moral sadia, todo conselho ridículo, toda a expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola, enfim toda marca de malevolência, presunção ou arrogância, são sinais incontestáveis de inferioridade num Espírito.

Os Espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes; seu horizonte moral é limitado, sua perspicácia restrita. Eles não têm das coisas senão uma idéia freqüentemente falsa e incompleta e estão, por outro lado, ainda sob a influência dos preconceitos terrestres que tomam, algumas vezes, por verdades; por isso, eles são incapazes de resolverem certas questões. Eles podem nos induzir ao erro voluntária ou involuntariamente, sobre o que eles próprios não compreendem (...) encontram-se no mundo dos Espíritos, como sobre a Terra, todos os gêneros de perversidades e todos os graus de superioridade intelectual e moral.¹¹⁶

A partir desta citação podemos inferir que o próprio Kardec admite a possibilidade dos espíritos terem uma natureza má e fazerem mal aos vivos, além da possibilidade de induzir as pessoas ao erro. Por conta da adaptação do discurso kardecista feita por Macedo, o discurso espírita acaba corroborando os ataques feitos por Macedo ao Espiritismo e a outras formas de Espiritismo. É importante destacar que Macedo associa

¹¹⁴ MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 15ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001, p. 26.

¹¹⁵ MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 15ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001, p. 20.

os “demônios” aos “espíritos” mencionados por Kardec, a associação que Macedo faz é perceptível, por exemplo, quando ele diz que os “demônios” “são somente espíritos que andam à procura de corpos para se expressarem através deles”¹¹⁷.

Percebemos também a apropriação por parte de Macedo de elementos que são mais comuns na Umbanda. No tocante à “possessão”, Birman observa que “os umbandistas são, portanto, súditos de vários senhores e dividem o seu tempo, o seu corpo e a sua pessoa trabalhando para todos, tentando conciliar essas vontades diversas entre si e consigo mesmos.”¹¹⁸, Macedo, por sua vez diz que a possessão demoníaca “é a habitação de um ou mais demônios no corpo de uma pessoa, exercendo-lhe controle e influência, com prejuízos para as funções mentais e físicas. Nesse caso, os demônios agem no interior da pessoa, de dentro para fora”¹¹⁹. Portanto, mais uma vez a IURD não nega as crenças de uma de suas “inimigas”, mas as reafirma resignificando-as e as utiliza para proveito próprio, a fim de imputar a Umbanda a capacidade de causar males que só a IURD “pode resolver” com a expulsão dos demônios, males físicos, como as doenças, questão que trataremos adiante.

Não podemos deixar de mencionar que existe uma diferença fundamental entre os cultos afro-brasileiros e as igrejas cristãs na forma de encarar a possessão. Enquanto nas igrejas cristãs, como a IURD, por exemplo, as entidades que estão “possuindo” um corpo devem ser expulsas, nos cultos afro-brasileiros procura-se conviver com essas entidades.¹²⁰

O interesse de Macedo em atacar o Espiritismo e outras religiões mediúnicas está no fato de Macedo acreditar haver no Brasil um grande número de praticantes destas religiões, Macedo acredita haver um número muito maior do que o mencionado no censo oficial¹²¹:

O diabo tem tentado confundir o povo e até certo ponto tem sido bem-sucedido. O Brasil, por exemplo, tem mais de um terço de sua população nas suas garras. São mais de 40 milhões de espíritas que estão enganados e precisam conhecer a verdade só revelada por Jesus. O que sobra da

¹¹⁶ KARDEC, Allan. O que é o Espiritismo. In: KARDEC, Allan. **O que é o Espiritismo**. 52ª Ed., Araras: IDE, 2003, pp. 123-124.

¹¹⁷ MACEDO, Edir. op. cit., p. 34.

¹¹⁸ BIRMAN, Patrícia. **O Que é Umbanda**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985, p. 25.

¹¹⁹ MACEDO, Edir. **Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus**. Volume 2. 1ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1999, p. 61.

¹²⁰ BIRMAN, Patrícia. Op. Cit., p. 15.

¹²¹ Macedo menciona 40 milhões de espíritas sem especificar o tipo de espiritismo, no entanto o Censo 2000 do IBGE menciona um total de 2262401 praticantes declarados do espiritismo, 397431 da Umbanda e 127582 do Candomblé, perfazendo um total de 2787414, bem menos que os 40 milhões mencionados por Macedo.

população brasileira, ora vive consultando os “guias” nos terreiros, ora vive amedrontada e escondida.¹²²

E mais uma vez Macedo exime de culpa o praticante daquilo que ele considera um “pecado”, ao dizer “espíritas que estão sendo enganados”, ou seja, nas palavras de Macedo, a culpa não é do indivíduo, mas dos “demônios” que os enganam.

E esses “demônios” têm nome. No momento do culto quando são feitos os “exorcismos”, o pastor sempre pergunta ao “possuído” o nome da entidade que “está em seu corpo”, quem “responde” é a própria entidade, e o nome respondido é geralmente de uma entidade da Umbanda, um dos inimigos preferenciais da IURD, a Universal utiliza os mesmos nomes comuns na Umbanda para nomear seus cultos, só que de forma inversa, pois o “bem” é o “oposto” do mal. Por exemplo, na Umbanda é bastante conhecido o exu “Tranca-ruas”, a Universal, em suas chamadas na TV para os cultos da “Sessão Espiritual do Descarrego” se refere a esta cerimônia como uma cerimônia de “Abre-caminhos”, aliás, o termo “descarrego” também é proveniente da Umbanda¹²³. Além disso, na Umbanda é forte a presença da Mãe-de-santo e do pai-de-santo como sacerdotes, e de outras entidades que representam uma figura paternal, como os pretos-velhos. Seguindo essa linha, a IURD passa a se referir a Deus por diversas vezes como “Pai das Luzes”.

Segundo Ortiz, é observada também na própria Umbanda o dualismo entre “bem” e “mal”:

Em princípio existem quatro gêneros de espíritos que compõem o panteão umbandista; podemos agrupá-los em duas categorias: a) espíritos de luz: caboclos, pretos-velhos e crianças – eles formam o que certos umbandistas chamam de “triângulo da Umbanda”; b) espíritos das trevas – os exus. Esta divisão corresponde à concepção cristã que estabelece uma dicotomia entre o bem e o mal; enquanto os espíritos de luz trabalham unicamente para o bem, os exus, em sua ambivalência, podem realizar tanto o bem quanto o mal, mas representam sobretudo a dimensão das trevas.¹²⁴

É bastante visível a aceitação destas “obras malignas” como trabalhos “demoníacos” durante os testemunhos. A IURD tem uma cerimônia específica para tratar com a “possessão”. É a “Sessão Espiritual do Descarrego”.

¹²² MACEDO, EDIR. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 15ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001, p. 71.

¹²³ BIRMAN, PATRÍCIA. **O Que é Umbanda.** São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985, p. 49.

¹²⁴ ORTIZ, RENATO. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes.** Petrópolis: Vozes, 1978, p. 65.

O culto tem levado milhares de pessoas, todas as semanas, a exercitarem a fé no Pai das Luzes, e grandes milagres ocorrem na vida daqueles que, verdadeiramente, crêem em Jesus. O bispo Célio Lopes ministra esse encontro de fé com determinação, clamando pela cura, pela libertação e transformação na vida das pessoas. (...) Durante a Sessão, são feitas orações especiais, onde homens e mulheres que serviam às trevas e hoje servem ao Pai das Luzes, em uma só fé, fazem uma corrente de oração repreendendo todos os encostos que trazem maldições na vida das pessoas. A população participa dessa reunião, e muitos pais e mães de encostos, ao chegarem à IURD, ficam surpresos quando verificam que por um longo período foram possuídos e enganados por esses espíritos malignos, chegando muitas vezes a dar conselhos e consultas, sempre impondo uma falsa bondade. Muitos chegam com desejo de suicídio, vícios, doenças que os médicos não descobrem a causa, visão de vultos, audição de vozes, enfim cheios de problemas espirituais. Porém, ao assistirem à Sessão Espiritual de Descarrego, ouvirem a Palavra de Deus, exercitam a fé, e milagres acontecem. Elas recebem orações fortes e saem fortalecidas para enfrentarem o mal e obterem a vitória em nome do Senhor Jesus.¹²⁵

Os testemunhos, prática muito comum nas igrejas pentecostais, são momentos durante um culto ou em um programa de rádio ou televisão em que um fiel faz um breve relato de sua vida, uma espécie de autobiografia ressaltando a sua própria história de vida no “antes” e “depois” da conversão à igreja. O ato de relembrar¹²⁶ certamente não é um ato involuntário e livre de distorções, como lembra Bosi: “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer”¹²⁷. Afinal os testemunhos objetivam servir de exemplo para ouvintes e telespectadores que possam estar passando por situações parecidas e buscam solução e conforto espiritual. Portanto, seguindo os conselhos de Bosi: “A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas conseqüências que as omissões (...). Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida”¹²⁸. Assim, os eventuais exageros e distorções fazem parte do processo de “desfiguração que o passado sofre ao ser remanejado pelas idéias e pelos ideais presentes”¹²⁹. Vejamos o testemunho a seguir transcrito do programa “Falando de fé” onde um pastor entrevista uma moça chamada Angela Maria.

Pastor: E como você pôde perceber a sessão espiritual do descarrego é uma reunião muito especial, uma vez que todos os problemas, diversos problemas, são resolvidos. (...) Nós estamos aqui com a Angela Maria, que sofria muito,

¹²⁵ JORNAL FOLHA UNIVERSAL, nº 586, 5 out. 2003.

¹²⁶ Agradecemos as sugestões recebidas da Professora Dr^a Maria Teresa Santos Cunha da UDESC durante palestra proferida em 23 de junho de 2003 para a disciplina Seminário de Pesquisa I do curso de Mestrado em história da UFSC sobre o tema: “Escritas Ordinárias”.

¹²⁷ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 2^a Edição. São Paulo: Editora da USP, 1987, p. 17.

¹²⁸ Ibid., p. 1.

¹²⁹ Ibid., p. 24.

né Ângela? É uma jovem que já pôde amargar muitas dores na sua vida. (...) Você vai contar pra gente por que chegou e como chegou naquela situação.

Angela Maria: Eu era uma pessoa muito nervosa, que bebia muito, tinha doenças, então em casa eu brigava muito com minha família (...) quando eu tava junto com eles ali tinha uma coisa que... quando eu chegava perto deles parecia que chegava junto comigo algo mais forte que fazia com que eu brigasse com eles. Durante o pouquinho de tempo que eu estava com eles eu tava sempre brigando. (...) Depois que eu comecei a estudar à noite a minha vida não tinha sentido (...) depois eu comecei a beber para esquecer o sentimento que eu tinha dentro de casa e fora de casa também.

P.: Na verdade o sofrimento que havia na sua casa estava dentro de você?

A.M.: Estava dentro de mim mesmo. Só que eu queria esquecer tudo aquilo (...). Saía com os amigos, entre aspas, lá do mundo, então a gente saía, bebia bastante, fazia festas, às vezes até deixava de ir na aula pra poder sair pra beber, fazer bastante festa, minha vida era assim.

P.: E você tentou então na bebida tirar aquele vazão, a depressão que você sentia, na verdade era consequência de uma força espiritual do mal. Você concorda comigo?

A.M.: É isso mesmo.

P.: Você percebia que estava fora de si quando você procedia dessa forma, agredindo verbalmente e moralmente a sua mãe e seus familiares? Quando você ficava sozinha e analisava aquilo que tinha acontecido você percebia que tinha alguma coisa que lhe impulsionava a falar tudo aquilo? Ou não?

A.M.: Eu percebia. Por que quando eu tava deitada no meu quarto eu sentia algo que falava no meu ouvido, sentia vultos que passavam por mim, eu sentia que sopravam no meu ouvido. Eu até conversava com esse vulto, eu não via, mas eu conversava, perguntava o que é que ele queria. Eu sentia que tinha algo diferente na hora em que eu brigava com a minha família, aí ali eu comecei a pensar: meu Deus o quê será isso?

P.: E você chegou a procurar a casa dos encostos?

A.M.: Quando eu fui morar com a minha irmã ela freqüentava. Aí eu ia junto com ela só que eu ficava do lado de fora, então ela que entrava pra se consultar.

P.: Mas você sabe que isso também era um dos motivos pelo qual esses encostos acabavam influenciando na sua vida. Por que só o fato de você se aproximar, acompanhar quem está lá já é o suficiente.

A.M.: É verdade. Eu morava junto com a minha irmã. Então a gente ia sempre junto.

P.: Isso tudo acabou?

A.M.: Isso tudo hoje acabou.

P.: Como acabou? O quê é que você fez?

A.M.: À noite, em casa como eu tinha insônia, eu fui assistir televisão. O testemunho dessa pessoa que foi falando na televisão coincidia com o que eu estava passando. (...) No testemunho dela disse que havia uma solução. O bispo na televisão estava falando: “Você que está em casa, que está sofrendo, há uma solução na sua vida”, e nesse mesmo horário eu e minha irmã estávamos assistindo juntos.

P.: Você foi até a igreja?

A.M.: Então a gente foi junto pra igreja. Já no primeiro dia que eu coloquei meus pés dentro da igreja já houve uma mudança. Aquele peso... aquela insônia..., à noite eu fui pra casa depois da reunião já mais leve. Quando eu comecei a freqüentar a igreja muitas barreiras já surgiram na minha frente, já vinham pessoas e falavam: “O quê que você vai fazer nessa igreja? Nessa igreja todo mundo é ladrão. Vai fazer o quê se o pastor só quer o teu dinheiro”. Ma eu não dei ouvidos a essas pessoas e continuei firme, por que eu queria uma mudança na minha vida, por que eu não agüentava mais sofrer.

P.: A depressão?

A.M.: Hoje eu não tenho mais depressão.

P.: A bebida?

A.M.: Hoje eu não bebo mais. Não gosto nem de ver bebida na minha frente.
P.: Se libertou completamente.
A.M.: Tudo. Não tenho mais doença. A bronquite que os médicos falavam que não tinha cura, hoje não tenho mais nada. Hoje eu respiro muito bem.
P.: O desejo de suicídio ainda existe?
A.M.: Não. Hoje eu só quero viver.
P.: Houve uma transformação?
A.M.: Hoje houve uma transformação.¹³⁰

Certas diferenças devem ser detectadas quanto ao que recomenda Bosi ao se fazer uma entrevista e a forma como a entrevista foi conduzida pelo pastor. Enquanto Bosi recomenda que o entrevistador deve ter uma postura de auxiliar a desencadear a memória do entrevistado, o pastor iurdiano faz as perguntas de forma a induzir as respostas. Este mecanismo torna os programas e os testemunhos relatados bastante repetitivos, os testemunhos seguem basicamente o seguinte ciclo: O entrevistado narra a sua vida como uma vida “normal”; depois começa a decadência financeira e afetiva por conta da ação de espíritos; em seguida a conversão à IURD e por fim a “libertação” e conseqüentemente a resolução de seus problemas. Este tipo de testemunho que é maciçamente repetido procura mostrar a “eficácia” da IURD em promover o sucesso na vida daqueles que se tornam membros da igreja.

Algumas expressões neste testemunho merecem ser destacadas. Por exemplo “sessão do descarrego”, ou seja, a pessoa busca “descarregar-se” dos espíritos que lhe possui e causa discórdias, doenças e vícios, “livrar-se de um peso”. Percebe-se que os erros cometidos pela pessoa são atribuídos aos demônios ou “encostos”, portanto a pessoa não deve se sentir tão culpada, pois o responsável direto pelos seus erros é o “encosto” e não ela, que agia “sem saber”. E no momento em que se fala nos encostos tanto o pastor quanto ela reforçam a idéia pregada pela doutrina iurdiana de que basta apenas um contato ou mesmo uma aproximação física para que a pessoa seja possuída. Outra expressão importante mencionada pela moça é “mundo”. Esta palavra, no contexto do pentecostalismo e nesta ocasião do testemunho funciona como um “mundo externo a IURD” e portanto é um sinônimo de pecado. É muito comum entre os pentecostais expressões do tipo “mundano” ou “coisas do mundo” para identificar algo externo às suas igrejas ou considerado pecaminoso dentro da doutrina que seguem.

Após o relato de sofrimento, vem a “redenção” que acontece com a conversão. Segundo a depoente, apesar da “força” que dificulta a sua conversão e os “obstáculos” ela consegue ir até um templo da IURD, e após o primeiro culto ela afirma sentir o

¹³⁰ FALANDO DE FÉ. Rede Record de Televisão, 04/agosto/2003.

alívio de seus problemas imediatamente. Então acontece a “transformação”, a “solução” de seus problemas, a “cura” e a “libertação”.

O discurso iurdiano normalmente mantém um tom respeitoso ao referir-se às outras igrejas pentecostais¹³¹, entretanto deixa claro, ainda que com certa sutileza, a “superioridade” da IURD em lidar com os problemas enfrentados pelas pessoas, especialmente a “possessão”, negando, portanto, a eficácia das outras igrejas, mesmo as pentecostais, em ter tantos poderes como a IURD para “expulsar demônios”:

Conheci uma senhora, membro de uma igreja evangélica por 18 anos consecutivos. (...) tinha testemunho exemplar e exercia cargos na igreja. (...) Quando orei, aquela senhora se entortou e se tornou bastante agressiva, falando palavras desconexas e fazendo gestos estranhos. Percebi que ela estava completamente endemoninhada. Na conversa que tivemos posteriormente, em meu escritório, ela declarou ter sido uma crente fiel durante todos aqueles anos e não sabia explicar o acontecido. Foi um caso muito sério, pois por três meses, aquela senhora manifestava em seu corpo os mais estranhos demônios, até ser totalmente libertada, tornando-se, posteriormente, uma fiel obreira da Igreja.¹³²

Além de oferecer “libertação” às pessoas, na concepção de Macedo, uma igreja tem de oferecer uma “imunização” eficaz contra o mal, ou seja, nesta concepção, só está realmente imune quem pertence a IURD e pratica seus preceitos, sendo que as outras igrejas não podem oferecer esta “imunidade”:

A Verdadeira Imunização

Para alguém se tornar verdadeiramente imune contra toda macumba, olho grande, inveja, etc., a única solução é seguir as pisadas do Mestre Jesus. Talvez o leitor confabule: “Mas eu frequento uma boa igreja evangélica, já me batizei, participo de todos os programas da igreja e ainda sou atingido!”. Embora todas essas coisas sejam boas, não bastam. Infelizmente, vemos pessoas que as praticam, mas vivem vitimadas pelas hostes infernais.¹³³

Retribuindo os ataques que a IURD sofre das outras igrejas pentecostais sobre os abusos cometidos nos cultos de exorcismo, Macedo adverte que, se uma igreja não consegue oferecer os mesmos produtos oferecidos pela IURD, como, por exemplo, a “libertação”, esta igreja é “fraca”:

Podemos considerar uma igreja forte se ela estiver alistada para a luta contra todas as potestades infernais. Uma pessoa endemoninhada não pode sair da igreja do jeito que entrou. Se na igreja o poder de Deus sobre os demônios

¹³¹ Ecumenismo. **Plenitude**, Rio de Janeiro, n.61, p. 31, maio/1997. “Hoje, pode-se dizer que existe um certo ecumenismo entre evangélicos, havendo um forte intercâmbio entre membros de diversas denominações”.

¹³² MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 15ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001, p. 116.

¹³³ *Ibid.*, pp. 113-114.

não for exercitado, ela se transformará em um clube ou uma escola bíblica. Evangelho é poder, e poder tem de ser exercido para a derrota de satanás e a glória de Deus!¹³⁴

E nem mesmo as igrejas protestantes históricas escapam dos ataques de Macedo, que também são chamadas de “fracas” por não adotarem práticas semelhante à da IURD:

As chamadas igrejas clássicas ou tradicionais que começaram fundamentadas no poder de Deus, mas, com o passar dos anos, deram lugar à tradição dos homens, são exemplos de igrejas que podemos chamar “fracas”. Muitas se transformaram em verdadeiros clubes sociais e vivem da promoção de festinhas musicais, apresentações artísticas, shows e coisas desse tipo.¹³⁵

Ainda segundo outra fonte da IURD, a Revista Plenitude, em artigo publicado em 1996, “como se não bastasse, o diabo está se infiltrando em igrejas evangélicas (seu alvo predileto) com suas doutrinas diabólicas”¹³⁶.

1.3.1.1 – Um Culto da Sessão Espiritual do Descarrego

Antes de narrarmos o culto, cabe fazermos algumas observações quanto aos procedimentos adotados nas visitas ao templo da IURD¹³⁷. Queremos deixar claro que não foi feita nenhuma gravação em áudio ou vídeo, nem tampouco foram tiradas fotografias. Frequentamos o culto como mero espectador e as poucas anotações que foram feitas durante os cultos trataram-se principalmente dos títulos e números dos versículos bíblicos citados ou lidos pelo pastor, sendo que estas anotações foram feitas de forma discreta para não causar absolutamente nenhum constrangimento aos pastores e frequentadores da igreja. Todas as observações escritas a seguir foram feitas a partir dos relatórios de visita aos cultos, que por sua vez foram redigidos logo após os cultos, de memória.

No dia 23 de dezembro de 2003 fomos assistir um culto da “Sessão do Descarrego” na sede estadual da IURD em Florianópolis. Ao adentrarmos no templo, percebemos que havia uma decoração especial para a ocasião. O templo estava com todas as paredes e o teto revestidos por um véu branco semitransparente e sobre o véu que estava abaixo

¹³⁴ Ibid., p. 126.

¹³⁵ MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 15ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001, p. 121.

¹³⁶ O Diabo está na Moda? Revista **Plenitude**, Rio de Janeiro, n.59, p. 8, maio/1996.

¹³⁷ Localizada na Avenida Mauro Ramos, nº 184, em Florianópolis.

do teto havia estrelas de papel recortadas. O púlpito estava totalmente coberto por uma cortina branca com bordas douradas. Mas o que mais chamava a atenção era uma tenda retangular armada com um tecido branco semitransparente de onde um pastor presidia a sessão fazendo preces pelas pessoas que estavam presentes, falando em enfermidades e problemas pessoais e familiares de homens e mulheres. Então o pastor saiu de dentro da tenda e pudemos perceber como era a sua roupa e a de outros pastores, tratava-se de uma túnica dourada e brilhante, aberta na frente, lembrando uma capa. O pastor caminhou então pelo templo portando um microfone sem fio e continuou a fazer suas preces, o ambiente rapidamente tornou-se apoteótico, e para aumentar o “suspense” havia um som de teclado ao fundo, pude perceber que o som era ao vivo, o tecladista tocava acordes contínuos e com longa duração. Por vezes o som do microfone ficava muito alto, tornando ainda mais enfáticas as preces do pastor. Enfim, o ambiente do culto foi preparado para criar uma “atmosfera mágica”. Outro detalhe importante foi a quantidade de pessoas presentes, o templo estava quase cheio e era um dia útil em pleno horário de trabalho ou de compras para o natal.

Um dos momentos principais do culto foi quando o pastor convida a todos os que estão com problemas causados por “encostos” passem por dentro da tenda para que a expulsão dessas entidades aconteça, pela passagem na tenda e pela imposição das mãos dos pastores, algumas pessoas passam mal, é nesse momento que o pastor repete os diversos problemas que possam estar afligindo homens e mulheres, doenças, depressão, envolvimento dos filhos com drogas, alcoolismo, problemas financeiros, abandono do lar pelo marido e até frigidez. É importante observar que uma boa parte dos dizeres do pastor são direcionados às mulheres e os problemas são atribuídos principalmente a entidades do Candomblé, Macumba e Umbanda, o pastor chega a mencionar frases do tipo “trabalho que foi feito para ti mulher”, ou “foi feito um trabalho no cemitério para ti homem, onde a cabeça de um cadáver foi trocada por uma cabeça de cera”, ou ainda, fala em “bonecos” de trabalhos de magia, e também algumas entidades são “desafiadas” a se manifestarem para serem expulsas (Exu-caveira, Zé-pilinha e Pomba-gira).

Percebemos que algumas pessoas que nos circundavam usavam uma túnica branca com o símbolo da IURD nas bordas, ao longo do culto o pastor foi chamando as pessoas para participarem da “fogueira santa do monte Moriá”, uma campanha de “sacrifício” a

partir da quantia de 366 reais¹³⁸, o pastor partia desta quantia e falava em até 100 mil reais, neste culto, o pastor estava buscando novas adesões. Neste momento a cortina do púlpito já havia sido aberta e havia um cenário muito bem montado, com um painel cobrindo toda a parede com uma fotografia enorme do monte Moriá e do templo que nele se encontra, além disso, na frente do painel havia um altar de pedra cenográfico e sobre este altar fogueiras artificiais, simulando o altar de um sacrifício do Antigo Testamento. A tenda então foi fechada para que as pessoas que quisessem aderir pudessem conversar com os pastores. Os dizeres do pastor principal davam a entender que as pessoas que não possuíssem todo o dinheiro fossem lá para “negociar”. O pastor insistia em dizer que haveria uma mudança na vida de quem participasse da campanha (cura, prosperidade, libertação). As pessoas que aderiam recebiam a túnica branca e tiravam uma foto junto com o pastor e, segundo ele, essa foto seria levada para o monte Moriá em Israel.

O pastor usava constantemente a expressão “tá ligado?” e as pessoas respondiam “tá ligado”, talvez uma “marca registrada” daquele pastor, que aparentava ser bem jovem.

Foram abençoados diversos “objetos sagrados” que as pessoas portavam, um anel triplo representando a tríplice aliança com Deus, um lenço vermelho que o pastor dizia ser um manto e um pingente comemorando a passagem do ano.

O pastor perguntou se havia alguém que ainda necessitava ser “libertado”, então uma jovem apareceu na frente do pastor e uma “entidade” “manifestou-se” nela. Ela então ficou com a cabeça baixa e as mãos para trás como se estivessem amarradas¹³⁹, o pastor passou a “conversar com a entidade” e perguntar o que ela estava fazendo com a moça, a moça começou a falar como se fosse a entidade, com um som gutural como é costumeiro nestas sessões, a “entidade” dizia que estava na moça há muitos anos e que havia provocado a separação dela e uma briga com a mãe dela, além de empobrecimento. Por vezes a moça “voltava ao normal” e o pastor perguntava a ela sobre sua vida, e ela confirmava as informações dadas pelo “encosto”. A conversa prosseguiu com manifestações intercaladas do “encosto” até que o pastor finalmente “o expulsa” com a ajuda das pessoas presentes que gritavam “sai” e “queima”.

¹³⁸ O Pastor marcou duas datas limites para recebimento do sacrifício, o dia 31 de dezembro de 2003 na vigília da passagem do ano e o dia 11 de janeiro de 2004. É importante lembrar que o ano de 2004 tem 366 dias.

Ao terminar o culto o pastor convida as pessoas a virem assistir um culto no dia 25 e a participarem de uma caminhada após o culto até as obras de uma grande catedral que estava sendo construída não muito longe dali (atualmente está sendo finalizada, e no momento em que este texto foi encerrado, já se faziam cultos aos domingos nesta catedral, que de acordo com a IURD, é a maior do estado), e diz que para as pessoas verem o que está sendo feita com o dinheiro que contribuem.

No momento do culto em que se faz a “expulsão de demônios”, percebe-se mais uma vez a apropriação pela IURD desta vez das práticas rituais da Umbanda. As semelhanças são visíveis, conforme observa Ortiz na Umbanda ao se referir ao momento em que os exus “baixam” na pessoa a ser “possuída” ou “cavalo”: “O próprio corpo se deforma, as mãos e os braços ficam retorcidos, o espírito fala com uma voz gutural gritando”¹⁴⁰, e da mesma forma como acontece no culto da IURD, onde o pastor demonstra ter autoridade sobre os “espíritos”, na Umbanda:

No início da sessão, o chefe do terreiro, dirigindo-se aos médiuns, ordena-lhes firmemente que não digam obscenidades durante a incorporação (...) caso um exu pratique atos muito chocantes ele é imediatamente repreendido, e se insiste em continuar sua ação o chefe do terreiro o faz caminhar imediatamente de volta ao reino perdido das trevas¹⁴¹

O próprio bispo Macedo reconhece e assume a semelhança entre elementos presentes nos “exorcismos” da IURD e os rituais afro-brasileiros, em suas palavras: “Em muitas das nossas reuniões, efetivamente, vemos um quadro assombroso; uma verdadeira amostra do inferno. Se alguém chegar à igreja no momento em que as pessoas estão sendo libertas, poderá até pensar que está em um centro de macumba, e parece mesmo”.¹⁴² Aliás, cabe ressaltar que os cultos da Igreja Universal, ao menos os da sede, lembram um “show” ou espetáculo, podendo ter um efeito de ao menos causar uma forte impressão no espectador, facilitando o proselitismo.

¹³⁹ O pastor ficava com a mão na cabeça dela e dizia “fica com as mãos amarradas”. O termo “amarrado” é muito corrente entre os iurdianos e indica que o suposto demônio está dominado, ao menos momentaneamente.

¹⁴⁰ ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro**: Umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 129.

¹⁴¹ Ibid., p. 129.

¹⁴² MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias**: deuses ou demônios? 15ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001, p. 123.

1.3.1.2 – Os Dez Passos para a Libertação segundo Edir Macedo

Em seu manual para tratar com “demônios” o bispo Macedo estabelece “Dez Passos para a Libertação”, ou seja, dez atitudes básicas que a pessoa que deseja ser “liberta” deve adotar, os passos que transcrevemos abaixo são basicamente instruções de conversão, obediência e principalmente fidelidade à IURD, procurando fazer que o recém “liberto”, normalmente também um novo converso adote uma nova postura de vida, um pouco mais ascética e voltada para as normas da IURD, afastando-se da vida “mundana”. É enfatizada também nos “passos” a idéia de que o novo “liberto” deve fazer-se presente e participativo na igreja, freqüentando os cultos e contribuindo financeiramente para demonstrar sua fidelidade a Deus e garantir, entre outras coisas, que Deus “repreenda o devorador” das finanças, conforme veremos adiante. Vejamos os passos:

1º Passo: “Aceitar, de fato, o Senhor Jesus como único Salvador”.¹⁴³ Este item se propõe a inculcar obediência e perseverança:

Aceitar o Senhor Jesus, significa abandonar a vida antiga; virar as costas ao erro e submeter-se a Ele através da Sua Palavra. Significa também negar-se a si mesmo, tomar a sua cruz e ir após Ele. Se, assim for, a pessoa estará pronta para tudo. Se tiver que enfrentar mil e uma barreiras, ela o fará; ainda que tenha de resistir ao mundo inteiro, isso não será difícil.¹⁴⁴

2º Passo: “Participar das reuniões de libertação”¹⁴⁵.

“Saiba que o diabo nunca se dará por satisfeito ao perder uma batalha. Ele procurará se reabilitar, e essa é uma das principais razões pelas quais aquele que deseja uma libertação completa não pode deixar de participar de reuniões desse tipo”.¹⁴⁶

3º Passo: “Ser Batizado”.¹⁴⁷ Este item retoma um antigo conceito pentecostal, a idéia de nascer novamente, “renascer em Cristo”, ou seja, nesta concepção, o “pecador” está morrendo, e junto com ele os seus pecados, e uma nova pessoa está nascendo, sem os antigos pecados e, por esta razão, sem remorsos:

¹⁴³ Ibid., p. 133.

¹⁴⁴ Ibid., pp. 133-134.

¹⁴⁵ Ibid., p. 134.

¹⁴⁶ MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 15ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001, p. 134.

¹⁴⁷ Ibid., p. 135.

“O batismo nas águas é a mortificação dos feitos da carne; é um sepultamento do velho “eu” e o ressurgimento de uma nova criatura limpa e lavada para uma novidade de vida (...) Aquele gênio terrível, o orgulho, as vaidades, são produtos da carne e precisam ser abandonados”.¹⁴⁸

4º Passo: “Buscar o Batismo com o Espírito Santo”.¹⁴⁹ O grande sinal da conversão entre os pentecostais desde os primeiros tempos do pentecostalismo. Entretanto, Macedo, mais adiante advertirá para que o crente não confunda os “dons do Espírito Santo” com os sinais de possessão:

Os dons espirituais concedidos ao cristão devem levá-lo a dar frutos do Espírito. Satanás, como já dissemos, é falsificador e poderá levar o ingênuo a acreditar que tem ou recebeu um dom espiritual, quando na realidade é ele quem está operando. Visões esquisitas como de vultos, coisas sem nexos, pessoas que já morreram ou espíritos, devem ser imediatamente repreendidas em nome de Jesus. Línguas estranhas ou profecias que não se enquadram no padrão bíblico, devem ser rejeitadas imediatamente.¹⁵⁰

5º Passo: “Andar em Santidade”.¹⁵¹

“Aquele que deseja servir a Deus tem que andar nos Seus caminhos. João diz que aquele que está em Cristo deve andar também como Ele andou; há necessidade de uma conduta santa, irrepreensível por parte daquele que deseja seguir a Jesus”.¹⁵²

6º Passo: “Ler a Bíblia Diariamente”.¹⁵³

7º Passo: “Evitar as más companhias”.¹⁵⁴

8º Passo: “Frequentar reuniões de membros”.¹⁵⁵

9º Passo: “Ser fiel nos dízimos e nas ofertas”.¹⁵⁶

“A Bíblia diz em Malaquias 3.10 que há um espírito devorador, causador de toda miséria, desgraça e caos na vida daqueles que roubam ao Senhor nos dízimos e nas ofertas. Quando Deus criou o homem, o fez perfeito e o colocou sobre a Sua criação. Deus concedeu ao homem o direito de administrar todos os bens da Terra, porém, com a organização do culto, exigiu a décima parte de todo trabalho do homem (...) Se formos fiéis ao Criador de todas as coisas, Ele certamente será fiel a nós e jamais deixará faltar o nosso sustento, tampouco permitirá que os espíritos devoradores atuem na nossa vida”.¹⁵⁷

¹⁴⁸ Ibid., p. 135.

¹⁴⁹ Ibid. Ibid., p. 135.

¹⁵⁰ Ibid., p. 147

¹⁵¹ Ibid., p. 136.

¹⁵² Ibid., p. 136.

¹⁵³ MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 15ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001, p. 137.

¹⁵⁴ Ibid., p. 137.

¹⁵⁵ Ibid., p. 138.

¹⁵⁶ Ibid., p. 138.

¹⁵⁷ Ibid., pp. 138-139.

Adiante trataremos com mais detalhamento sobre a questão dos dízimos e ofertas na IURD. O trecho Bíblico usado por Macedo para justificar a entrega do dízimo como eficaz na repreensão e imunização contra os “demônios” é o seguinte:

(Malaquias 3:10) Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abundância. (Malaquias 3:11) E por causa de vós repreenderei o devorador, para que não vos consuma o fruto da terra; e a vide no campo vos não será estéril, diz o Senhor dos Exércitos.¹⁵⁸

10º Passo: “Orar sem cessar, e vigiar”.¹⁵⁹

“A Bíblia declara que o diabo vive nos rodeando, rugindo como leão, procurando ceifar aqueles que estão dormindo espiritualmente. Quando estamos orando e vigiando, o diabo não somente se afasta de nós, como também se dobra diante de nossa oração”.¹⁶⁰

1.3.2 - A IURD como “Hospital Espiritual”

É fato conhecido e diariamente noticiado na imprensa o déficit histórico que o Brasil possui em saúde pública, portanto, o difícil acesso a tratamentos médicos gratuitos e de qualidade ainda é um problema real para uma boa parte da população brasileira, fazendo com que muitas pessoas acabem buscando qualquer tipo de ajuda, desde simpatias, benzeduras até as soluções oferecidas pelas igrejas. De acordo com os diversos testemunhos transmitidos e publicados pela IURD, sabemos que a necessidade pela cura foi para muitas pessoas o fator preponderante para o primeiro contato físico com esta igreja e o suposto poder de curar as pessoas tem sido há muito tempo uma importante estratégia de proselitismo para a IURD. Cabe ressaltar que outros grupos religiosos já vêm atuando no Brasil usando a mesma estratégia. Um exemplo significativo vem do Espiritismo kardecista conforme nos lembra Ortiz:

Os grupos dissidentes multiplicam-se; são justamente esses grupos de caráter “místico” que constituirão mais tarde a base da Federação Espírita Brasileira. Daqui por diante o médium torna-se, antes de tudo, um curandeiro. Com

¹⁵⁸ A BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Edição Revisada e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1989.

¹⁵⁹ MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 15ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001, p. 139.

¹⁶⁰ MACEDO, op. cit., p. 140.

efeito, o poder de cura é ainda hoje um dos principais critérios para o recrutamento de novos adeptos espíritas.¹⁶¹

Para Ortiz, a “cura” é um dos preceitos básicos também da Umbanda¹⁶², segundo este autor, um dos significados atribuídos ao vocábulo “Umbanda” é *curar*. Obviamente, Macedo negará toda e qualquer possibilidade real de cura através do Espiritismo, da Umbanda ou de qualquer outro grupo religioso não pentecostal. A IURD ainda aproveita a questão “doenças/curas” para reafirmar sua eficácia como instituição de intermediação entre Deus e a humanidade, negando a eficácia das outras instituições, conforme a citação abaixo, de 1990, onde a IURD, após sentir-se atacada pela igreja católica através de termos pejorativos questiona a capacidade da Igreja Católica de promover a resolução de problemas, como a cura:

Enquanto alertávamos a sociedade a respeito dos males do espiritismo e das matanças de crianças na bruxaria, não observávamos o então “gigante adormecido” que começava a despertar para atacar a Igreja Universal. A Igreja Católica, agora, resolveu usar toda a sua força para “reconquistar” o tempo e os fiéis perdidos. (...) Porém, diante de uma pessoa desesperada, com sua vida em desgraça, um padre só consegue dizer: “reze, minha filha!”. Ora, o povo já cansou de rezar! (...) Porém um “pastorzinho” (...) impõe sua mão sobre a cabeça do dito cujo e a pessoa é liberta, não voltando mais ao vício.¹⁶³

A chamada “cura espiritual” é uma estratégia de proselitismo bastante eficaz e sempre foi largamente utilizada pelas igrejas pentecostais, tendo o seu auge com as igrejas que se difundiram no Brasil nos anos 50 e 60, destacando-se a Brasil para Cristo, Igreja do Evangelho Quadrangular¹⁶⁴ e a Igreja Pentecostal Deus é Amor, sendo seu líder considerado como um homem com fortes poderes de cura pelos seus adeptos¹⁶⁵, e é na IPDA onde a IURD foi buscar seus exemplos de cura através da expulsão de “demônios”.

Para Macedo, os demônios são os principais causadores de doenças, inclusive as doenças psicológicas. O bispo em sua obra “Orixás, Caboclos e Guias” classifica os seguintes sintomas como fortes indícios de possessão: nervosismo, dores de cabeça,

¹⁶¹ ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro**: Umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 37.

¹⁶² Ibid., p. 121.

¹⁶³ MACEDO, Edir. Ao Leitor. Revista **Plenitude**, Rio de Janeiro, n.47, p. 38, julho/1990.

¹⁶⁴ Basta lembrar que uma das quatro qualidades principais de Cristo, na concepção da Igreja do Evangelho Quadrangular é ser “médico”, ou seja, aquele que cura.

¹⁶⁵ MEDEIROS, Rangel de Oliveira. **Igreja Pentecostal Deus é Amor: Discurso Religioso e Liderança Personalista**. Florianópolis: UFSC (Trabalho de Conclusão de Curso de História), 2002, p. 47.

insônia, medo, desmaios constantes, desejo de suicídio, doenças que os médicos não descobrem as causas, visões de vultos ou audição de vozes, vícios e depressão.¹⁶⁶

Macedo vai longe em suas argumentações e usa a “possessão demoníaca” como justificativa para crimes hediondos praticados pelas pessoas:

Os demônios também se alojam no sistema nervoso do homem, daí poderem dominá-lo completamente, dirigir-lhe os passos, as emoções e até as palavras. Na verdade, eles sempre começam por atacar os nervos e em seguida vão chamando outros espíritos para se alojarem em outras partes do corpo.

Nos nervos, eles fazem as pessoas se irritarem facilmente, fazendo com que briguem e até mesmo se matem. Temos lido, diariamente nos jornais, casos assustadores, como o da criança de dois anos que estava chorando com fome e o pai, nervoso com o choro, e armado com um pedaço de pau, bateu com força na cabeça da criança que teve morte instantânea.¹⁶⁷

A citação anterior nos leva a concluir algo importante a respeito da IURD: é uma instituição que oferece o perdão sem limites, conforme aparece numa “retrospectiva histórica” da revista Plenitude:

Em fevereiro de 1990 foi a vez de um ex-matador profissional dar seu depoimento à revista, na sua edição de nº 48. Ele havia se convertido no final de 1985, quando o bispo Francisco de Assis era pastor da IURD de Padre Miguel, na Zona Oeste do Rio: “Comecei a minha vida profissional de assassino em Resplendor, Minas Gerais, com apenas 14 anos de idade. A vítima tinha 42. (...) Acredito ter assassinado em média 250 pessoas, inclusive famílias inteiras, desde os pais até criancinhas de 1 a 3 anos”.¹⁶⁸

Paulatinamente a IURD tem ampliado ao longo dos anos a gama de “sinais de possessão”. Na contracapa de uma pastinha distribuída em um culto na sede estadual em Florianópolis no dia 26/01/2004, havia a lista dos seguintes “sinais de possessão” para serem assinalados pelo freqüentador: depressão, ansiedade, solidão, inveja, ambição, ira, deficiência, tristeza, rebeldia, desânimo, medo, auto-piedade, fracasso, insatisfação, inferioridade, desapontamento, conflito sentimental, orgulho, sentimento de culpa e amargura. Ou seja, uma série de males em que a maioria das pessoas acaba se enquadrando em pelo menos um, sendo, portanto, uma forma eficaz de atingir um grande número de pessoas.

¹⁶⁶ MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 15ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001, pp. 59-60.

¹⁶⁷ *Ibid.*, pp. 64-65.

¹⁶⁸ **IURD: 23 anos ultrapassando fronteiras.** Rio de Janeiro: Universal. 2000, p. 8.

Retomando a questão “doenças”, Macedo não nega totalmente as explicações científicas para os males, mas para os casos em que a medicina convencional não consegue resolver ou explicar, o bispo é categórico:

É muito natural as pessoas terem dores de cabeça provocadas por tensões emocionais, desgastes físicos, pressão alta, má digestão, etc., mas quando se trata de dores de cabeça constantes, podemos garantir que na grande maioria dos casos há possessão. Uma senhora nos contou que sofria de dores de cabeça há vinte e dois anos (...) Perguntei se ela havia passado pelo espiritismo, se chegou a se “desenvolver”; se tomou passes ou coisas assim, ao que ela respondeu afirmativamente (...) Ao orarmos por ela, manifestaram-se vários demônios que esbravejavam dizendo serem eles a causa de todos os sofrimentos daquela mulher. Foram expulsos e as dores desapareceram.¹⁶⁹

Macedo encontra uma explicação bastante curiosa para justificar os relatos de possíveis curas conseguidas no Espiritismo, o bispo defende a idéia de que um espírito pode alojar-se apenas em uma parte específica do organismo da pessoa, causando uma doença somente nesta parte do corpo:

Já houve casos em que, ao orarmos e ordenarmos ao demônio para ir embora, a pessoa que estava possessa ficou lúcida, entretanto, não pode ficar de pé, pois suas pernas estavam paralisadas. Ao orarmos novamente, expulsando o espírito que ficou na perna, a perna foi curada. Aliás, isso acontece de maneira enganosa nos centros espíritas. Muitos aparentes milagres são feitos nesses lugares, da seguinte maneira: o demônio que está fazendo a pessoa ter dores horríveis na cabeça, ao receber um passe sai da cabeça da pessoa. (...) Aquele demônio não abandona a pessoa, mas passa a agir em outro local do corpo.¹⁷⁰

Para explicar a origem das doenças infecto-contagiosas, Macedo consegue mesclar o discurso científico com seu discurso religioso, e não nega a existência de microrganismos como causadores destas doenças, mas atribui a existência destes microrganismos à “força demoníaca”.

Esse agente microscópico se movimenta, age, tem vida. Perguntamos: de onde vem essa vida? De Deus não pode ser, pois Ele não é destruidor. Para que esse microrganismo se movimente e destrua é necessário que haja uma força dentro dele; um espírito destruidor, e não podemos identificá-lo com nenhuma outra coisa, senão com uma força demoníaca.¹⁷¹

Outra liderança importante da IURD, o bispo Natal Furucho, também discorre a respeito da origem das doenças:

¹⁶⁹ MACEDO, EDIR. Op. cit., 2001, p. 66.

¹⁷⁰ MACEDO, EDIR. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 15ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001, pp. 62-63.

Toda doença tem duas prováveis origens: física ou espiritual. Nas doenças físicas, o homem passa a ter disfunções no organismo devido ao ataque de bactérias, fungos, germes ou pela paralisação de algum órgão. Nas doenças espirituais, o enfermo tem os mesmos sintomas de uma doença física comum, mas com uma diferença: o causador do problema não são as bactérias ou os germes, e, sim, um espírito imundo. O câncer é uma doença que pode ser física ou espiritual.¹⁷²

É importante observar que, a respeito da origem e das características das doenças, a IURD normalmente faz uma combinação de discursos bastante interessante: começa usando um discurso científico, recheado de informações, dados estatísticos e explicações médicas, para logo em seguida usar seu discurso religioso próprio, atribuindo às doenças causas “demoníacas”:

A depressão já é considerada pelos especialistas o mal do século 21 e apesar de ter surgido como doença, recentemente é um dos principais motivos de faltas ao trabalho (...) Segundo a psicóloga da TV Record-SP, Rozane Caseb, a depressão está ligada à reação exagerada frente à perda. Os fatores que a desencadeiam são múltiplos: o biológico (qualidade genética), o psíquico (estruturação da personalidade) e o social (as experiências frente aos eventos da vida) (...) Segundo a visão do Evangelho, a depressão é uma herança espiritual e está ligada à vida dos pais do deprimido. O bispo Marcos Vinícius, responsável pelo trabalho da IURD no Estado do Rio, explica que, se o pai e mãe vivem uma vida oprimida por espíritos malignos, os filhos se tornam um veículo desses mesmos espíritos (...) Apesar da Medicina não ter ainda cura para os deprimidos, há uma solução para a doença: Jesus.¹⁷³

A apropriação e ressignificação como “demônios” das “entidades” da Umbanda por parte da IURD refina-se a ponto de atribuir-se males específicos dependendo do tipo de “demônio” que está possuindo a pessoa, conforme esclarece Almeida:

Ao adquirirem autonomia nesse espaço, as entidades receberam atribuições específicas, e todas relacionadas a males concretos da vida. Segundo os pregadores, a Pombajira, por representar uma prostituta e por levar as pessoas ao homossexualismo, é a causadora da AIDS; o Preto-Velho, por andar curvado, causa as dores na coluna; o Exu Tranca-Rua gera a miséria; os erês atingem fisicamente as crianças; o Exu da Morte, por sua vez, motiva o suicídio.¹⁷⁴

¹⁷¹ MACEDO, Edir. *Ibd.*, p. 94.

¹⁷² FURUCHO, Natal. Câncer à Luz da Bíblia. **Auto-Ajuda**. Disponível em <<http://www2.arcauniversal.com.br/apresautoajuda.jsp?codAutoAjuda=100&codCategoria=29&codCanaI=1>> Acesso em 10 jun. 2004.

¹⁷³ Depressão: Doença ou Atuação Maligna. Revista **Plenitude**, Rio de Janeiro, n. 71, pp. 28-31, 2000.

¹⁷⁴ ALMEIDA, Ronaldo de. A Guerra das Possessões. In: ORO, Ari Pedro. et al. **Igreja Universal do Reino de Deus: Os Novos Conquistadores da Fé**. São Paulo: Paulinas, 2003, pp. 339-340.

As promessas de cura por parte da IURD são bastante fartas, para absolutamente qualquer tipo de doença, mesmo às que são consideradas hoje incuráveis, até mesmo a AIDS:

A AIDS é uma doença seguramente mortal. Seus sintomas são diversos, mas a causa desse terrível mal, sem sombra de dúvidas, são os espíritos imundos. É claro, que existem muitos céticos quanto a isso, no entanto, ainda não existem medicamentos ou tratamentos eficazes para curar esse mal. E a razão é muito óbvia: essa doença é de origem espiritual e deve ser tratada espiritualmente.¹⁷⁵

Veja como Jesus procedeu com o espírito imundo que agia no jovem lunático: “Vendo Jesus que a multidão concorria, repreendeu o espírito imundo, dizendo-lhe: Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: Sai deste jovem e nunca mais tornes a ele. E ele, clamando e agitando-o muito, saiu, deixando-o como se estivesse morto, a ponto de muitos dizerem: Morreu. Mas Jesus, tomando-o pela mão, o ergueu, e ele se levantou” (Marcos 9.25-27). Jesus expulsou o demônio e junto com ele a doença do rapaz. Isso pode se aplicar a qualquer doença espiritual, inclusive a AIDS.¹⁷⁶

Os “espíritos imundos”¹⁷⁷ mencionados por Furucho são aqueles que na crença iurdiana causam males associados ao sexo, bem como o homossexualismo e a prostituição. De acordo com a pregação iurdiana, a expulsão dos “espíritos imundos” provoca o fim desses “males”, e conseqüentemente o perdão de quem abandona esses “pecados”, pois a culpa é atribuída aos “demônios”.

¹⁷⁵ FURUCHO, Natal. AIDS à Luz da Bíblia. **Auto-Ajuda**. Disponível em <
<http://www2.arcauniversal.com.br/apresautoajuda.jsp?codAutoAjuda=102&codCategoria=30&codCanal=1> > Acesso em: 10 jun. 2004.

¹⁷⁶ FURUCHO, Natal. AIDS à Luz da Bíblia: Promessa de cura. **Auto-Ajuda**. Disponível em <
<http://www2.arcauniversal.com.br/apresautoajuda.jsp?codAutoAjuda=109&codCategoria=30&codCanal=1> > Acesso em: 10 jun. 2004.

¹⁷⁷ MACEDO, Edir. **Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus**. Volume 2. 1ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1999, p. 59.

Cap. II Prosperidade: um dos sinais de libertação e inclusão

A preocupação com a vida material é uma questão recorrente ao se tratar do protestantismo histórico ou pentecostal. Em relação ao protestantismo histórico já é celebre o estudo realizado por Max Weber¹⁷⁸, o qual utilizaremos aqui devido a certas aproximações entre o discurso do protestantismo histórico e o discurso iurdiano em relação à prosperidade e do trabalho. Todavia precisamos transcender um pouco esta questão e buscar a raiz desta “necessidade por bens materiais” que aparece no discurso do protestantismo histórico conforme foi detectado por Weber.

Weber na *Ética Protestante* está analisando as relações entre o protestantismo e o capitalismo moderno ocidental. E é neste contexto que surgirá também o pensamento liberal, o qual influenciará as teorias futuras sobre o capitalismo, e porque não dizer, todo o pensamento político ocidental, tendo ressonância até hoje.

Macpherson na sua “teoria do liberalismo possessivo”¹⁷⁹ elaborada analisando a sociedade inglesa do século XVII a partir dos escritos de Thomas Hobbes, Harrington e John Locke, defendia a relação histórica entre posse e exercício da liberdade:

(...) o individualismo oriundo do século XVII continha a dificuldade central, residindo esta na sua qualidade possessiva. Sua qualidade possessiva se encontra na sua concepção do indivíduo como sendo essencialmente o proprietário de sua própria pessoa e de suas capacidades, nada devendo à sociedade por elas. (...) Achava-se que o indivíduo é livre na medida em que é proprietário de sua pessoa e de suas capacidades. A essência humana é ser livre da dependência das vontades alheias, e a liberdade existe como exercício da posse. A sociedade torna-se uma porção de indivíduos livres e iguais, relacionados entre si como proprietários de suas próprias capacidades e do que adquiriram mediante a prática dessas capacidades.¹⁸⁰

A permanência desta mentalidade se verifica nos escritos de Benjamin Franklin, que serviram de subsídio para as considerações de Weber sobre o espírito do capitalismo. Utilizamos aqui algumas considerações suas sobre o fato de alguém ter dívidas, considerações estas que aparecem na obra “The Way to the Wealth” que prefaciou o “Poor Richard’s Almanac” de 1758¹⁸¹:

¹⁷⁸ WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

¹⁷⁹ MACPHERSON, C.B. **A Teoria Política do Individualismo Possessivo de Hobbes até Locke**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

¹⁸⁰ Ibid., p. 15.

¹⁸¹ FRANKLIN, Benjamin. The Way to Wealth (1758) in: **Autobiography and Other Writings**. Boston: Riverside Editions, 1958.

But, ah, think what you do when you run in Debt; you give to another Power over your Liberty. If you cannot pay at the Time, you will be ashamed to see your Creditor; you will be in Fear when you speak to him; you will make poor pitiful sneaking Excuses, and by Degrees come to lose your Veracity, and sink into base downright lying; for as Poor Richard says, *The second Vice is Lying, the first is running in Debt*. And again, to the same Purpose, *Lying rides upon Debt's Back*. (...) But Poverty often deprives a Man of all Spirit and Virtue.¹⁸²

Para tratar dessa questão continuaremos então com algumas considerações de Max Weber sobre as relações entre protestantismo e o capitalismo.

Weber deixa clara a relação entre capitalismo e protestantismo a partir da seguinte constatação: dentro de um país de composição religiosa mista “os donos de negócios e donos do capital, assim como os trabalhadores mais especializados e o pessoal mais habilitado técnica e comercialmente das modernas empresas é predominantemente protestante”¹⁸³. Certamente, em nenhum momento Weber vai afirmar que foram os protestantes os criadores do capitalismo moderno, ele só afirma que foi entre os protestantes que o capitalismo melhor se desenvolveu. Para Weber, o praticante do protestantismo, principalmente o de leitura calvinista, estaria mais predisposto a abandonar o tradicionalismo econômico¹⁸⁴ e, portanto, absorver novas idéias em relação à produção.

Mas de que forma se desenvolveu esta característica entre os protestantes históricos? Weber faz a sua análise partindo do conceito de vocação para Lutero e já mostra como a própria idéia de vocação pode colaborar no desenvolvimento de uma forma racional e metódica de trabalho.

(...) a valorização do cumprimento do dever nos afazeres seculares como a mais elevada forma que a atividade ética do indivíduo pudesse assumir. E foi o que trouxe inevitavelmente um significado religioso às atividades seculares do dia-a-dia e fixou de início o significado de vocação como tal.¹⁸⁵

¹⁸² FRANKLIN, Benjamin. *The Way to Wealth* (1758) in: **Autobiography and Other Writings**. Boston: Riverside Editions, 1958, p. 174. Mas, ah, o que você pensa quando você está com dívidas; você dá a outra pessoa poder sobre sua liberdade. Se você não pode pagar no prazo, você ficará envergonhado ao ver seu credor; ficará com medo quando falar com ele; você pedirá desculpas humildemente, e gradualmente virá a perder sua credibilidade, e afundará na mais completa mentira; por isso o Pobre Richard diz, *o segundo vício é mentir, o primeiro é dever*. E novamente com o mesmo propósito, *a mentira cavalga nas costas da dívida*. (...) Mas a pobreza freqüentemente priva um homem de todo espírito e virtude. (Tradução do Autor).

¹⁸³ WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2003, p. 37.

¹⁸⁴ Tradicionalismo econômico, para Weber, são as formas de trabalho tradicionais, visando normalmente a subsistência do trabalhador e a simples manutenção de seu status, sem progresso. “O homem não deseja naturalmente ganhar mais e mais dinheiro, mas viver simplesmente como foi acostumado a viver e ganhar o necessário para isso”. WEBER, Max. Op. Cit., p. 54.

¹⁸⁵ *Ibid.*, p. 68.

Além da idéia de vocação existente no luteranismo, malgrado o tradicionalismo econômico de sua doutrina, Weber percebe características do calvinismo que favoreceram a difusão do capitalismo neste meio. A predestinação e a prosperidade como sinais de eleição incentivavam o crente a prosperar. Apesar de que “(...) não havia meios mágicos de se obter a graça de Deus para aqueles a quem Ele negara, como não havia meio algum.”¹⁸⁶, o calvinista não se dava por vencido, e mesmo acreditando na predestinação “(...) o calvinista, como às vezes se diz, criava por si a própria salvação ou, como seria mais correto, a convicção disso”¹⁸⁷ através do trabalho, que lhe levaria a prosperidade. Weber vai mais longe e percebe aproximações entre luteranos e calvinistas em torno da ética do trabalho:

Os cristãos eleitos estão no mundo apenas para aumentar a glória de Deus, obedecendo a Seus mandamentos com o melhor de suas forças. Deus, porém, requer realizações sociais dos cristãos, por que Ele quer que a vida social seja organizada conforme Seus mandamentos, de acordo com tais propósitos. A atividade social dos cristãos no mundo é apenas uma atividade *in majorem gloria Dei*. Esse caráter é pois partilhado pelo trabalho dentro da vocação, que propicia a vida mundana dentro da comunidade. Mesmo em Lutero encontramos o trabalho especializado no âmbito da vocação justificado em termos de amor fraternal. O que porém para ele permaneceu incerto, uma pura sugestão intelectual, tornou-se para os calvinistas um elemento característico de seu sistema ético. O amor fraternal, uma vez que só poderia ser praticado pela glória de Deus e não em benefício da carne, é expresso em primeiro lugar pelo cumprimento das tarefas diárias, dadas pela *Lex naturae*; e no processo, essa obediência assume um caráter peculiarmente objetivo e impessoal, a serviço do interesse da organização racional do nosso meio social.¹⁸⁸

Estabelecidas as características principais sobre prosperidade para o protestantismo histórico, partamos para as mesmas no pentecostalismo, em específico a IURD.

2.1- Uma Ética do Trabalho Iurdiana

Entre os pentecostais, desenvolveu-se uma doutrina específica para tratar da questão “riqueza x pobreza”: a Teologia da Prosperidade. Doutrina originada nos EUA na década de 40, tornou-se um movimento doutrinário só na década de 70¹⁸⁹. Quase

¹⁸⁶ WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2003, p. 83.

¹⁸⁷ Ibid., p. 90.

¹⁸⁸ Ibid., p. 85.

¹⁸⁹ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 151.

sempre os pregadores adeptos desta doutrina pregam também a “cura divina”, o que levou alguns críticos a rotularem-na de Health and Wealth Gospel (Evangelho da saúde e riqueza)¹⁹⁰. As pregações enfatizando o pedido de dinheiro começam a ganhar força, entretanto, já na década de 50 nos EUA, quando as igrejas começam a crescer e a terem despesas com programas de rádio e TV.

Estabelecamos então as principais diferenças entre a noção de prosperidade para o protestantismo histórico e para o pentecostalismo. Grosso modo, seguindo a leitura Weberiana do protestantismo histórico, a prosperidade vinha para o crente através da “vocação”, segundo Lutero ou como sinal da predestinação calvinista, levando o crente a tentar “forçar” este sinal através do trabalho árduo e racional. No pentecostalismo, não há essa idéia de predestinação para “alguns escolhidos”, mas sim a idéia proveniente da Teologia da Prosperidade, de que:

Na visão desses pregadores (da Teologia da Prosperidade) pelo sacrificio vicário de Cristo, a humanidade foi libertada do pecado original e das maldições da lei de Moisés: enfermidade, pobreza e morte espiritual. Deste modo as bênçãos destinadas por Deus a Abraão e sua descendência – saúde física e riqueza material – tornaram-se disponíveis a todos nesta vida (Barron, 1987). Nesse novo pacto estabelecido por Cristo, a fé constitui o elemento fundamental para se alcançar tais bênçãos. (...) Para obter tais bênçãos, o fiel deve possuir uma fé inabalável, confessar a posse da benção, observar as leis da prosperidade, ou o que Mauss (1974), no “ensaio sobre a dádiva”, nomeia de “princípio da reciprocidade”, popularmente conhecido no Brasil pela expressão “é dando que se recebe”.¹⁹¹

Ou ainda, nas palavras do próprio bispo Macedo, que sintetizam a Teologia da Prosperidade:

A morte de Jesus Cristo providenciou não apenas substituição da penalidade que cabia ao cristão pelo seu pecado, mas igualmente, regeneração para a nossa natureza pecaminosa. Fomos crucificados com Cristo, e a nossa atitude não deve ser somente a de quem morreu para o pecado, mas também a de quem ressuscitou dentre os mortos para uma vida vitoriosa.¹⁹²

Portanto, na perspectiva da Teologia da prosperidade, as bênçãos já estariam disponíveis a todos, contanto que seguissem certas regras para obter estas bênçãos. Para os pentecostais, segue-se a equação; “dinheiro (ou sacrificio material) + fé = Benção (prosperidade)”, diferente do que prega o senso comum, em que o crente simplesmente

¹⁹⁰ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 151.

¹⁹¹ Ibid., pp. 153-154.

“compra” a bênção com o dinheiro. Muitos pregadores ainda enfatizam que, se o crente fez o sacrifício material mas não alcançou a bênção, é por que “não teve fé suficiente”.

Podemos perceber como a IURD está em sintonia com a Teologia da Prosperidade através da mensagem abaixo extraída do site oficial da Igreja em 4 de setembro de 2002.

A IURD acredita que a prosperidade é um dom de Deus; por isso, ser cristão é ser filho do Criador e co-herdeiro com Cristo. Dono, por herança, de todas as coisas que existem na face da Terra e proprietário de todo o Universo. Isso não é arrogância, ao contrário, é ocupar a posição que Deus destinou para os Seus filhos. Ter uma vida abundante significa ser abençoado nos aspectos físicos, financeiro, sentimental e espiritual. Para receber as bênçãos é preciso colocar em prática, além da fé, as obras, que são as atitudes referentes a essa fé. Por isso, a IURD dedica dois dias da semana de oração a esse propósito. Às segundas-feiras, acontece a Corrente dos Empresários e aos sábados, a Corrente da Prosperidade. Com o intuito de estimular o exercício da fé, nessas reuniões, os fiéis aprendem o segredo da prosperidade. Através de orações e desafios, eles são estimulados a dependerem de Deus e a serem conquistadores. O resultado desse trabalho tem sido surpreendente, já que pessoas que entram na IURD na mais completa miséria, endividadas, desempregadas e até mesmo mendigando, têm uma mudança radical em suas vidas. Elas obtêm a prosperidade na certeza da promessa que fala de vida, vida com abundância. Aqueles que, anteriormente, perambulavam pela sarjeta, hoje, são empresários bem-sucedidos, microempresários ou autônomos, desfrutando de bênçãos que humanamente seriam impossíveis de serem conquistadas, se não fosse o poder da fé.¹⁹³

Na IURD, as pregações enfatizam que o retorno será imediato, e muitas vezes procuram criar está idéia já no culto, conforme presenciamos em culto no dia 23 de abril de 2003, na sede estadual da IURD em Florianópolis/SC. Neste culto, no momento das ofertas, o pastor estipula um valor inicial de 1000 Reais (o desafio mencionado na citação anterior), oferecendo em retribuição um pequeno candelabro representando os sete dons do Espírito Santo, ou um CD. Aos poucos os valores pedidos vão baixando, 500, 400, 100¹⁹⁴ até chegar a 5, 2 e 1 Real, quando são pedidos esses valores mais baixos. Os “brindes” são trocados, ao invés de um candelabro ou um CD são oferecidos uma revista ou jornal. O valor material desses brindes é ínfimo em comparação com tamanha oferta, mas o que vale certamente, é o “valor espiritual”, afinal, o momento e o sacrifício tornam esses objetos “sagrados”.

¹⁹² MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 15ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001, p. 129.

¹⁹³ Segunda-feira: Reunião da Prosperidade. **Igreja Universal do Reino de Deus**. Disponível em <<http://www.igrejauniversal.org.br/ler.asp?cod=24>> Acesso em: 4 set. 2002.

¹⁹⁴ Nenhum dos presentes neste culto pagou um valor tão alto pelos brindes.

Não podemos desprezar o fato de que o dinheiro tem um significado especial no discurso iurdiano, para a Igreja Universal, o dinheiro torna-se sagrado se for bem aplicado, especialmente se for aplicado na “obra de Deus”.

Somente os seres humanos possuem caráter. As coisas adquirem o caráter que nós lhes damos pelo uso que delas fazemos. Dessa maneira, é lícito falar sobre espiritualidade da Igreja, da política, do dinheiro, etc. o templo de Jerusalém era uma construção magnífica e foi feito para o culto a Deus. Entretanto os homens do templo de Jesus o haviam transformado, segundo as palavras do Mestre, em “covil de ladrões e salteadores”.

Da mesma forma, o dinheiro não tem outro caráter senão aquele que lhe damos. Há quem o considere coisa vil e suja, mas se for bem empregado, pode adquirir o caráter de coisa sagrada. E é isso que o dinheiro deve significar para o cristão: um dos muitos valores que Deus lhe confiou e do qual, como um bom mordomo, ele deverá também prestar contas.¹⁹⁵

O elemento “fé” também não é desprezado na pregação iurdiana, “a fé é o principal ingrediente para que haja um autêntico sacrifício. Sem fé, ele não é completo; não passa de mera oferenda”¹⁹⁶.

Conforme observamos no início deste capítulo, há fortes diferenças entre o neopentecostalismo e o protestantismo histórico em relação à idéia de prosperidade, entretanto, também há algumas aproximações. Enquanto no protestantismo histórico, segundo Weber, pregava-se uma conduta ascética por parte do crente, no pentecostalismo, especialmente no neopentecostalismo da Teologia da Prosperidade, apesar de ter-se percebido uma certa liberalização dos costumes e um incentivo ao consumo, também apresenta a sua ascese laica. Entretanto deve ficar claro que a ascese do pentecostalismo não é a mesma do protestantismo histórico, apesar das aproximações, o que chamaremos aqui de “ascese pentecostal” tem suas especificidades, e está inserida num contexto onde coexiste com práticas, cuja leitura pode aproximar-nos de conteúdos “mágicos”.

Na fonte que citamos a seguir, do ano de 1992, um advogado que assina uma coluna no jornal Folha Universal assume claramente que a IURD inspirou-se no protestantismo histórico para elaborar seu discurso em relação à prosperidade.

Em nosso país, é fato indiscutível que ainda existe o predomínio aristocrático do trabalho (...) Lá fora, o homem vale pelo que conquistou com seu trabalho, qualquer que seja seu ramo de atividade. (...) Desenvolvemos uma

¹⁹⁵ CABRAL, José. **A Deus o que é de Deus**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Universal Produções, 1997, pp. 59-60.

¹⁹⁶ MACEDO, Edir. **O Perfeito Sacrifício**: O significado espiritual dos dízimos e ofertas. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2001, p. 45.

ternura esquisita para com os derrotados, a quem não ajudamos, e criticamos as pessoas bem-sucedidas, como se elas fossem culpadas pelo seu êxito. (...) Max Weber ensinava que as insuficiências espirituais ibéricas – por extensão, a portuguesa – face ao predomínio da Igreja católica, tinham impedido ou dificultado a formação do espírito do capitalismo. (...) Em nosso entendimento, a riqueza só deverá ser condenada na medida em que venha a se constituir uma violentação aos princípios da ética ou uma tentação para o ócio, desfrutando seus beneficiários de vantagens ilícitas ou de uma forma parasitária do trabalho acumulado por outras pessoas. Entretanto, não vemos por que deixar de imitar os que fizeram do seu labor um instrumento de realização pessoal. (...) e não há que falar em milagres, porque o Criador só ajuda os que trabalham, mas em esforço pertinaz, feito de garra, espírito de luta, honradez e amor ao próximo.¹⁹⁷

A citação anterior revela que ao menos os intelectuais orgânicos da Igreja Universal beberam na fonte weberiana para elaborar seu discurso, discurso este que busca vincular-se ao discurso do protestantismo histórico. Fica evidente também a celebração da riqueza e a condenação da pobreza e do fracasso financeiro.

Muitos autores vêm observando há algum tempo que a IURD mantém uma pregação maciça voltada aos empresários ou a pessoas que queiram enriquecer, através de cultos direcionados ao interesse deste segmento (corrente dos empresários, corrente da prosperidade e atualmente corrente dos 318¹⁹⁸), temos referência empírica deste fato no Jornal Folha Universal, em 1992¹⁹⁹. É fato também que há um incentivo constante nas pregações da IURD e em suas publicações de que o fiel torne-se empresário, conforme o editorial da revista iurdiana Plenitude, de outubro de 1989, assinado por Edir Macedo:

Por que os filhos do diabo mantêm o controle das maiores indústrias, dos maiores bancos, das maiores lojas comerciais, das maiores empresas de jornais, revistas, rádio e televisão do mundo? Por que é que os filhos de Deus, normalmente, são os empregados, e às vezes, até escravos dos filhos do diabo? Por que é que tudo que há de melhor neste mundo pertence aos filhos do diabo ao invés dos filhos de Deus? Por quê? Será que Deus é pobre e o diabo é rico? Ou será que Deus é tão egoísta ao ponto de desejar que os seus filhos vivam uma vida mesquinha nesta terra? Não, meu amigo leitor. Mil vezes não. Deus é o proprietário de tudo que existe neste mundo, pois foi ele quem criou todas as coisas neste mundo para que os Seus filhos pudessem

¹⁹⁷ BENÍCIO, Uirpy. SOS Brasil: Parte II. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.24, p.7, set./1992.

¹⁹⁸ A “Corrente dos 318” ou “Vigília dos 318” é um culto semanal específico, que acontece nas segundas-feiras e é direcionado para a prosperidade e o empreendedorismo, bem como para a busca de emprego. Em alguns dias da corrente, na sede estadual em Florianópolis e em templos de maior porte, dezenas de pastores, obreiros e obreiras participam do culto trajando coletes com os dizeres “corrente dos 318” representando os “318 homens de Deus” numa referência ao livro de Gênesis 14, e ficam ora distribuídos pelos corredores do templo, ora concentrados na frente, nos momentos principais de orações.

¹⁹⁹ “A corrente dos milionários é a reunião da prosperidade que vem sendo realizada todos os sábados na sede nacional da Igreja universal na abolição. O pastor Laurindo Pinheiro Convida todos que desejarem ter prosperidade a comparecer às 19h na abolição”. A Corrente dos Milionários. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.1, p.3, 26 abr. 1992.

viver abundantemente e assim manifestarem a Sua glória diante daqueles que não o tem como Pai eterno.²⁰⁰

Freston observou em suas pesquisas que isto vinha causando um certo desconforto entre os que não eram empresários e não tinham aptidões, condições, nem tampouco intenções de vir a ser:

Qual o efeito social da teologia pregada pela IURD: leva ao acionamento de mecanismos sociológicos de ascensão social, ou cria uma dependência de mecanismos não-rationais de enriquecimento? As recomendações são filtradas criticamente pelos membros. Como afirma uma senhora recém convertida: “Não vou perder [meu emprego, para abrir um negócio], tenho que pegar a minha aposentadoria. A gente tem que ter o capital também. O pastor diz que Deus é muito rico, é dono do ouro e da prata. Mas eu acho que não é tanto assim”.²⁰¹

O próprio Freston, mais adiante, percebe os efeitos que o compromisso do membro em fazer doações à igreja pode dar a ele um retorno imediato, e esse retorno não é necessariamente um rápido e forte crescimento econômico, nem tampouco tornar-se empresário/empregador.

Para o membro comum, as doações muitas vezes substituem os antigos gastos com remédios, bebida ou drogas. Mesmo quando a conversão não trouxe uma economia direta, pode ter suscitado novas atitudes que resultam em vantagens financeiras. Para muitos membros, a doação à igreja e a racionalização do comportamento econômico são inseparáveis. Vieram juntas e fazem parte de um pacote de transformações; um pacote precário constantemente ameaçado pelos padrões antigos de comportamento. A doação encarna o compromisso com o padrão novo e, como tal, não é necessariamente contraproducente da perspectiva da economia doméstica.²⁰²

Nos cultos que enfocam a prosperidade mantêm-se ainda a ênfase nos empresários, mas fala-se também no empregado assalariado. Conforme presenciamos no culto em 5/01/2004, as orações do pastor eram destinadas também ao trabalhador assalariado e àquele que procurava emprego, e não somente aos que queriam formar um novo empreendimento, embora isto também fosse focado no culto. Aliás, já se verifica uma preocupação da IURD em focar, no seu discurso, trabalhadores empregados e

²⁰⁰ MACEDO, Edir. Ao Leitor. Revista **Plenitude**, Rio de Janeiro, n.47, outubro/1989.

²⁰¹ FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. in ANTONIAZZI, Alberto. et al. **Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.150.

²⁰² FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. in ANTONIAZZI, Alberto. et al. **Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.153.

desempregados desde pelo menos 1992.²⁰³ Só que nessa época, a ênfase principal do discurso era que o assalariado “mudasse de vida”, ou seja, passasse de assalariado a empregador²⁰⁴. A citação anterior de Freston e as fontes por nós levantadas, entretanto, mostram claramente a mudança do discurso iurdiano nos últimos tempos.

Na revisão bibliográfica que efetuamos, detectamos uma clara oposição entre os autores que enfocavam a temática nos últimos tempos. Mariano advoga o conteúdo antiintelectualista e mágico do discurso neopentecostal: “Uma religião densamente sacral, “mágica”, antiintelectualista e cada vez menos ascética, como a pentecostal, seguramente apresenta pouca afinidade com o chamado espírito do capitalismo.”²⁰⁵, bem como o caráter de negociação com Deus do discurso iurdiano, em suas palavras, “Edir Macedo prioriza a retribuição divina, o toma-lá-dá-cá”²⁰⁶. Neste sentido escreve Macedo: “Dar o dízimo é se candidatar a receber bênçãos sem medida”²⁰⁷. Souza e Brepohl de Magalhães²⁰⁸ também apontam na mesma direção, de que o discurso iurdiano simplesmente prega uma “troca com Deus”. Campos também defende a idéia de “negociação com Deus” e discorda do ponto de vista que pretendemos defender: a presença de uma ascese laica na IURD. Segundo Campos:

A IURD é um empreendimento que combina bem dinheiro e religião, fé e negócio, evangelização e marketing, oferecendo ao público a chance de experimentar a religião de uma forma *light*, segura e confortável, como se fosse um contrato jurídico ou um acordo burocrático, no qual a Igreja entra como fiadora dessa aliança entre os seres humanos e a divindade. Aliança essa que ocorre dentro dos quadros, fronteiras e horizontes de uma sociedade de massas, que por estar baseada no consumo, encontra-se bem distante dos tipos ideais “ética protestante” e “espírito do capitalismo”, de Weber (1981),

²⁰³ “A festa dos trabalhadores será comemorada hoje as 17H na iurd de Jardim Primavera I, quando o pastor Carlos Dutra estará orando pelo povo trabalhador e desempregados.” A Festa dos Trabalhadores. *Jornal Folha Universal*, Rio de Janeiro, n.9, p.03, 24 maio 1992.

²⁰⁴ “Todos os sábados a IURD de Olavo Bilac realiza a Corrente dos Assalariados, às 6h:30m. O pastor Djailton, que coordena a reunião, convida todos que estão insatisfeitos na vida financeira a participar dessa reunião de mudança.” *Jornal Folha Universal*, Rio de Janeiro, n.15, p.03, 5 jul. 1992.

²⁰⁵ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 185

²⁰⁶ MARIANO, Ricardo. O Reino de Prosperidade da Igreja Universal. In: ORO, Ari Pedro. et al. *Igreja Universal do Reino de Deus: Os Novos Conquistadores da Fé*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 248.

²⁰⁷ MACEDO, Edir. *Vida com Abundância*. 14ª ed., Rio de Janeiro: Universal Produções, 2000, p. 54.

²⁰⁸ SOUZA, Etiane Caloy B. BREPOHL DE MAGALHÃES, Marionilde Dias. *Os Pentecostais: Entre a Fé e a Política*. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, vol 22, nº 43, 2002, pp. 99-100. “Neste discurso, a soberania de Deus é compartilhada pelo fiel na relação de troca. É incentivado que o fiel se acomode ao mundo das novas tecnologias, acumule riquezas, more melhor, possua carro e não tenha sentimento de culpa por não negar o mundo; pelo contrário, a conduta ascética tem diminuído entre os pentecostais desde a década de 70.”

os quais previam a acumulação de bens resultante de uma postura religiosa determinada.²⁰⁹

As questões levantadas na citação anterior são relevantes e têm fundamentação empírica, porém, embora estas idéias estejam subjacentes, o discurso iurdiano também passa a defender uma ética de “trabalho duro” e de “perseverança”²¹⁰, conforme Freston, “a mensagem da IURD, então, pode representar um reforço para a ética do trabalho e para a iniciativa empresarial num contexto adverso”²¹¹. Ou seja, a igreja parece buscar um meio termo, conciliando as práticas “mágicas” de “bênçãos milagrosas” com o discurso de disciplina e auto-ajuda para quem quer se “reerguer na vida” ou tornar-se um empreendedor, na direção da ascese laica weberiana. Os indícios dessas mudanças estão presentes também no discurso escrito, trataremos em princípio das obras *O perfeito Sacrifício* e a obra *Como ser bem-sucedido na Vida Profissional*²¹², onde o autor dá uma série de conselhos de como um empregado deve se portar em uma empresa para que possa progredir. São obras recentes, a primeira do ano de 2001 e a segunda de 2003.

Esta possível aproximação entre o discurso pentecostal e o discurso protestante acerca da prosperidade já vem sendo discutida no meio acadêmico há alguns anos, Mariano, referindo-se ao trabalho de Martin²¹³, menciona o seguinte a esse respeito.

Segundo Martin (introdução e cap. 11 e 13) o pentecostalismo provê uma arena para o exercício de habilidade de expressão, oratória, organização, propagação e liderança, estimula a participação, a iniciativa pessoal, o voluntarismo (habilidades e disposições latentes que podem vir a ser aplicadas na administração de negócios ou transformadas em iniciativa econômica), cria estruturas terapêuticas, instituições educacionais e de lazer, inculca disciplina, ética do trabalho duro, sobriedade, pontualidade, honestidade parcimônia (virtudes favoráveis à acumulação e melhoria no padrão de vida), rejeita o álcool, o machismo e a promiscuidade, promove a auto-estima, o sentido do valor pessoal, constrói redes protetoras de apoio mútuo.²¹⁴

²⁰⁹ CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, Templo e Mercado: A Igreja Universal do Reino de Deus e as Mutações no Campo Religioso Protestante**. VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, São Paulo, 1998, p. 1.

²¹⁰ No culto que presenciamos em 5/01/2004 várias vezes o pastor disse que se a pessoa quiser obter sucesso, ela vai ter de perseverar.

²¹¹ FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. in ANTONIAZZI, Alberto. et al. **Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.150.

²¹² FURUCHO, Natal. **Como ser bem-sucedido na Vida Profissional: Conselhos para refletir e aplicar**. Rio de Janeiro: Universal, 2003.

²¹³ MARTIN, David. **Tongues of Fire: the explosion of protestantism in Latin America**. Oxford: Blackwell, 1990.

Nossa pesquisa aponta para a procedência da tese de Freston. Reincidentemente observamos na IURD a coexistência entre ascese e conteúdos mágico-míticos.

De fato a própria IURD apresenta-se em dados momentos “densamente sacral” e “mágica”, e em outros momentos, bastante próxima de um discurso ascético. Normalmente, nos cultos que têm objetivos bem específicos, tais como a “sessão espiritual do descarrego” ou a “corrente dos 318” são feitas as campanhas, sendo distribuídos ao longo dos cultos que formam a campanha objetos concretos que, segundo a crença iurdiana, possuem poderes especiais, pois estes objetos foram consagrados pelos pastores. Na conceituação iurdiana, esses objetos são chamados “pontos de contato”.

Pontos de contato são elementos usados para despertar a fé das pessoas, de modo que elas tenham acesso a uma resposta de Deus para seus anseios. Muitas pessoas têm dificuldade para colocar sua fé em prática, por isso precisam de pontos de contato, que podem ser o óleo de unção, a água, a rosa, e outros elementos. Esses objetos não têm poderes em si mesmos, mas despertam o coração e as mentes das pessoas para a realidade de que o Senhor está presente para abençoá-las.²¹⁵

Apesar de Macedo aparentemente não atribuir muita importância aos “pontos de contato”, eles são largamente utilizados nos cultos, e as pregações dos pastores sempre enfatizam que se tratam de objetos sagrados, que possuem poderes e o que dá poderes a estes objetos é a consagração feita pelo pastor, especialmente no momento do culto, tanto que objetos trazidos pelas próprias pessoas também podem transformar-se em “pontos de contato” ao serem consagrados no culto, tais como roupas de entes queridos, fotografias, entre outros.

Mesmo sendo a IURD formada por uma membresia considerada mais intelectualizada²¹⁶ do que a das igrejas pentecostais mais antigas, os “pontos de contato” são presença marcante nos cultos da “corrente dos 318”, demonstrando uma forte receptividade por parte dos frequentadores, possivelmente por muitos deles manterem suas crenças antigas em relação a amuletos e similares, o que é próprio da religiosidade brasileira. Estas práticas e a boa receptividade por parte da membresia de classe média da IURD nos leva a refletir sobre o caráter “mágico” da Igreja Universal e a repensar as

²¹⁴ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999, p. 184.

²¹⁵ MACEDO, Edir. **Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus**. Volume 2. 1ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1999, p. 101.

²¹⁶ FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. in ANTONIAZZI, Alberto. et al. **Nem Anjos Nem Demônios**: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994, p.131.

considerações de Bourdieu sobre a questão da vinculação entre “práticas mágicas” e “classes menos favorecidas”:

Todos estes traços estão fundados em condições de existência dominadas por uma urgência econômica que impede qualquer distanciamento em face do presente e das necessidades imediatas sendo ademais pouco favoráveis ao desenvolvimento de competências eruditas em matéria de religião, e por esta razão, tem maiores oportunidades de se manifestar nas sociedades ou nas classes sociais mais desfavorecidas do ponto de vista econômico e, por isso, predispostas a ocupar uma posição dominada nas relações de forças materiais e simbólicas.²¹⁷

A IURD oferece evidências empíricas da coexistência entre a recorrência do “mágico” e segmentos sociais mais abastados e com melhor nível de instrução formal.

Por exemplo, em culto que presenciamos em 06/01/2004, foram distribuídas por obreiros pastinhas de plásticos que, segundo o pastor, deveriam ser usadas para guardarmos nossos “projetos”, ou seja, papéis que representassem um empreendimento, como por exemplo, um documento de abertura de uma empresa, ou quaisquer outros documentos que estivessem relacionados a uma iniciativa empreendedora, no meio do culto, as pessoas foram convidadas a passar por um “portal” montado no altar com armações de madeira, segurando suas pastinhas com os papéis, sendo que uma boa parte dos presentes foi até o “portal”.

Estas práticas demonstram a estratégia da IURD, já referidas, em fazer uma combinação de discursos. Por um lado, prega uma ascese de características próprias com um certo parentesco com a ascese do protestantismo histórico, mas por outro lado, mostra sua faceta de “religião de resultados”²¹⁸ com componentes mágicos e de eficácia imediata. A despeito de toda a discussão que existe no meio acadêmico sobre o nível social, econômico e cultural da membresia das igrejas pentecostais, a IURD demonstra ao menos tentar atingir pessoas dos mais diversos níveis socioculturais, e a boa receptividade de empresários ou empreendedores aos apelos da IURD mostra que a combinação de estratégias, aparentemente racionais ou não, aplicadas por esta igreja tem funcionado.

Pela característica tensional entre ascese e conteúdos pragmáticos, surge o caráter mimético do discurso da IURD. Dependendo do veículo ou local onde o discurso é

²¹⁷ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 45.

²¹⁸ CAMPOS. Leonildo Silveira. **Teatro, Templo e Mercado: A Igreja Universal do Reino de Deus e as Mutações no Campo Religioso Protestante**. VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, São Paulo, 1998.

propalado, este assume características particulares e às vezes aparentemente contraditórias. Por exemplo, voltando à questão “pontos de contato”. A IURD usa na maioria dos seus cultos objetos aos quais são atribuídos “poderes espirituais”, os chamados “pontos de contatos”, que exercem basicamente a função de amuletos, para dar algo concreto aos frequentadores, por exemplo em culto que presenciamos no dia 26/01/2004 (segunda-feira), cujo tema era “Corrente dos 318” (para empreendedores) foi dada aos presentes uma caneta em formato de cajado para que fosse usada na assinatura de contratos e documentos em geral, segundo o pastor, esta caneta “consagrada” faria com que os empreendimentos nos quais ela fosse usada tivessem sucesso. Portanto esta caneta era, naquele contexto, um objeto com “poderes mágicos”. Esta prática é muito comum nos cultos, entretanto, no discurso escrito, destinado a um público talvez um pouco mais instruído, o discurso se transforma e toma um caráter aparentemente mais racional, por exemplo, quando o bispo Macedo diz que: “Esses objetos não têm poderes em si mesmos, mas despertam o coração e as mentes das pessoas para a realidade de que o Senhor está presente para abençoá-las.”²¹⁹ Ou seja, mesmo nos cultos destinados a pessoas que podem ser consideradas com um nível de instrução melhor, o discurso da IURD lança mão de práticas que não seguem uma racionalidade simples, e a forte participação observadas nos cultos demonstra a boa receptividade dessas estratégias por parte dos frequentadores.

Prossigamos então com as aproximações entre o discurso iurdiano e o discurso do protestantismo histórico. Por exemplo, na obra *O perfeito Sacrifício*, o recado é bem claro e demonstra uma certa aproximação com o discurso ascético do protestantismo histórico e mesmo a idéia de vocação ressurgem:

Qualquer trabalho espiritual ou material e secular, não importa para quem o executamos, tem de ser o melhor. Se por acaso o trabalho que o cristão realiza não é recomendado pela palavra de Deus, então é melhor que ele o abandone e se engaje em outro tipo de serviço, a fim de poder trabalhar com todas as suas forças, realizar o melhor e, também dessa maneira, agradar ao Senhor. (...) Sabemos que é difícil servir ao não-cristão como se fosse ao Senhor; entretanto, aí está o valor da oferta de sacrifício que, como tal, somente pode ser realizada por aqueles que de fato pertencem a Deus!²²⁰

²¹⁹ MACEDO, Edir. **Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus**. Volume 2. 1ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1999, p. 101.

²²⁰ MACEDO, Edir. **O Perfeito Sacrifício**: O significado espiritual dos dízimos e ofertas. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2001, pp. 34-35.

No mesmo livro em que Macedo diz: “o preço de uma conquista é proporcional ao seu tamanho”²²¹, ele também diz: Cumprir com suas obrigações e realizar todas as tarefas como se Deus fosse o seu patrão ou empregado é o que se espera do cristão²²². Há ainda outras demonstrações de ascese cristã por parte de Macedo, por exemplo, quando ele diz: “as nossas regalias e privilégios celestiais dependem do tipo de vida que temos ofertado a Deus”²²³, mesmo a IURD não tendo um controle rígido sobre a moral dos membros, ao menos em seu discurso a igreja prega a “retidão”.

A obra *Como ser bem-sucedido na Vida Profissional*, de autoria do bispo Natal Furucho²²⁴ pode ser considerado um autêntico livro de auto-ajuda, totalmente direcionada ao “empregado”, pois segundo o autor “O sonho de todo trabalhador é galgar espaços significativos na empresa em que trabalha”²²⁵, esta frase por si só já é bastante reveladora da intenção da obra, é mais realista com o fato de que nem todos os membros da IURD poderão vir a ser empresários, caso contrário possivelmente a frase seria “O sonho de todo empregado é tornar-se patrão” ou algo semelhante, e não há absolutamente nada nesta obra apontado neste sentido. Trata-se de uma obra de 127 páginas dividida em duas partes. A primeira parte compõe-se de 17 capítulos que são conselhos de como deve ser a conduta de um empregado cristão. A segunda parte é composta de 12 capítulos nos quais o autor recomenda o que um empregado deve evitar em sua conduta profissional.

São capítulos pequenos que trazem sempre no final um versículo bíblico que justifique ou tenha alguma relação com o conselho do autor. É importante ressaltar que quase todos os conselhos são permeados por lições de obediência, respeito, esforço, trabalho árduo, resignação e seriedade, lembrando em muito as características da ética de trabalho do protestantismo histórico levantadas por Weber, ao citar os escritos de Benjamin Franklin.

Os títulos dos capítulos em si já são bastante reveladores. Na primeira parte do livro intitulada “Subindo os degraus do sucesso” os capítulos são os seguintes: A boa

²²¹ Ibid., p. 46.

²²² Ibid., 2001, p. 36.

²²³ Ibid., 2001, p. 44.

²²⁴ Natal Furucho é um dos principais líderes da IURD, foi ele quem pessoalmente fundou e organizou a IURD no Japão e atualmente ele é presidente da Universal Produções e suplente do senador iurdiano Marcelo Crivella, além de apresentar alguns programas televisivos da IURD, como o “Fala que eu te escuto”. FURUCHO, Natal. **Como ser bem-sucedido na Vida Profissional**: Conselhos para refletir e aplicar. Rio de Janeiro: Universal, 2003, p. 127.

²²⁵ FURUCHO, Natal. **Como ser bem-sucedido na Vida Profissional**: Conselhos para refletir e aplicar. Rio de Janeiro: Universal, 2003., p. 7.

conduta; Seja pró-ativo; Comprometa-se com a empresa; Seja responsável; Respeite as normas da empresa; Conheça o seu local de trabalho; Zele pelo patrimônio da empresa; Aprenda o serviço; Evite o retrabalho; Cumpra os horários; Trate bem a chefia; Qualifique-se; Esforce-se mais; Trabalhe sem partidarismo; Seja educado; Seja humilde; Saiba ouvir; Seja simpático. Na Segunda parte intitulada “Descendo os degraus do sucesso” os conselhos são direcionados ao que deve ser evitado pelo trabalhador. Os capítulos da segunda parte são os seguintes: O que se deve evitar no trabalho; Não viva reclamando; Não seja desperdiçador; Não fale sem necessidade; Não fique passeando no horário de serviço; Não brinque em serviço; Não use o telefone inadequadamente; Não crie confusão; Não seja ardiloso; Não seja obstinado; Não seja inconveniente; Corrigindo as falhas, e finalmente a conclusão, cujo título é “O propósito de Deus para um profissional cristão”. A idéia central de cada capítulo já está contida no próprio título. O que o autor faz é simplesmente discorrer a respeito de cada conselho dado.

O que chama a atenção na obra (e no discurso iurdiano) e tem passado despercebido para muitos, é que a igreja não prega somente a busca do milagre através dos dízimos, ofertas e sacrifícios. Está embutido em diversas passagens ou textos bíblicos escolhidos uma ética de trabalho árduo que lembra muito a sua distante raiz no protestantismo histórico, e não seria exagero observar fortes aproximações entre o discurso iurdiano e o que Weber chama de ascese laica. Weber usou como símbolo do espírito do capitalismo no protestantismo os textos de Benjamin Franklin²²⁶. Resolvemos então voltar às fontes e consideramos válido apresentar uma comparação entre os escritos iurdianos e os textos de Benjamin Franklin, não só os citados por Weber (*Necessary Hints to Those That Would Be Rich*, de 1736 e *Advice to a Young Tradesman*, de 1748), além de outros escritos de Franklin.

Por exemplo, no prefácio intitulado *The Way to the Wealth* (O Caminho para a Riqueza) do *Poor Richard's Almanac* (Almanaque do Pobre Richard) de 1758, Franklin, discorrendo sobre as reclamações dos contribuintes à respeito dos altos impostos faz as seguintes observações sobre dinheiro e impostos:

The taxes are indeed very heavy, and if those laid on by the Government were the only Ones we had to pay, we might more easily discharge them; but we have many others, and much more grievous to some of us. We are taxed

²²⁶ WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2003, pp. 46, 143.

twice as much by our Idleness, three times as much by our Pride, and four time as much by our Folly; and from these Taxes the Commissioners cannot ease or deliver us by allowing an Abatement. However let us hearken to good Advice, and something may be done for us; *God helps them that help themselves*, as Poor Richard says, in his Almanack of 1733.²²⁷

Analisando o discurso do bispo Natal Furucho, a aproximação com os conselhos de Franklin fica evidente:

O Cristão fiel e inteligente terá maiores chances de vencer os obstáculos vindouros. Por isso, espero motivá-los a seguirem adiante, pois Deus não desampara quem se esforça e abençoa os que O temem. “Bem-aventurado aquele que teme ao Senhor e anda nos seus caminhos! Do trabalho de tuas mãos comerás, feliz serás, e tudo irá bem.” (Salmos 128.1,2).²²⁸

Enquanto Franklin diz “Deus ajuda aqueles que se ajudam” Furucho diz “Deus não desampara quem se esforça”. É conhecida pelo grande público a recente enxurrada de obras de auto-ajuda. Analisando mesmo que superficialmente os escritos de Franklin podemos perceber que sua obra também apresenta a característica da auto-ajuda. Em seus vários escritos, por diversas vezes ele aconselha o leitor a fazer-se por si mesmo, como indica os sufixos *self* e *selves* em inglês. No trecho transcrito a seguir Franklin dá mais um destes conselhos, insistindo que o leitor deve buscar ele mesmo a autodisciplina e eficiência, mesmo sendo um empregado: “If you were a servant, would you not be ashamed that a good Master should catch you idle? Are you then your own Master, be ashamed to catch yourself idle, be ashamed to catch yourself idle”²²⁹. Esse tom de auto-ajuda na obra de Franklin parece ter ressonância na obra de Furucho. Em diversos momentos o bispo sugere que o empregado deve realizar um grande esforço por conta própria sem esperar retorno imediato, e deve se envolver com os problemas da empresa como se ele mesmo fosse o dono, conforme a narrativa abaixo:

²²⁷ FRANKLIN, Benjamin. *The Way to Wealth* (1758) in: **Autobiography and Other Writings**. Boston: Riverside Editions, 1958, p. 169. Os impostos são de fato muito pesados, e se os impostos colocados pelo governo fossem os únicos que tivéssemos de pagar Nós poderíamos facilmente saudá-los; mas nós temos muitos outros, e muitos mais aflitivos para alguns de nós. Nós somos taxados mais duas vezes pela nossa preguiça, mais três vezes pelo nosso orgulho, e mais quatro vezes pela nossa insensatez; e desses impostos os fiscais não podem fazer um abatimento. Entretanto tenhamos atenção para o bom conselho, e algo pode ser feito por nós; *Deus ajuda aqueles que se ajudam*, como diz o Pobre Richard, em seu Almanaque de 1733. (Tradução do Autor)

²²⁸ FURUCHO, Natal. **Como ser bem-sucedido na Vida Profissional**: Conselhos para refletir e aplicar. Rio de Janeiro: Universal, 2003, p. 9.

²²⁹ FRANKLIN, Benjamin. *The Way to Wealth* (1758) in: **Autobiography and Other Writings**. Boston: Riverside Editions, 1958, p.170. Se você fosse um empregado, você não ficaria envergonhado caso um bom mestre pegasse você desocupado? Então seja você seu próprio mestre, fique envergonhado em pegar você mesmo desocupado. (Tradução do Autor)

Aproveitando a oportunidade de conversar com um representante da empresa fornecedora do equipamento, o operário começou a indagar sobre alguns fatores relevantes para o funcionamento da mesma. Falou-lhe sobre o aquecimento do motor quando estava em alta produção e que, por causa disso, a cada três meses tinha que trocar uma peça que custava 500 dólares. Ele agia como se fosse o dono da empresa, pois sabia perfeitamente o preço das peças de reposição, sabia o custo da matéria-prima e estava procurando arrancar mais informações do representante, a fim de aumentar mais ainda a produção.²³⁰

A influência das obras do tipo “auto-ajuda” e motivacionais é uma característica marcante da IURD, assumida pelo seu principal autor neste estilo, o bispo Natal Furucho, o que mais escreve textos direcionados à empreendedores:

Os escritores mais famosos sobre liderança e gestão têm a opinião quase unânime de que o equilíbrio necessário para o bom andamento nos negócios está na vida espiritual. Acredito que eles chegaram a essa conclusão após longos anos de estudos comparativos e investigativos, fortalecidos pelos relatos e testemunhos de empresários e homens bem-sucedidos.²³¹

Na nossa pesquisa nos foi possível detectar a influência da literatura típica de auto-ajuda no discurso neopentecostal advindo da Teologia da Prosperidade. Há em ambos os gêneros uma característica em comum; a busca do “pensamento positivo” e da “autoconfiança”. Características estas que norteiam a obra de Hagin. O próprio Fonseca já sinaliza, ainda que discretamente, para o componente de “auto-ajuda”²³² presente no discurso da Teologia da Prosperidade e suas variantes.

Kenneth Hagin é um dos grandes norteadores do discurso das igrejas neopentecostais, ele segue um estilo literário classificado como “Confissão Positiva”, uma faceta da Teologia da Prosperidade, de acordo com Fonseca, “Colocamos sob o nome de “Confissão Positiva” aqueles (livros) que abordam como a fala pode ajudar a “abençoar as pessoas””²³³. Hagin não é o criador da Confissão Positiva, mas tornou-se um dos mais conhecidos e difundidos autores do gênero. Fonseca faz o seguinte histórico deste gênero:

As origens, contudo, vem de meados do século XIX, nos Estados Unidos. Sua gênese pode ser encontrada na cidade de Boston, onde Phineas Parkhurst Quimby, um autodidata em tratamento de neuroses, realizou “leituras esotéricas e longas meditações acerca das inclinações subjetivas, privadas” (Meyer, 1988:34) para tratar de seus pacientes por meio de cura mental. O

²³⁰ Ibid., p. 20.

²³¹ FURUCHO, Natal. Equilibrando sua Vida. **Auto-Ajuda**. Disponível em <<http://www2.arcauniversal.com.br/apresautoajuda.jsp?>> Acesso em: 10 jun. 2004.

²³² FONSECA, Alexandre Brasil. **Nova Era evangélica, Confissão Positiva e o crescimento dos sem religião**. VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, São Paulo, 1998, p. 7.

²³³ FONSECA, Alexandre Brasil. Op. Cit., p. 3.

primeiro livro dessa linha foi produção de um ex-paciente de Quimby: o reverendo Warren Evans publica em 1869 - três anos após a morte de Quimby - *The Mental Cure*, indicando a origem desse movimento nas produções que tratam de “Cura Mental” (*Mind cure*). Mary Baker Eddy, também paciente de Quimby, desenvolveu seus ensinamentos e fundou uma nova religião, a Ciência Cristã. (...) Esses trabalhos dão bem a idéia da lógica presente: *Power of Will* (que em quinze anos vendeu 600.000 exemplares, lançado em 1906), *The Secret of Success, Every Man a King*. Em 1925 Bruce Barton lança o livro *The Man Nobody Knows*, no qual Jesus Cristo é apontado como o “primeiro grande executivo”, o “primeiro grande anunciante” e o “fundador da forma moderna de comércio”. Barton vê em Jesus o modelo de executivo e tem em seu livro um grande *best-seller*, além de ter lançado sobre a Bíblia o livro *The Book Nobody Knows*. Mas é em 1952 que chega às livrarias o grande inspirador e centro dessa doutrina, quando o pastor Norman Vicent Peale publica *The Power of Positive Thinking*. O livro de Peale vendeu milhões de exemplares por todo o mundo, e permaneceu entre os mais vendidos, (...) Nascido dois anos antes do lançamento do primeiro livro de Peale (*Art of living*, 1937), um fracasso de vendas, Oral Roberts lançou em 1955, então com vinte anos, seu primeiro livro com o sugestivo título *God's Formula for Success and Prosperity*. A fama da Confissão Positiva difundiu-se entre os evangélicos americanos com a divulgação providenciada por Roberts, Schuller entre outros líderes da *Igreja Eletrônica*, além do trabalho desenvolvido por Hagin - que apesar de não ser um dos pregadores eletrônicos também foi grande responsável pela disseminação e popularização dessa doutrina.²³⁴

Para compreendermos melhor a Confissão Positiva, nada melhor que ir direto às fontes. Analisando superficialmente a obra “Pensamento Certo ou Errado” de Kenneth E. Hagin²³⁵, encontramos os elementos necessários para entender este gênero. O próprio Hagin dá o conceito da confissão positiva:

Paulo disse em Romanos 10:9: *Se com a tua boca, confessares ao senhor Jesus*. Isso não se refere a confissão de pecado, nem é uma confissão de fraqueza. Ao invés disso, é uma confissão do senhorio de Jesus Cristo. E continua dizendo: *E, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo. Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação*.

Esta não é uma confissão negativa. É uma confissão positiva! De fato, o cristianismo é chamado de grande confissão. Hebreus 3.1 revela que devemos considerar o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão.

Nesse momento, seria para nós de grande ajuda definir o significado da palavra confissão. Em primeiro lugar, é afirmar alguma coisa na qual cremos. Em segundo lugar, é testificar algo que conhecemos. Em terceiro lugar, é testemunhar uma verdade que abraçamos.²³⁶

Macedo diz o seguinte aos iurdianos: “cobre de Deus aquilo que Ele mesmo prometeu. Viva uma vida vitoriosa e abundante; nunca aceite a derrota ou a

²³⁴ Ibid., pp. 5-6.

²³⁵ HAGIN, Kenneth E. **Pensamento Certo ou Errado**. Rio de Janeiro: Graça, 2000.

²³⁶ HAGIN, Kenneth E. **Pensamento Certo ou Errado**. Rio de Janeiro: Graça, 2000, p. 10.

desgraça”²³⁷, o que está de acordo com as idéias de Hagin, este autor defende a idéia de que, através da confissão positiva, o Cristão “liberto” e “nascido novamente” pode simplesmente tomar posse das bênçãos, pois estas já estão disponíveis à ele:

Pode-se sempre situar uma pessoa espiritualmente pelo que ela diz. A maioria dos cristãos cita as Escrituras sobre nossa redenção e ora para que elas se tornem reais para cada um, não entendem que, se são nascidos de novo em Cristo, a Palavra já é uma verdade na vida deles. Tudo que têm a fazer é reivindicar essas promessas, alcançando-as e tomando posse; apropriando-se delas por si mesmos.²³⁸

A IURD já demonstra estar em sintonia com a “confissão positiva” e a literatura de auto-ajuda e motivacional há bastante tempo, conforma nos demonstra esta fonte de 1989, ao sugerir como o crente deve fazer para livrar-se da pobreza:

Mas, então, o que fazer para mudar essa situação? É justamente com este objetivo que nós, da Igreja Universal do Reino de Deus, fazemos nossos desafios de fé. Nós, os cristãos, temos que nos unir numa só fé, num só Espírito e em nome de Um só Senhor para virarmos a mesa. O nosso objetivo é preparar pessoas para conquistarem o espaço e o tempo perdido em pensamentos tacanhos e obtusos, a respeito da verdadeira vontade de Deus para os Seus filhos. Para isto nós temos que dar largos passos de fé e coragem, e em nenhum momento vacilar, pelo contrário, sermos o suficiente audaciosos para agirmos de acordo com o que cremos de todo o coração.²³⁹

Estas características são bastante visíveis tanto no discurso da IURD quanto no discurso da Igreja Internacional da Graça de Deus, por exemplo, outra grande igreja neopentecostal “irmã” da IURD. Vejamos o que diz o missionário R. R. Soares sobre a “autovalorização”:

Primeiro de tudo, é preciso que você tenha uma autovalorização da sua pessoa. É ensinado em todas as partes que nós não valemos nada para Deus, que somos seres sem a mínima expressão diante dEle, e que somente por misericórdia é que Ele nos salva. Veja bem: todos crêem que Jesus pagou um alto preço para nos resgatar, o que é verdade. Mas, se o preço pago foi alto, é porque temos um alto valor para o Senhor Deus. Não se paga tanto por aquilo que tem pouco valor.²⁴⁰

Souza e Brepohl de Magalhães também detectaram estas características no discurso iurdiano:

²³⁷ MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 15ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001, p. 154.

²³⁸ HAGIN, Kenneth E. op. cit., p. 22.

²³⁹ MACEDO, Edir. Ao Leitor. Revista **Plenitude**, Rio de Janeiro, n.47, outubro/1989.

²⁴⁰ SOARES, Romildo Ribeiro. **Curso Fé**. Disponível em < <http://www.ongrace.com/cursofe> > Acesso em: 10 set. 2004.

Algumas das características do discurso iurdiano denotam a recomendação da autoconfiança; o fiel deve crer nele mesmo, em sua capacidade individual. A estratégia oferecida pela IURD, baseada na Teologia da Prosperidade, estimula o membro da igreja a ser participativo nos cultos em relação a ofertas e dízimos e reivindicar perante Deus aquilo que lhe pertence por direito. Se todo discurso sobre espiritualidade vem atrelado à intervenção do Diabo, quando se trata de dinheiro, o fiel tem de ir à luta e buscar a Deus com revolta, que neste caso assume um sentido de inconformidade com a própria situação: doença, pouco dinheiro, ser empregado assalariado.²⁴¹

De acordo com a citação, “buscar a Deus com revolta” não significa necessariamente uma postura de “desafiar Deus”, pois Macedo reitera diversas vezes que o crente deve “se humilhar perante Deus”.

2.2- Dízimo e Oferta: Obrigação, Doação e Sacrifício

A IURD tem uma literatura considerável para tratar do dízimo e das ofertas, bem como uma intensa divulgação na Internet e uma menor divulgação em seus programas de TV, possivelmente para evitar os tradicionais ataques contra a prática do dízimo e ofertas.

Dentre os livros destacamos: *O Perfeito Sacrifício*, do bispo Macedo; *A Deus o que é de Deus* do pastor José Cabral; *Como ser um Dizimista Fiel*, de Natal Furucho; e o tema também aparece pontualmente na série *Doutrinas da IURD*, volumes 1, 2 e 3 de autoria de Edir Macedo, além de breves referências em outras obras da instituição.

Apesar de serem livros de poucas páginas, é forçoso crer que estes livros tenham uma grande difusão entre os fiéis da IURD, mas sua eficácia como transmissor do discurso da igreja pode ser comprovada pela uniformidade de argumentação e pregações dos pastores nos cultos e programas televisivos, bem como na mídia impressa da instituição.

Cabe destacar que muitas das argumentações repetem-se nos livros, para aquele que lê dois ou mais desses livros torna-se portanto bastante repetitiva a leitura.

O dízimo também é difundido na Internet através do site da “Corrente dos 318”²⁴², onde são exibidos trechos do livro *Como ser um Dizimista Fiel*, o qual trataremos adiante.

²⁴¹ SOUZA, Etiane Caloy B. BREPOHL DE MAGALHÃES, Marionilde Dias. **Os Pentecostais: Entre a Fé e a Política**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, vol 22, nº 43, 2002, p. 100.

²⁴² Reunião dos 318 Homens de Deus. **Igreja Universal do Reino de Deus**. Disponível em <<http://www2.arcauniversal.com.br/318pastores/index.jsp>> Acesso em: 23 dez. 2003.

Por hora, trataremos dos livros *A Deus o que é de Deus* e *Como ser um Dizimista Fiel*. Ambos tratam do dízimo e são livros pequenos, o que permite uma leitura rápida e menos cansativa, além de possuírem uma linguagem clara e acessível. O primeiro trata-se de um livro com 100 páginas e a argumentação é bastante minuciosa, tratando de explicar o que é o dízimo, sua história, sua significação bíblica e principalmente o “porquê” do fiel ter de dar o dízimo. Já o segundo é um livro menor, com apenas 41 páginas de texto e mais 10 páginas com tabelas para o dizimista controlar o seu dízimo. Este livro sintetiza as idéias do primeiro só que de uma forma ainda mais simples além de apresentar um conjunto de perguntas e respostas sobre o dízimo, questões bem práticas e cotidianas do tipo “Como o empresário deve dar o dízimo?” ou “Deve-se dar o dízimo do vale transporte?”. É provável que este livro tenha sido feito para chegar realmente ao grande público iurdiano, dada a sua simplicidade.

Devemos deixar claras as diferenças entre dízimo e oferta para a IURD, apesar de ambas serem em geral doações em dinheiro à igreja. Segundo o próprio bispo Macedo:

O dízimo caracteriza a fidelidade do servo de Deus, enquanto que a oferta indica o seu amor e a sua consideração para com Deus. Enquanto o dízimo é uma obrigação (Malaquias 3.7-12) por parte do servo para com o senhor Jesus (Mateus 23:23; Lucas 11.42), a oferta deve ser algo espontâneo e dada com alegria (romanos 12.8; 2 Coríntios 9.7).²⁴³

As referências ao dízimo e as ofertas são maciçamente reforçadas em vários livros da IURD, nos cultos e em suas páginas oficiais. Embora em princípio as pregações iurdianas enfatizem que o dízimo é uma obrigação devida a Deus e as ofertas são um sacrifício pessoal, em seu discurso escrito, a IURD reitera várias vezes que não obriga ninguém a essas práticas, que devem ser espontâneas “A contribuição para a obra de Deus deve ser dada com amor, por gratidão, em espírito de louvor e como fruto de real consagração do ofertante a Deus”²⁴⁴.

2.2.1- A Argumentação em Torno do Dízimo

Já é fato conhecido daqueles que estudam o campo religioso que a maior parte das igrejas cristãs pede o dízimo e entre as pentecostais a prática desta contribuição é muito

²⁴³ MACEDO, Edir. **Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus**. Volume 1. 1ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1998, p. 97.

²⁴⁴ CABRAL, José. **A Deus o que é de Deus**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Universal Produções, 1997, p. 43.

mais institucionalizada do que em outras igrejas. A IURD, mantém essa característica das igrejas pentecostais mais antigas e aperfeiçoa seus métodos construindo uma cadeia argumentativa praticamente irrefutável, e é importante lembrar que toda argumentação é direta ou indiretamente fundamentada no texto bíblico, a autoridade suprema entre os pentecostais.

A quantidade de versículos bíblicos que fundamentam a prática do dízimo é enorme (a expressão aparece em pelo menos 58 versículos) tornando fácil para a IURD construir uma argumentação à respeito, e na maioria dos casos, a IURD faz uma leitura literal dos versículos, excetuando os casos em que lhe convém, por exemplo, no livro de título sugestivo “A Deus o que é de Deus”, no capítulo intitulado “Por que em Dinheiro” a interpretação bíblica não é literal, pois uma interpretação literal dos versículos bíblicos podem afetar as práticas e as argumentações da IURD.

E, depois que este dito se divulgou, os filhos de Israel trouxeram muitas primícias de trigo, mosto, azeite, e mel, e de toda a novidade do campo: também os dízimos de tudo trouxeram em abundância. (2CR 31:5)
E os filhos de Israel e de Judá, que habitavam na cidade de Judá, também trouxeram dízimos das vacas e das ovelhas, e dízimos das cousas sagradas que foram consagradas ao Senhor seu Deus; e fizeram muitos montões. (2CR 31:6)²⁴⁵

Certamente a forma de dizimar acima exposta não faz sentido nos tempos de hoje, especialmente no caso da IURD, uma igreja urbana. Para prevenir-se então de uma eventual argumentação contra o dízimo baseada em uma interpretação também literal do texto bíblico, o autor, desta vez, procura uma explicação histórica para adaptar os versículos bíblicos.

Já ouvi o argumento de que o dízimo era coisa dos povos antigos e consistia apenas em gados, grãos ou frutos, e não em dinheiro, e que por isso não deveria ser praticado em nossos tempos. Tal argumento mostra desconhecimento da bíblia
A sociedade dos tempos bíblicos tinha sua economia elaborada basicamente no sistema de troca, onde o valor estava no objeto, e não na moeda. Dessa forma, animais e alimentos tinham mais valor na oferenda do que o dinheiro que valiam (...) Na sociedade em que vivemos, onde a moeda é a base da economia e as pessoas vivem de salários, é claro que se torna muito mais fácil dizimar em dinheiro. Aliás, nunca vi as pessoas que usam tais argumentos trazerem a igreja bois, ovelhas, grãos, frutos, sacos de cimento, máquinas, etc., como sendo seus dízimos.²⁴⁶

²⁴⁵ A BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Edição Revisada e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1989.

²⁴⁶ CABRAL, José. **A Deus o que é de Deus**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Universal Produções, 1997, p. 18.

A IURD utiliza um complexo jogo simbólico para tratar da questão dízimos/ofertas como formas de sacrifício. Mesmo incentivando que estes sacrifícios devem ser na forma de dinheiro, no culto que observamos na sede estadual em Florianópolis no dia 5 de janeiro de 2004. Em determinado momento do culto, o pastor convidou os presentes que estavam dispostos a fazer o sacrifício em dinheiro viessem até a frente e pusessem a mão em uma bacia contendo sangue²⁴⁷, elemento fundamental nos sacrifícios do antigo testamento e em certos cultos afro-brasileiros²⁴⁸. Ou seja, a IURD consegue afetar pessoas de passados religiosos diversos com essa estratégia. Entretanto, devemos ressaltar que estas práticas da IURD baseiam-se em práticas mencionadas no antigo testamento.

A comunhão com a divindade pode ser concebida sob vários aspectos, e o simbolismo dos vários tipos de sacrifício expressam essas diferenças. Os historiadores das religiões propuseram numerosas teorias que tentam fixar a idéia essencial na qual consistem o ritual e o simbolismo sacrificiais. Essas teorias salientam os seguintes elementos do sacrifício: 1) O dom do homem à divindade; 2) a homenagem do súdito ao senhor; 3) a expiação das ofensas; 4) a comunhão com a divindade; 5) vida subtraída da vítima, oferecida a divindade e conferida aos adoradores. (...) O elemento simbólico comum em todos os sacrifícios do Antigo Testamento é a presença do sangue.²⁴⁹

Além do sangue, é usado muito também o simbolismo do fogo, conforme percebemos nos cultos observados no final de dezembro de 2003 e início de janeiro de 2004, no auge dos pedidos de ofertas para a “Fogueira Santa de Israel”.

Para a IURD, o dízimo é espontâneo, mas em suas publicações o fiel é alertado das coisas que podem acontecer caso ele não entregue o dízimo e alerta, não entregar o dízimo é roubar de Deus.

De que somos chamados quando devemos alguma coisa a alguém e não pagamos? E ainda, quando ficamos com o que não é nosso e gastamos? Em Malaquias 3.8 o profeta pergunta: “*Roubará o homem a Deus?*” e o Senhor responde ao povo: “*Todavia vós me roubais:*” O povo pergunta: “*Em que te havemos roubado?*” Ainda o Senhor responde: “*Nos dízimos e ofertas*”. Em não entregar ao Senhor os dízimos e ofertas, o povo O estava roubando. Foi chamado de ladrão.

²⁴⁷ Não podemos ter certeza se o líquido que estava contido na bacia era realmente sangue ou algo que o representasse. No programa televisivo transmitido localmente na grande Florianópolis pela Rede Record de Televisão no dia 06/01/2004 um pastor convida as pessoas a assistirem o culto da “Sessão Espiritual do Descarrego” e receberem o “banho do descarrego”, segundo o próprio pastor que apresentava o programa, uma garrafa contendo uma solução de água, óleo, trigo e suco de uva representando sangue.

²⁴⁸ ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro**: Umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes. Petrópolis: Vozes, 1978, pp. 138-139.

²⁴⁹ MCKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulus, 1983, pp. 819-820.

(...) Deus os acusa de roubo e Jesus lhes diz: “Daí a Deus o que é de Deus.” Se você quer merecer bom conceito e ser tido como honesto, devolva a Deus o que Lhe deve e todos o bendirão.²⁵⁰

Esta argumentação vem de outra bem simples, “Para o povo de Deus, o caráter obrigatório não surge de uma determinação legal ou religiosa, mas da firme convicção de que Deus é dono de todas as coisas, e por isso mesmo merece os primeiros e melhores produtos de seu trabalho”²⁵¹, portanto o fiel está fazendo uma pequena “devolução exigida por Deus”. Aos poucos vamos percebendo que as estratégias iurdianas atacam por todos os flancos: a negociação com Deus do tipo “Toma lá, dá cá”, o terror no uso de expressões “roubar de Deus” e promessas de castigo e ainda a comoção no sentido de que o fiel deve retribuir e “dar-se” a Deus²⁵².

É interessante perceber que a IURD faz um jogo discursivo ora negando, ora confirmando o uso dessas estratégias. Vejamos por exemplo a idéia de “negociação com Deus”.

Contribuir com a décima parte dos ganhos para a obra de Deus não é um negócio a ser feito com ele, tampouco uma obrigação legal. Considerada assim, essa oferta assume a características pagã “dou para que me retribuas” ou transforma-se em um mero ato de obediência legalista; conceitos alheios aos princípios evocados nas escrituras.²⁵³

Perceba-se então a negação do caráter de “negociação divina” que o dízimo pode assumir, mas a contradição acontece ainda na mesma página, no parágrafo seguinte, onde é dito: “As promessas de recompensa para o ofertante têm a finalidade de incentivar e motivar a fazer obras, revelando que Deus, o Pai, se agrada delas e também sabe manifestar o seu agrado”²⁵⁴.

A IURD por ser uma instituição religiosa multinacional e com uma estrutura muito grande para sustentar (grandes templos, pastores e obreiros, emissoras de rádio e tv e horários comprados, organizações beneficentes) tem uma grande despesa e este fato pode ser usado por seus pastores como justificativa para a cobrança de dízimo e pedido de ofertas. A IURD portanto se encaixa no modelo que Oro chama de “pentecostalismo empresarial”.

²⁵⁰ CABRAL, José. **A Deus o que é de Deus**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Universal Produções, 1997, pp. 63-64.

²⁵¹ Ibid., p. 16.

²⁵² Ibid., p. 46.

²⁵³ Ibid., p. 41.

²⁵⁴ CABRAL, José. **A Deus o que é de Deus**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Universal Produções, 1997, p. 41.

As igrejas são estruturadas segundo o modelo empresarial: possuem uma organização administrativa hierárquica, esperam aumentar sempre mais seu patrimônio, mantêm uma divisão social de trabalho religioso e administrativo, colocam no mercado serviços e bens simbólicos que são adquiridos mediante pagamento, e sustentam uma relação concorrencial com as outras “empresas de salvação” atuantes no mercado religioso nacional.²⁵⁵

É importante mencionar que a IURD não nega a necessidade do dízimo para a sua manutenção, “(...) entendemos que as principais finalidades do dízimo são: a manutenção dessa comunidade de fé que é a Igreja, o culto a Deus para o qual todas as pessoas devem ser convidadas e, conseqüentemente, o suporte financeiro necessário para ganhar os que ainda não foram salvos.”²⁵⁶

Há ainda uma forte preocupação da IURD para que o dízimo seja realmente entregue para a igreja, e que o fiel não tente ele mesmo administrar e aplicar o dinheiro do dízimo em outras coisas, por exemplo, em obras de caridade. Na obra *Como ser um Dizimista Fiel*, na sessão “Perguntas comuns sobre a utilização do dízimo”, eis a resposta para a pergunta: “Posso fazer doações aos pobres utilizando o dízimo?”.

O dízimo não pode ser utilizado aleatoriamente, ainda que seja em benefício de pessoas carentes e necessitadas. A Administração do dízimo cabe exclusivamente à igreja, e, os sacerdotes responsáveis por ela é que devem definir onde e quando utilizá-lo. Imagine se todos os cristãos utilizassem o dízimo para fazer doações ou algo parecido, a igreja não teria condições de funcionar nem anunciar a salvação. O cristão sincero conhece a necessidade de sua igreja e por isso jamais empregaria o seu dízimo de maneira incorreta, mesmo que isso tivesse aparência de gesto piedoso.²⁵⁷

Esta obra tem dimensões físicas menores do que as outras obras citadas e a linguagem é ainda mais clara, pois a maior parte dela constitui-se de perguntas e respostas que possam fazer parte da vida cotidiana da maioria dos membros da IURD. É um manual completo do dizimista, mostrando exemplos e traz ainda tabelas em branco para o dizimista controlar o seu dízimo e uma tabela preenchida como exemplo.

²⁵⁵ ORO, Ari Pedro. **Avanço Pentecostal e Reação Católica**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996, p. 70.

²⁵⁶ CABRAL, José.op. cit., p. 29.

²⁵⁷ FURUCHO, Natal. **Como Ser um Dizimista Fiel**. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2001, p. 38.

os cultos dizendo frases do tipo “Dê aquilo que seu coração lhe manda”, argumentando que a fé é proporcional ao tamanho da oferta.

Deve ficar claro que, embora muitos autores enfatizem a prática do sacrifício através de ofertas em dinheiro, na IURD, semelhante à outras igrejas pentecostais, o sacrifício também pode ser de outras formas, como o jejum, por exemplo: “Ficar com fome ou se privar de algo que faz bem ao corpo ou à alma; passar pela necessidade ou pela dor causadas pela abstinência voluntária, certamente são sacrifícios”²⁶⁰.

Apesar de reconhecer que o jejum é um importante sacrifício, especialmente para quem não pode fazer outras formas de sacrifício²⁶¹, a forma mais difundida ainda é a oferta em dinheiro, além disso, em diversas oportunidades a IURD deixa claro que é recomendável que a oferta seja grande, seja um verdadeiro “sacrifício”, pois “O Senhor deixou claro que nossa entrega deve ser total. Envolve sacrifício de tempo, dinheiro, parentes e tudo o mais”²⁶².

Mariano, a partir da obra *Os Mistérios da Fé*²⁶³, de Edir Macedo também observa o incentivo a uma “entrega total” por parte do fiel.

“A fé”, insiste Macedo, “requer atitude”. Atitude de “sacrifício”. Pois adverte, “a fé que dispensa o sacrifício é a fé farisaica e antibíblica”. Ordenado por Deus, o sacrifício “é uma atitude corajosa”. (...) Por demandar elevada coragem, o sacrifício de maior destaque é chamado “desafio”, que consiste em doar uma quantia que, segundo qualquer cálculo racional, compromete o orçamento doméstico do doador ou está acima de suas possibilidades imediatas.²⁶⁴

Outro argumento relevante para incentivar o fiel a fazer uma grande oferta é reforçar a idéia da “aproximação com Deus”, buscando uma relação íntima e fraternal com Deus, segundo Macedo: “Toda oferta que se oferece a Deus revela o que está no coração do ofertante e mostra o seu relacionamento com Ele. Através da oferta a Deus, a pessoa transmite amor, carinho, dedicação e consideração”²⁶⁵.

A idéia de que a oferta/sacrifício deve ser o máximo que a pessoa pode dar é constantemente reforçado pela IURD, dentre as justificativas, está a que “Deus ofertou o

²⁶⁰ MACEDO, Edir. **Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus**. Volume 2. 1ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1999, p. 38.

²⁶¹ MACEDO, Edir. **O Perfeito Sacrifício**: O significado espiritual dos dízimos e ofertas. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2001, p. 24.

²⁶² Ibid., p. 39.

²⁶³ MACEDO, Edir. **Os Mistérios da Fé**. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1999.

²⁶⁴ MARIANO, Ricardo. O Reino de Prosperidade da Igreja Universal. In: ORO, Ari Pedro. et al. **Igreja Universal do Reino de Deus: Os Novos Conquistadores da Fé**. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 254.

Seu próprio Filho, Jesus Cristo (João 3.16). (...) Se Jesus é a oferta perfeita, isso significa que todas as ofertas são representações d'Ele. (...) Por isso, ela (a oferta) não pode ser imperfeita”²⁶⁶. Além disso, por tratar-se da busca de uma relação mais próxima de Deus, a oferta deve ser máxima, pois se destina ao todo poderoso, ainda segundo Macedo, “Quando há um profundo laço de afeto, ternura e amor entre o que presenteia e o que recebe, o presente nunca deve ser inferior ao melhor que a pessoa tem condições de dar”²⁶⁷.

Os aspectos mais relevantes da obra de Macedo e das pregações iurdianas e que fortes críticas pela imprensa e até por pesquisadores, certamente é o aspecto de “negociação com Deus” que revestem certos trechos das obras iurdianas e das suas pregações. E dentro das obras que delimitamos para a nossa pesquisa, as argumentações do próprio Edir Macedo são as mais incisivas.

Embora na obra *A Deus o Que é de Deus* a idéia de negociação ou troca com Deus é negada²⁶⁸, em *O Perfeito Sacrifício*, Macedo defende que “O sacrifício inclui o ato de renunciar voluntariamente a alguma coisa, em troca de outra muito mais valiosa. É a menor distância entre o querer e o realizar e inclui a troca”²⁶⁹.

Os membros da IURD são constantemente conclamados a fazer um grande sacrifício, dando o máximo que puderem e o que lhes fará falta, se for seguida a equação “fé + sacrifício” a “benção será alcançada”:

“Vindo, porém, uma viúva pobre, depositou duas pequenas moedas correspondentes a um quadrante. E, chamando os seus discípulos, disse-lhes: Em verdade vos digo que esta viúva pobre, depositou no gazofilácio mais do que o fizeram todos os ofertantes. Porque todos eles ofertaram do que lhes sobrava; ela, porém, da sua pobreza deu tudo quanto possuía, todo seu sustento (Marcos 12.42-44)”. (...) Essa oferta engloba o aspecto material (as moedas) e o espiritual (a fé). em um primeiro momento ela manifestou uma fé viva em Deus, pois acreditava que Ele lhe devolveria multiplicado; em seguida, deu tudo o que possuía. (...) A qualidade da fé de cada um é medida pela qualidade do sacrifício, e a qualidade do sacrifício exprime a qualidade da fé.²⁷⁰

²⁶⁵ MACEDO, Edir. **O Perfeito Sacrifício**: O significado espiritual dos dízimos e ofertas. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2001, p. 11.

²⁶⁶ Ibid., p. 15.

²⁶⁷ Ibid., pp. 9-10.

²⁶⁸ CABRAL, José. **A Deus o que é de Deus**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Universal Produções, 1997, pp. 34-37.

²⁶⁹ MACEDO, Edir. op. cit., p. 45.

Cap. III – Construção discursiva da inclusão e da marginalidade

Já é de longa data a discussão no meio acadêmico sobre a questão Pentecostalismo x Pobreza, e diversos autores já defenderam a idéia de que a expansão pentecostal sempre aconteceu com maior intensidade nas camadas sociais mais baixas da população brasileira. Por exemplo, Rolim defende que o pentecostalismo sempre se desenvolveu melhor entre as camadas mais pobres da população devido ao tipo de “catolicismo devocional” que esta população já praticava, e segundo este autor, o caminho já estava sendo aberto por algumas igrejas protestantes, vejamos o que diz Rolim à respeito dos primórdios da expansão da AD em Belém do Pará:

A periferia urbana de Belém acenava para os batistas, que além de proselitistas e por isso mesmo buscavam espaços onde lançar o que denominavam de evangelização direta. A orla urbana, habitada na época pela pobreza e não pela riqueza e suntuosidade de moradias, era a disponibilidade ao alcance da igreja batista. Disponibilidade significa aqui simplesmente espaço não ocupado pelo catolicismo oficial e povoado por gente pobre trazendo de longa data nos sentimentos e na alma a devoção aos santos.²⁷¹

Rolim defende com certa veemência a idéia de que o pentecostalismo se expande graças a situação de pobreza de boa parte da população, nas palavras dele “os segmentos empobrecidos da sociedade foram e continuam sendo o meio social em que as igrejas pentecostais medraram e se expandiram”²⁷². Certamente não dá para desprezar a relação entre pobreza e pentecostalismo, mas seria reducionismo explicar a vertiginosa expansão pentecostal dos últimos anos unicamente a partir da questão sócio-econômica. Um dos sinais de que este pensamento deve ser no mínimo revisto é o forte crescimento do pentecostalismo nas duas últimas décadas registrado nas camadas médias urbanas, o principal alvo de proselitismo da IURD, e mesmo do surgimento de instituições pentecostais voltadas a homens de negócios, como a ADHONEP²⁷³ (Associação de Homens de Negócios do Evangelho Pleno), além da literatura produzida para empresários, conforme já mencionamos.

²⁷⁰ MACEDO, Edir. **O Perfeito Sacrifício**: O significado espiritual dos dízimos e ofertas. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2001, pp. 48-49.

²⁷¹ ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostalismo: Brasil e América Latina**. 1ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 21.

²⁷² ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostalismo: Brasil e América Latina**. 1ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 25.

²⁷³ CAMPÁ, Wânia Amélia Belchior Mesquita. **O Empresário e a Fé**: “homens de negócio” e expansão pentecostal. VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, São Paulo, 1998.

A relação entre riqueza/pobreza e pentecostalismo não está totalmente resolvida entre seus adeptos. O trabalho de Mina aponta que, “no quesito da pluralidade social, as identificações mais tradicionais da AD, principalmente as externas, estão sendo postas em xeque por uma nova classe de membros que experimenta um processo de ascensão social, causando certo mal-estar entre as alas mais conservadoras da igreja.”²⁷⁴ Essa questão encontra solução na lógica interna do discurso da IURD, por ser adepta da Teologia da Prosperidade. Como observa Freston “a TP ensina que a pobreza é resultado de falta de fé ou de ignorância”²⁷⁵. Sendo assim, o discurso da IURD, a um só tempo, explica a pobreza, não marginalizando o pobre. Dessa forma, atribui aos demônios o fracasso financeiro, eximindo crente da culpa por ser pobre (mas não compactuando com a pobreza). Nessa direção a IURD vai apostar em projetos sociais.

De acordo com Machado, “a história da assistência social no Brasil encontra-se fortemente imbricada nas iniciativas das instituições religiosas”²⁷⁶, ela destaca como pioneiros os católicos e espíritas²⁷⁷, vale lembrar uma das leis do espiritismo: “fora da caridade não há salvação”²⁷⁸. Observa-se também a importância da caridade nos “trabalhos” da Umbanda, para Ortiz: “O “trabalho” se realiza portanto em função do público; por outro lado, a assistência participa do culto na medida em que os umbandistas “trabalham” para ela. Desta forma, a prática religiosa vincula-se a orientação doutrinária que concebe a “caridade” como fator de mobilidade espiritual”²⁷⁹.

Macedo percebe o reconhecimento alcançado pelo Espiritismo através da caridade feitas por seus praticantes e pelo fato dos espíritas manterem instituições de caridade, visando prevenir-se de qualquer contra-argumento, ele faz o seguinte alerta:

Caridade é ordem do dia em todos os centros e terreiros onde se pratica o espiritismo ou demonismo. Com essa palavra “mágica”, nem sempre bem

²⁷⁴ MINA, Andréia Mendes de Souza. **Nós e o Mundo. A Construção do Outro: Alteridade e Pertencimento no Material de Divulgação Brasileiro da Igreja Assembléia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus na Década de 90.** Florianópolis: UFSC (Mestrado em História), 2004, p. 25.

²⁷⁵ FRESTON, Paul Charles. Breve histórico do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. et al. **Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo.** Petrópolis: Vozes, 1994, pp. 147-148.

²⁷⁶ MACHADO, Maria das Dores Campos. Igreja Universal: uma organização providência. In: ORO, Ari Pedro. et al. **Igreja Universal do Reino de Deus: Os Novos Conquistadores da Fé.** São Paulo: Paulinas, 2003, p. 303.

²⁷⁷ MACHADO, Maria das Dores Campos. Igreja Universal: uma organização providência. In: ORO, Ari Pedro. et al. op cit., p. 304.

²⁷⁸ KARDEC, Allan. O que é o Espiritismo. In: KARDEC, Allan. **O que é o Espiritismo.** 52ª Ed., Araras: IDE, 2003, p. 5.

²⁷⁹ ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes.** Petrópolis: Vozes, 1978, p. 100.

compreendida pessoas sinceras e bondosas são atraídas e enveredam por caminhos que a primeira vista parecem bons, mas que têm no seu desenrolar, engano, astúcia e dolo. (...) Nos centros espíritas fala-se muito em caridade. Diz-se que deve ser exercida na relação com as pessoas e com os espíritos, que sabemos serem demônios. (...) Assim, qualquer contato com os demônios tem o espírito da caridade.²⁸⁰

O recado de Macedo é muito claro: fazer caridade através de outra instituição religiosa que não seja a IURD é “abrir espaço para a atuação dos demônios”.

Machado observa que apesar de pequenas iniciativas anteriores em obras sociais por parte da IURD, somente a partir da década de 1990 que esta instituição tomou a assistência social como uma de suas principais bandeiras, seguindo o exemplo de outras igrejas pentecostais²⁸¹. A autora historiciza as iniciativas de assistência social da IURD da seguinte maneira:

Nos 25 anos de atuação da IURD, percebem-se pelo menos três momentos distintos no que se refere à natureza das práticas sociais do grupo: o primeiro (1977/1993) é caracterizado por iniciativas tímidas e de caráter mais tradicional, como visitas a hospitais e a presídios para a distribuição de material de higiene e remédios, assim como a implementação de cursos de alfabetização de adultos nos templos; o segundo (1994/1998) é marcado pela criação da Associação Beneficente Cristã, que diversifica e de certa forma coordena as atividades assistencialistas de maior importância desenvolvidas pela denominação; e, finalmente, o período que se inicia em 1999 com a elaboração e implementação do Projeto Nordeste e a extensão da política de assistência da igreja para o meio rural nordestino.²⁸²

Machado cita ainda as campanhas de doação de alimentos na década de 1990²⁸³. Encontramos em nossas fontes uma referência a estas campanhas com forte apelo de propaganda institucional, no ano de 1992, conforme segue: “O grupo de evangelização Roupas Nova da Abolição realizará no dia 11 de julho a Ceia dos Mendigos, ocasião em que serão distribuídos alimentos e roupas para os necessitados, convidados pelos evangelizadores.”²⁸⁴

²⁸⁰ MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?** 15ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001, p. 81.

²⁸⁰ MACHADO, Maria das Dores Campos. Igreja Universal: uma organização providência. In: ORO, Ari Pedro. et al. **Igreja Universal do Reino de Deus: Os Novos Conquistadores da Fé.** São Paulo: Paulinas, 2003, pp. 304-305.

²⁸¹ SILVA, Claudia Neves da. **As Igrejas Pentecostais e Neopentecostais e sua Relação com a Política de Assistência Social no Município de Londrina – PR.** In: VI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). Franca: ABHR, 2004.

²⁸² MACHADO, Maria das Dores Campos. Igreja Universal: uma organização providência. In: ORO, Ari Pedro. et al. **Igreja Universal do Reino de Deus: Os Novos Conquistadores da Fé.** São Paulo: Paulinas, 2003, p. 303.

²⁸² Ibid., pp. 304-305.

²⁸³ Ibid., pp. 304-306.

²⁸⁴ Notícias. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.9, p.03, 24 maio 1992.

Dá primeira fase de implementação de obras assistenciais por parte da IURD, Machado menciona o programa radiofônico “A hora do presidiário”²⁸⁵ da Rádio Record, como canal de comunicação entre os presidiários e suas famílias (RJ e SP), encontramos também em nossa pesquisa empírica uma pequena coluna no jornal Folha Universal intitulada “Coluna do Encarcerado”²⁸⁶, de abril de 1996, com o mesmo propósito.

A IURD, entretanto, não pode abandonar sua matriz no “liberalismo possessivo”²⁸⁷ conforme detectamos, mas também não pode “dar as costas” ao fato de que há em sua membresia uma grande quantidade de pessoas que não alcançou a prosperidade e nem mesmo a cidadania. Além desta razão, enumeraremos ainda outros motivos para o investimento da IURD em obras assistenciais.

Em primeiro lugar, o investimento em obras assistenciais é uma das melhores propagandas institucionais que a IURD pode ter, justificando assim não só a sua “função religiosa” como “empresa de salvação”, mas também sua “função social”. As obras assistenciais são uma das melhores formas da IURD mostrar as pessoas resultados concretos e sua capacidade de promover benfeitorias e “transformar a sociedade” de forma concreta, bem como de “transformar a vida” de várias pessoas.

Em segundo lugar, a oportunidade de se fazer proselitismo direto, no momento da caridade. Isto pode ser facilmente feito no momento de distribuição de alimentos, nada impede que os pastores ou obreiros convidem aqueles que estão recebendo donativos a irem aos cultos ou mesmo façam pregações.

Enumeramos em terceiro a utilidade das obras assistenciais para a IURD como justificativa de seus grandes gastos. Já tratamos longamente no segundo capítulo, embora não tenhamos esgotado o assunto, sobre as argumentações iurdianas para os constantes pedidos de dinheiro durante os cultos. E mais uma vez as obras sociais funcionam como justificativa incontestada para os pedidos de dinheiro. Uma obra de grandes proporções como o Projeto Nordeste, por exemplo, certamente tem uma despesa mensal enorme, podendo assim justificar várias campanhas de arrecadação de dinheiro. E conforme já mencionamos no capítulo 2, a IURD deixa bem claro que o membro da igreja não deve desviar o dinheiro que a ela deveria ser destinado, como o

²⁸⁵ MACHADO, Maria das Dores Campos. Igreja Universal: uma organização providência. In: ORO, Ari Pedro. et al. **Igreja Universal do Reino de Deus: Os Novos Conquistadores da Fé**. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 306.

²⁸⁶ Coluna do Encarcerado. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, p.6, 28 abr. 1996.

²⁸⁷ Liberalismo possessivo conforme colocamos no segundo capítulo, ou seja a idéia de que o indivíduo para ser plenamente livre deve ter posses, de acordo com MacPherson. MACPHERSON, C.B. **A Teoria Política do Individualismo Possessivo de Hobbes até Locke**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

dízimo, por exemplo, nem mesmo para obras de caridade. Nas palavras de Furucho “O dízimo não pode ser utilizado aleatoriamente, ainda que seja em benefício de pessoas carentes e necessitadas. A Administração do dízimo cabe exclusivamente à igreja”²⁸⁸. Portanto, neste ponto de vista, se a pessoa quer fazer caridade, que a faça através da igreja.

3.1- A Associação Beneficente Cristã (ABC)

A criação da Associação Beneficente Cristã é classificada por Machado como o segundo momento de inserção da IURD na prática de obras assistenciais. Segundo a fonte da igreja, a ABC já atua desde 1989, “por ocasião das graves inundações ocorridas em Alagoas, enviou para aquele estado cerca de 400 toneladas de alimentos não perecíveis”²⁸⁹. Criada oficialmente em SP, em 1994, toma caráter nacional em 1995²⁹⁰ na esteira das campanhas contra a fome organizadas pelo sociólogo Herbert de Souza, que tiveram ampla divulgação e aceitação pela sociedade. De acordo com Machado:

(...) a cúpula da IURD lançou no segundo semestre de 1994 o movimento *Brasil 2000 – futuro sem fome*, e passou a organizar eventos para arrecadação de alimentos em várias capitais do Brasil. As campanhas desencadeadas pela liderança da IURD mobilizavam não só os fiéis, mas vários segmentos fora das fronteiras evangélicas, pois o apelo em questão, a doação de alimentos, não demandava nenhuma forma de obrigação e dever permanente para com a instituição. O caráter emergencial de suas ações e a ênfase nos objetivos humanitários das campanhas favoreceram a participação de diferentes setores sociais e deram uma certa legitimidade às iniciativas da IURD junto à população.²⁹¹

A ABC torna-se mais um instrumento de legitimação da IURD e serviu para ordenar e ampliar as obras assistenciais da igreja em âmbito nacional, ou seja, a criação da ABC serviu como meio de dar legitimidade a igreja como “instituição promotora do bem” e tornar mais ágil e abrangente a ação assistencial da igreja, fazendo as mesmas coisas que a IURD já fazia antes da criação da instituição (arrecadação e distribuição de

²⁸⁸ FURUCHO, Natal. **Como Ser um Dizimista Fiel**. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2001, p. 38.

²⁸⁹ **IURD: 23 anos ultrapassando fronteiras**. Rio de Janeiro: Universal. 2000, p. 5.

²⁹⁰ MACHADO, Maria das Dores Campos. Igreja Universal: uma organização providência. In: ORO, Ari Pedro. et al. **Igreja Universal do Reino de Deus: Os Novos Conquistadores da Fé**. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 308.

²⁹¹ MACHADO, Maria das Dores Campos. Igreja Universal: uma organização providência. In: ORO, Ari Pedro. et al. **Igreja Universal do Reino de Deus: Os Novos Conquistadores da Fé**. São Paulo: Paulinas, 2003, pp. 309-310.

alimentos, projetos de inclusão para encarcerados, cursos profissionalizantes e de alfabetização), só que de forma mais visível e profissional.

É importante salientar que nas notícias transmitidas pela rede Record sobre as ações da ABC ao longo desses anos não costuma mencionar nem associar o nome Igreja Universal do Reino de Deus diretamente, porém, sempre foram mencionados os nomes dos organizadores dos eventos precedidos de seus títulos eclesiásticos (bispo ou pastor) e de alguma forma o logotipo da IURD acabava aparecendo ao fundo, como se fosse despropositadamente. No sites do portal “Arca Universal” a relação entre a ABC e a IURD é bem exposta, e atribui-se ao apoio da igreja o sucesso da instituição, inclusive, segundo o site, em nível internacional.

A Associação Beneficente Cristã é uma instituição sem fins lucrativos que visa ajudar os que se encontram em dificuldades. A instituição, que teve várias fases até chegar a ser reconhecida como de utilidade pública federal, recentemente completou nove anos entre muitas atividades, inclusive de ajuda aos moradores de rua. O apoio da IURD tem sido fundamental para que o trabalho social pudesse se expandir pelos estados brasileiros e países como Argentina, Chile, Venezuela, México, Japão, Portugal e África do Sul.²⁹²

Mas apesar do caráter assistencialista da ABC, a IURD previne-se de possíveis críticas mostrando-se consciente da necessidade de projetos de inclusão permanente:

A ABC teve a consciência de que a doação de alimentos é de caráter paliativo. No sertão nordestino, por exemplo, somente um projeto que viabilize economicamente as atividades poderá ajudar de maneira efetiva e permanente aquela população sofrida. Para esse fim a ABC-Rural foi criada, desenvolvendo projetos agroindustriais no sertão nordestino, com a finalidade de criar atividade econômica viável aos sertanejos.²⁹³

3.2- O Projeto Nordeste

O chamado “Projeto Nordeste” foi certamente uma forma bem sucedida da IURD demonstrar sua possibilidade de provocar inclusão social, evoluindo das campanhas para arrecadação de víveres para uma obra de inclusão permanente:

A Associação Beneficente Cristã tem realizado, nos últimos anos, em parceria com a Rede Record de Televisão, campanhas de assistência às vítimas da seca no sertão nordestino. São programas chamados de S.O.S. Nordeste. Estas campanhas consistem em uma ampla divulgação, na

²⁹² Projeto Nordeste: ABC: Nove Anos de Solidariedade. **Projeto Nordeste**. Disponível em < <http://www2.arcauniversal.com.br/projetonordeste/integra.jsp?cod=42598> > Acesso em: 21 set. 2004.

²⁹³ **IURD: 23 anos ultrapassando fronteiras**. Rio de Janeiro: Universal. 2000, p. 5.

grade de programação da Rede Record de Rádio e Televisão, de convites à população em geral para que doe alimentos não perecíveis e roupas, levando-os aos templos da Igreja Universal espalhados em todo o Brasil.(...) Esse programa, no entanto, é de caráter emergencial, com benefícios apenas temporários: minorar os efeitos da seca, mas não apresenta soluções para as causas do problema. Em vista disso, surgiu a idéia de um projeto que não só contemplasse os momentos de crise, mas que apresentasse soluções permanentes, a fim de minorar a aflição das populações carentes do Nordeste. Nascia, assim, o Projeto Nordeste.²⁹⁴

O Projeto Nordeste começa a ganhar corpo a partir das campanhas de arrecadação promovidas pela Rede Record de Televisão no ano de 1998 e a Associação Beneficente Cristã, e de acordo com as fontes da igreja, a obra foi financiada pelas campanhas de doação e a venda de CD's evangélicos, especialmente o CD "O Mensageiro da Solidariedade", do bispo Marcelo Crivella, pela gravação do CD a Sony Music adiantou a quantia de 850 mil reais que foi investida no projeto²⁹⁵ com "a compra da Fazenda Canaã²⁹⁶ e a aquisição de seus primeiros equipamentos"²⁹⁷ no ano de 1999. A fazenda Canaã localiza-se no município de Irecê, no Estado da Bahia e, de acordo com o site oficial do Projeto Nordeste, foi inaugurado no ano 2000 o Centro Educacional Betel, que oferece educação em período integral e refeições a 520 crianças, que são trazidas até a fazenda e levadas de volta para casa em ônibus oferecidos pelo projeto.

Segundo as fontes da igreja, a fazenda foi montada nos moldes de fazendas israelenses (Kibutz), de onde se importou os sistemas de captação e tratamento de água e irrigação. Quem assina o projeto e é sempre mencionado como seu mentor é o bispo e atualmente senador²⁹⁸ Marcelo Crivella (segundo o site²⁹⁹ do projeto ele é engenheiro civil), e o restante da equipe que fez os estudos são profissionais brasileiros e israelenses. É sempre salientado nos sites do Projeto Nordeste o emprego de alta

²⁹⁴ Projeto Nordeste: Histórico. **Projeto Nordeste**. Disponível em < <http://www2.arcauniversal.com.br/projetonordeste/interna.jsp?codcanal=1006> > Acesso em: 21 set. 2004.

²⁹⁵ MACHADO, Maria das Dores Campos. Igreja Universal: uma organização providência. In: ORO, Ari Pedro. et al. **Igreja Universal do Reino de Deus: Os Novos Conquistadores da Fé**. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 315.

²⁹⁶ O termo Canaã foi adotado como uma clara referência à "Terra Prometida" ao povo Hebreu, conforme o livro do Êxodo 3:8, "Portanto desci para livrá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra, a uma terra boa e larga, a uma terra que mana leite e mel; ao lugar do cananeu, e do heteu, e do amorreu, e do ferezeu, e do heveu, e do jebuseu." In: A BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Edição Revisada e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1989.

²⁹⁷ Projeto Nordeste: Primeiros Passos. **Projeto Nordeste**. Disponível em < <http://www2.arcauniversal.com.br/projetonordeste/interna.jsp?codcanal=1009> > Acesso em: 21 set. 2004.

²⁹⁸ O fato de Crivella ter sido eleito senador pelo Rio de Janeiro em 2002 já é um sintoma do "ganho político" proporcionado pelas obras assistenciais da IURD. N/A.

²⁹⁹ Projeto Nordeste: Quem Somos. **Projeto Nordeste**. Disponível em < <http://www2.arcauniversal.com.br/projetonordeste/interna.jsp?codcanal=1010> > Acesso em: 21 set. 2004.

tecnologia e o empreendedorismo do projeto, com planos de torná-la uma grande empresa agrícola e um modelo a ser seguido e implantado pela igreja em outros lugares:

Para os campos agrícolas, um cuidadoso estudo pedológico foi realizado por técnicos de Israel e do Brasil, bem como uma avaliação dos recursos hídricos do subsolo. Assim, surgiu um programa plurianual de plantio e o estudo de viabilidade técnica e econômica para a instalação de uma agroindústria, a qual se encontra em plena fase de desenvolvimento.³⁰⁰

Foi exibido no dia 20 de setembro de 2004, uma segunda-feira, um programa da Rede Record de Televisão sobre o Projeto Nordeste³⁰¹, apresentado por Celso Freitas, ex-apresentador do programa “Fantástico” da Rede Globo de Televisão. Este programa foi emblemático pelo tipo de mensagem que veiculou, e pelo fato de ter sido exibido na época da campanha para prefeitura de São Paulo, na qual concorre o senador Marcelo Crivella, idealizador do Projeto Nordeste, fato este que levou outros candidatos a entrarem com ação na justiça eleitoral para impedir a transmissão do programa.

No início do programa a equipe de reportagem encontra abandonada na estrada uma mulher grávida de nome Jucileide, com quatro filhos pequenos que foge dos maus-tratos do marido. A própria equipe de reportagem a leva para conhecer a Fazenda Canaã, após estas imagens, é mostrado um testemunho do bispo Macedo falando sobre o orgulho da IURD em ter construído a fazenda. As imagens seguintes mostram os contrastes entre o modo de vida miserável das pessoas da região e a fartura, conforto e até opulência que se tem na fazenda. O apresentador/narrador se refere à fazenda como “País das Maravilhas”, e ao longo do programa são mostradas as benfeitorias que a fazenda possui, tais como mini hospital, consultório odontológico, moradias confortáveis para as famílias dos funcionários e principalmente a escola, o Centro Educacional Betel (CEB).

É feito um interessante jogo de imagens, mostrando crianças em situação miserável, sujas famintas e seminuas, contrastando com as crianças matriculadas no CEB, limpas, alimentadas e devidamente uniformizadas com as cores-símbolo da IURD (branco e vermelho). São mostradas também 40 crianças com óculos e elas mesmas narrando as dificuldades visuais antes de terem acesso a esse tipo de assistência, com um detalhe curioso, numa demonstração de respeito à individualidade das crianças, são

³⁰⁰ Projeto Nordeste: Primeiros Passos. **Projeto Nordeste**. Disponível em < <http://www2.arcauniversal.com.br/projetonordeste/interna.jsp?codcanal=1009> > Acesso em 21/setembro/2004.

³⁰¹ Repórter Record. Rede Record de Televisão, 20/setembro/2004.

as próprias quem escolhe individualmente o modelo dos óculos, contrastando com a massificação que é típica da assistência governamental em situação semelhante. Toda a assistência realizada na fazenda é gratuita.

No mesmo programa ainda é mostrada uma senhora católica sendo ajudada pelo projeto, demonstrando “não haver preconceitos”, em seguida são mostradas imagens da moça que é acolhida no início da reportagem, Jucileide, voltando para casa da sua mãe com seus quatro filhos, onde é ressaltada a situação de miséria também na casa da mãe da moça, é então nesse momento que será mostrado o suposto poder de inclusão imediata da IURD, a equipe de reportagem consegue uma vaga para um dos filhos de Jucileide no CEB, começa então uma “verdadeira transformação”.

A entrada na escola representa um “renascimento”, nas palavras do narrador uma “possibilidade de sonhar” – a criança toma banho, passa creme na pele, corta o cabelo, veste o uniforme branco e vermelho. Mostram-se as crianças orando antes da refeição e o narrador mais uma vez usa a expressão “está no paraíso” e segundo a narração as crianças comem quatro vezes por dia. Após um dia de estudos e brincadeiras totalizando oito horas de atividades na fazenda, as crianças voltam pra casa de ônibus com um saco de pães (produzidos na fazenda) que “ajudará a matar a fome do restante da família”. São mostradas também as atividades oferecidas às crianças maiores, basicamente atividades profissionalizantes como marcenaria, bordado, cultivo de plantas e esportes, como natação e judô. A reportagem sempre mostra os contrastes entre a vida fora e dentro da fazenda. Fora são as imagens de penúria, mulheres carregando latas de água barrenta, adultos e crianças sujas e famintas, crianças chorando, imagens representando a exclusão contrastando com as imagens realizadas na fazenda, adultos e crianças limpas e uniformizadas, crianças se divertindo, brincando, dormindo em ambiente limpo, recebendo educação e assistência plena.

O aspecto empreendedor do projeto também é bastante destacado, mostram-se os equipamentos importados de Israel para purificar água do subsolo para ser usada no sistema de irrigação, em seguida mostram-se as plantações e ao fundo o narrador diz “no sertão tudo que se planta dá”, mostra-se um açude cheio e curiosamente é citada a “profecia” de Antônio Conselheiro “o sertão vai virar mar”³⁰². O uso de simbolismos

³⁰² Mais uma vez a IURD lança mão da estratégia da apropriação simbólica ao citar o “beato” Antônio Conselheiro, liderança religiosa na Guerra de Canudos (1893-1898), conflito ocorrido no mesmo estado onde se localiza a Fazenda Canaã. Quando o narrador diz que “o sertão vai virar mar”, refere-se a profecia de Conselheiro, que disse: “há de rebanhos mil correr da praia para o sertão; então o sertão virará

bíblicos é recorrente, em dado momento o narrador diz que a água conseguida pela alta tecnologia empregada vai “transformar o chão seco em terra prometida”.

O documentário em si é, além de tudo, uma demonstração da incrível capacidade de adaptação do discurso às realidades diferentes onde é empregado. Os símbolos de inclusão da IURD geralmente estão associados ao fato do convertido conseguir ascender socialmente a ponto de conseguir posses, (casas, carros, empresas, etc.) ou mesmo ser um empregado, só que muito bem colocado no mercado de trabalho. Entretanto, este tipo de discurso é geralmente direcionado às pessoas do meio urbano. No caso do programa sobre a Fazenda Canaã, o ápice da inclusão era representado pelos trabalhadores da fazenda, que testemunhavam conseguir, a partir do momento em que se tornaram empregados da fazenda, casa confortável sem pagar aluguel para morar, porém não própria, alimentação gratuita, educação para os filhos, salário e principalmente a carteira de trabalho assinada, ou seja, conquistas importantes, porém modestas em relação às conquistas no discurso direcionado aos trabalhadores do meio urbano das grandes cidades. Aliás, analisando fontes mais antigas, percebemos que o discurso iurdiano para quem é pobre era muito mais duro. Por exemplo, na Folha Universal de julho de 1992, o bispo Macedo é implacável ao dizer: “Considero o Cristão fracassado uma pessoa preguiçosa, indolente na obra de Deus”³⁰³.

Ficaram evidentes neste documentário a propaganda institucional e a intenção proselitista. Em dado momento é mostrado um templo da IURD na fazenda, em formato de um suntuoso templo romano com a inscrição “Jesus Cristo é o Senhor” na fachada. Além disso, foi mostrado também depoimentos de Edir Macedo alertando para a necessidade da busca de inclusão, não só pelo aspecto humanitário, mas por uma questão de harmonia social, nas suas palavras: “aqueles que tem um pouco mais devem se preocupar um pouquinho com quem não tem, pois que não tem um dia vai afetar quem tem”. A afirmação de Macedo é de certa forma ressonância do antigo pressuposto de que a massa da população deve ter um mínimo de conforto provocado pela propriedade para que a ordem social se mantenha, conforme Macpherson observou em Hobbes:

(...) ao homem de Hobbes, faria falta e do que compulsivamente sentiria falta, no pleno estado brutal da natureza. O de que sentiria falta é

praia e a praia virará sertão” in: CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. 39ª ed. Rio de Janeiro: Publifolha, 2000, p. 143.

³⁰³ MACEDO, Edir. A Preguiça Espiritual. **Jornal Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.17, p.08, 19 jul. 1992.

precisamente todos os bens da vida civilizada: propriedade, indústria, comércio, as ciências, artes e letras, bem como segurança para suas vidas. Estar sem esses bens é contrário à natureza do homem. É devido à falta desses bens que o homem natural de Hobbes é impelido a procurar uma saída do estado de natureza.. “As Paixões que inclinam os homens [naturais] à Paz, são o Medo da Morte, o Desejo das coisas que sejam necessárias para um viver confortável e uma Esperança de obtê-las por sua Indústria” A Paixão pelo viver confortável é paixão do homem natural de Hobbes,. O homem natural é o homem civilizado, apenas com a restrição legal removida.³⁰⁴

Macedo ainda alerta para a necessidade de parcerias com a iniciativa privada: “nós queríamos que esse trabalho servisse como referencial para aqueles que tem oportunidade (de fazer algo)”³⁰⁵. Para dar mais credibilidade a obra é mostrado no documentário o depoimento de uma conhecida personalidade no nordeste, o músico Dominginhos, que aparece parabenizando “quem fez um projeto desses”.



Fig. 3 – Fazenda Canaã – Fonte: Projeto Nordeste: Histórico. **Projeto Nordeste**. Disponível em <<http://www2.arcauniversal.com.br/projetonordeste/interna.jsp?codcanal=1006>> Acesso em 21 set. 2004.

³⁰⁴ MACPHERSON, C.B. *A Teoria Política do Individualismo Possessivo de Hobbes até Locke*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 40.

³⁰⁵ Repórter Record. Rede Record de Televisão, 20/setembro/2004.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos nossa pesquisa sabíamos estar tratando de uma instituição religiosa polêmica e bastante complexa devido a sua envergadura e à sua forte inserção nos mais diversos setores da sociedade. Pretendíamos, então, a partir do estudo do discurso produzido pela Igreja Universal, tentar compreender as suas estratégias de difusão do discurso e suas argumentações para convencimento das pessoas, a partir da temática da inclusão social.

Analisando apuradamente, nos foi possível perceber a capacidade da IURD em criar e adaptar discursos de acordo com suas necessidades e de acordo com o contexto histórico, como pudemos perceber nas transformações do discurso ao longo dos anos em relação a temas como a “guerra espiritual” e a prosperidade.

No primeiro capítulo nos foi possível ter uma percepção maior de como a IURD reutiliza elementos “mágicos” presentes na religiosidade brasileira para aumentar o número de seus seguidores, negando e reafirmando as crenças que combateu e ainda combate. Pudemos perceber que a IURD fez uma “Guerra Santa” utilizando as próprias “armas” dos “inimigos”, sendo que esses “inimigos” nem sempre puderam responder à altura, pois muitos deles não possuíam a poderosa estrutura empresarial iurdiana nem eram tão organizados e coesos como a Universal.

Observamos que a IURD teve que desenvolver um discurso adaptado aos diversos tipo de freqüentadores; de alta ou baixa renda, empresário ou assalariado, bem ou mal instruído, enfim, teve que oferecer uma variedade maior de “bens simbólicos”³⁰⁶ para atender a sua “clientela” e teve que demonstrar capacidade de promover mudanças reais e positivas na vida das pessoas. Para isso, criou um discurso pregando “bênçãos disponíveis à todos” mas ao mesmo tempo combinando com um discurso de perseverança, trabalho árduo e empreendedorismo. Nossa pesquisa demonstrou que o discurso iurdiano foi construído tendo em vista corroborar a idéia de uma “igreja de resultados”. Assim, formata-se na mídia doutrinária da IURD, a idéia de uma Igreja dotada de capital simbólico capaz de atender as demandas de seus fiéis.

³⁰⁶ BACZKO, Bronislaw. **Imaginação Social**. In: Enciclopédia EINAUDI, Vol. 1. (Memória-História). Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984, p. 298.

Acreditamos termos avançado na questão de que a IURD contradiz a tradicional vinculação proposta por alguns autores³⁰⁷ entre pentecostalismo e pobreza. Nesse sentido o discurso da Igreja é claramente apologético da riqueza e da superação da pobreza.

Pudemos constatar também que a IURD reverteu a antiga situação vivida pelos pentecostais e abandonou a posição de “vítima de perseguições” e partiu para o ataque, inclusive atacando outras igrejas pentecostais e as protestantes históricas. Além da característica do “ataque”, a negação da eficácia das outras igrejas, reafirmando, assim, seu poder de intermediação com o sagrado e sua capacidade de resolver problemas, além de oferecer a salvação.

Outro ponto em que consideramos ter avançado consideravelmente, foi na polêmica questão do “dinheiro”. Diversos autores já trataram do tema a partir da perspectiva das estratégias de arrecadação e do uso do dinheiro por parte da Igreja. Acreditamos, entretanto, ter ido um pouco mais além ao conseguir perceber a construção das argumentações iurdianas em torno dos temas ligados ao dinheiro, ou à entrega dele e os motivos que devem levar o membro da Igreja a fazer isso, nos dizimos, ofertas, sacrifícios ou desafios. Pudemos perceber que a IURD soube construir uma ampla cadeia argumentativa para defender estas práticas que são tão freqüentes e institucionalizadas pela igreja. Conforme detectamos, as argumentações, sempre calcadas na Bíblia mas sempre revelando um pragmatismo no sentido de prometer resultado imediato e terreno, e não as tradicionais promessas de uma salvação futura. Pudemos ainda perceber o caráter “mágico” que a Universal atribui ao dinheiro, este, com poderes, entre outros, de comprovar “fidelidade a Deus” e “reprender o devorador” das finanças.

Percebemos no nosso trabalho que a IURD toma para si, no presente, tarefas negligenciadas pelo Estado. Um exemplo disso é o “projeto nordeste”, que tenta passar a imagem de uma Igreja comprometida com a superação da miserabilidade do brasileiro.

No quesito “cura divina” a Universal ultrapassou suas antecessoras no sentido de combinar discursos para conseguir o convencimento de uma maior número de pessoas.

³⁰⁷ ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostalismo: Brasil e América Latina**. 1ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 25.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999, pp. 11-12.

Combinando o discurso médico com o discurso religioso, e de uma forma bastante curiosa, fazendo ambos coexistirem nas mesmas situações.

A despeito dos ataques feitos pela IURD contra o protestantismo histórico, pudemos perceber em nossas pesquisas que a Igreja voltou a “beber na fonte” quando se trata das questões “trabalho” e “prosperidade”. Reelaborando a ascese laica do protestantismo adaptando-a a sua realidade de “igreja de resultados” adepta da Teologia da Prosperidade, criando uma ascese própria, que valoriza ao mesmo tempo o trabalho árduo e a possibilidade do crente desfrutar desse trabalho ainda em vida.

Todo o arcabouço discursivo da IURD nunca abandonou sua influência do liberalismo possessivo, e sempre defendeu que, para o cidadão ser pleno, deve ser saudável, ter vida afetiva harmoniosa, estar liberto e, principalmente, ter posses.

Nossas pesquisas mostraram que, sendo a Universal uma igreja adepta da Teologia da Prosperidade, seu discurso é marcado por uma forte influência da chamada “Confissão Positiva”, fazendo com que certas obras e pregações iurdianas assumissem o caráter de “auto-ajuda”, com características motivacionais também. Pudemos perceber, então, que a Universal, através de seus intelectuais, criou uma literatura própria, embora muito influenciada pelos autores da “Confissão Positiva” e auto-ajuda, e, por tratar-se de uma instituição religiosa, combinou as características destas literaturas com sua exegese bíblica.

Pudemos perceber também em nossas pesquisas que a Universal procurou dar “provas” mais concretas e numerosas ao longo dos anos de sua capacidade de promover a inclusão social através de suas obras assistenciais e das propagandas feitas a partir dessas obras. Com esta estratégia a IURD procurou comprovar sua eficácia em provocar inclusão e ao mesmo tempo pôde usar estas obras como meio de proselitismo. Mas uma vez a Igreja demonstrou grande capacidade de adaptação, começando com obras assistências do tipo que as outras igrejas faziam, marchando ao longo dos anos para grandes projetos de pretensa inclusão coletiva, como o Projeto Nordeste.

Enfim, cremos que, como qualquer trabalho, o nosso pode deixar algumas lacunas. O que nos impulsiona a retomar o tema proximamente em outro projeto. Nesse sentido pretendemos, no futuro, trabalhar o viés da Teologia da Prosperidade, veiculado pelo discurso de outra denominação neopentecostal que desponta no mercado religioso contemporâneo: a Igreja Internacional da Graça de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Edição Revisada e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1989.

ALMEIDA, Ronaldo de. A Guerra das Possessões. In: ORO, Ari Pedro. et al. **Igreja Universal do Reino de Deus: Os Novos Conquistadores da Fé**. São Paulo: Paulinas, 2003.

ANTONIAZZI, Alberto. et al. **Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso. História e Literatura**. São Paulo: Ática, 2000.

BACZKO, Bronislaw. **Imaginação Social**. In: Enciclopédia EINAUDI, Vol. 1. (Memória-História). Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984.

BERGER, Peter Ludwig. **O Dossel Sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BIRMAN, Patrícia. **O Que é Umbanda**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

BIRMAN, Patricia. “**O Bispo, o Povo e a TV: Alguns efeitos, talvez inesperados , da presença política recente dos pentecostais**”. Cadernos de Conjuntura do IUPERJ. 54. IUPERJ, 1996.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 2ª Edição. São Paulo: Editora da USP, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CAMPÁ. Wânia Amélia Belchior Mesquita. **O Empresário e a Fé: “homens de negócio” e expansão pentecostal.** VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, São Paulo, 1998.

CAMPOS. Leonildo Silveira. **Teatro, Templo e Mercado: A Igreja Universal do Reino de Deus e as Mutações no Campo Religioso Protestante.** VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, São Paulo, 1998.

CAMPOS, Leonildo Silveira. O Marketing e as Estratégias de Comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus. In: Estudos de Religião, nº 15: **Estratégias Religiosas na Sociedade Brasileira.** São Bernardo do Campo: UMESP, 1998.

CAMPOS Jr., Luís de Castro. **Pentecostalismo: Sentidos da Palavra Divina.** 1ª edição. Ática, 1995.

CARNEIRO, Edson. **Os Candomblés da Bahia.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. in: ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes.** Petrópolis: Vozes, 1978.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1988.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões.** 39ª Edição. Rio de Janeiro: Publifolha, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** 9ª Ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FRANKLIN, Benjamin. The Way to Wealth (1758) in: **Autobiography and Other Writings.** Boston: Riverside Editions, 1958.

FRESTON, Paul. A Igreja Universal do Reino de Deus e o Campo Protestante no Brasil. In: Estudos de Religião, nº 15: **Estratégias Religiosas na Sociedade Brasileira.** São Bernardo do Campo: UMESP, 1998.

FRESTON, Paul. A Igreja Universal na Ásia. In: ORO, Ari Pedro. et al. **Igreja Universal do Reino de Deus: Os Novos Conquistadores da Fé.** São Paulo: Paulinas, 2003.

FRESTON, Paul Charles. Breve histórico do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. et al. **Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo.** Petrópolis: Vozes, 1994.

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos, PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz, et alli: **Questões de Teoria e Metodologia da História.** Porto Alegre: Ed. URGs, 1999.

HOLLENWEGER, Walter J. **The Pentecostals.** Londres: SCM, 1972, p. 101. in: FRESTON, Paul Charles. Breve histórico do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto. et al. **Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo.** Petrópolis: Vozes, 1994, p.118.

HOORNAERT, Eduardo (org.) **História da Igreja na América Latina e no Caribe. 1945-1995: O debate metodológico.** Petrópolis: Vozes, 1995.

KARDEC, Allan. O que é o Espiritismo. In: KARDEC, Allan. **O que é o Espiritismo.** 52ª Ed., Araras: IDE, 2003.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Igreja Universal: uma organização providência. In: ORO, Ari Pedro. et al. **Igreja Universal do Reino de Deus: Os Novos Conquistadores da Fé.** São Paulo: Paulinas, 2003.

MACPHERSON, C.B. **A Teoria Política do Individualismo Possessivo de Hobbes até Locke.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIANO, Ricardo. O Reino de Prosperidade da Igreja Universal. In: ORO, Ari Pedro. et al. **Igreja Universal do Reino de Deus: Os Novos Conquistadores da Fé**. São Paulo: Paulinas, 2003.

MARTIN, David. **Tongues of Fire: the explosion of protestantism in Latin America**. Oxford: Blackwell, 1990.

MCKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulus, 1983.

MEDEIROS, Rangel de Oliveira. **Igreja Pentecostal Deus é Amor: Discurso Religioso e Liderança Personalista**. Florianópolis: UFSC (Trabalho de Conclusão de Curso de História), 2002.

MINA, Andréia Mendes de Souza. **Nós e o Mundo. A Construção do Outro: Alteridade e Pertencimento no Material de Divulgação Brasileiro da Igreja Assembléia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus na Década de 90**. Florianópolis: UFSC (Mestrado em História), 2004.

MIRADOR INTERNACIONAL. Encyclopaedia Britannica do Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a Cruz e a Encruzilhada: Formação do Campo Umbandista em São Paulo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

OLIVEIRA CARDOSO, Onésimo de. A **Igreja Eletrônica – Os Programas Religiosos na Televisão Brasileira**. In: Comunicação e Sociedade. São Paulo, Ano VI, nº 12, outubro de 1984, p. 5-28. In: ORO, Ari Pedro. Religiões Pentecostais e Meios de Comunicação de Massa no Sul do Brasil. Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 50, fasc. 198, junho de 1990.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento**. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 3ª Ed. Campinas: Pontes, 2001.

ORO, Ari Pedro. **Avanço Pentecostal e Reação Católica**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

ORO, Ari Pedro. et al. **Igreja Universal do Reino de Deus: Os Novos Conquistadores da Fé**. São Paulo: Paulinas, 2003.

ORO, Ari Pedro. **Religiões Pentecostais e Meios de Comunicação de Massa no Sul do Brasil**. Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 50, fasc. 198, junho de 1990.

ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro: Umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes**. Petrópolis: Vozes, 1978.

RICCI, Magda. Como se Faz um Vulto na História do Brasil. In GUAZZELLI, César Augusto Barcellos, PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz, et alli: **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Ed. URGs, 1999.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **O Que é Pentecostalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostalismo: Brasil e América Latina**. 1ª edição. Petrópolis: Vozes, 1994.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões? In: Hoornaert, Eduardo (org.) **História da Igreja na América Latina e no Caribe. 1945-1995: O debate metodológico**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal à “cultura católico-brasileira”. In: ANTONIAZZI, Alberto. et al. Op. Cit.

SILVA, Claudia Neves da. **As Igrejas Pentecostais e Neopentecostais e sua Relação com a Política de Assistência Social no Município de Londrina – PR**. In: VI

Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR). Franca: ABHR, 2004.

SOUZA, Etiane Caloy B. BREPOHL DE MAGALHÃES, Marionilde Dias. **Os Pentecostais: Entre a Fé e a Política**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, vol 22, n° 43, 2002.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

FONTES

A Corrente dos Milionários. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.1, p.3, 26/abr/1992.

A Festa dos Trabalhadores. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.9, p.03, 24/maio/1992.

BENÍCIO, Uirpy. SOS Brasil: Parte II. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.24, p.7, set./1992.

CABRAL, José. **A Deus o que é de Deus**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Universal Produções, 1997.

COHEN, Viviane; CARDOSO, Rodrigo. Pastor Eletrônico. **Revista IstoÉGente**, Rio de Janeiro, n.193, p.46, 2003.

Coluna do Encarcerado. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, p.6, 28 abr. 1996.

Depressão: Doença ou Atuação Maligna. Revista **Plenitude**, Rio de Janeiro, n. 71, pp. 28-31, 2000.

Ecumenismo. **Plenitude**, Rio de Janeiro, n.61, p. 31, maio 1997.

Evangélicos, os Novos Emergentes do Brasil. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, p. 4b, dez. 1997.

FALANDO DE FÉ. Rede Record de Televisão, 4 ago. 2003.

FURUCHO, Natal. **Como ser bem-sucedido na Vida Profissional**: Conselhos para refletir e aplicar. Rio de Janeiro: Universal, 2003.

FURUCHO, Natal. **Como Ser um Dizimista Fiel**. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2001.

FURUCHO, Natal. O Brasil Grande. Revista **Plenitude**, Rio de Janeiro, n.112, ago. 2004.

IURD: 23 anos ultrapassando fronteiras. Rio de Janeiro: Universal. 2000.

JORNAL FOLHA UNIVERSAL, nº 586, 5 out. 2003.

Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.15, p.03, 5 jul. 1992.

MACEDO, Edir. A Preguiça Espiritual. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.17, p.08, 19 jul. 1992.

MACEDO, Edir. Ao Leitor. Revista **Plenitude**, Rio de Janeiro, n.47, out. 1989.

MACEDO, Edir. Ao Leitor. Revista **Plenitude**, Rio de Janeiro, n.56, p. 38, jul. 1990.

MACEDO, Edir. **Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus.** Volume 1. 1ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1999.

MACEDO, Edir. **Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus.** Volume 2. 1ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1999.

MACEDO, Edir. **Doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus.** Volume 3. 1ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1999.

MACEDO, Edir. **O Perfeito Sacrifício:** O significado espiritual dos dízimos e ofertas. Rio de Janeiro: Universal Produções, 2001.

MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias:** deuses ou demônios? 15ª ed., Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 2001.

MACEDO, Edir. **Os Mistérios da Fé.** Rio de Janeiro: Universal Produções, 1999.

MACEDO, Edir. **Vida com Abundância**. 14^a ed., Rio de Janeiro: Universal Produções, 2000.

MIRANDA, David. **Missionário David Miranda**: Autobiografia. São Paulo: Editora Luz, 1992.

Notícias. Jornal **Folha Universal**, Rio de Janeiro, n.9, p.03, 24 maio 1992.

O Diabo está na Moda? Revista **Plenitude**, Rio de Janeiro, n.59, p. 8, maio 1996.

Repórter Record. Rede Record de Televisão, 20 set. 2004.

Uma Nova Vida. Revista **Plenitude**, n.60, Rio de Janeiro, abr. 1997.

FONTES NA INTERNET

Biografia. **Bispo Edir Macedo**. Disponível em <<http://www2.arcauniversal.com.br/bispomacedo/biografia.jsp>> Acesso em 11 jul. 2003.

Censo 2000. **IBGE**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/religiao_Censo2000.pdf> Acesso em 20 jul. 2003.

FURUCHO, Natal. AIDS à Luz da Bíblia. **Auto-Ajuda**. Disponível em <<http://www2.arcauniversal.com.br/apresautoajuda.jsp?codAutoAjuda=102&codCategoria=30&codCanal=1>> Acesso em 10 jun. 2004.

FURUCHO, Natal. AIDS à Luz da Bíblia: Promessa de cura. **Auto-Ajuda**. Disponível em <<http://www2.arcauniversal.com.br/apresautoajuda.jsp?codAutoAjuda=109&codCategoria=30&codCanal=1>> Acesso em 10 jun. 2004.

FURUCHO, Natal. Câncer à Luz da Bíblia. **Auto-Ajuda**. Disponível em <<http://www2.arcauniversal.com.br/apresautoajuda.jsp?codAutoAjuda=100&codCategoria=29&codCanal=1>> Acesso em 10 jun. 2004.

FURUCHO, Natal. Equilibrando sua Vida. **Auto-Ajuda**. Disponível em <<http://www2.arcauniversal.com.br/apresautoajuda.jsp?>> Acesso em 10 jun. 2004.

Projeto Nordeste: ABC: Nove Anos de Solidariedade. **Projeto Nordeste**. Disponível em <<http://www2.arcauniversal.com.br/projetonordeste/integra.jsp?cod=42598>> Acesso em 21 set. 2004.

Projeto Nordeste: Histórico. **Projeto Nordeste**. Disponível em <<http://www2.arcauniversal.com.br/projetonordeste/interna.jsp?codcanal=1006>> Acesso em 21 set. 2004.

Projeto Nordeste: Primeiros Passos. **Projeto Nordeste**. Disponível em <<http://www2.arcauniversal.com.br/projetonordeste/interna.jsp?codcanal=1009>> Acesso em 21 set. 2004.

Projeto Nordeste: Quem Somos. **Projeto Nordeste**. Disponível em <
<http://www2.arcauniversal.com.br/projetonordeste/interna.jsp?codcanal=1010> > Acesso
em 21 set. 2004.

Reunião dos 318 Homens de Deus. **Igreja Universal do Reino de Deus**. Disponível em
<<http://www2.arcauniversal.com.br/318pastores/index.jsp> > Acesso em 23 dez. 2003.

Segunda-feira: Reunião da Prosperidade. **Igreja Universal do Reino de Deus**.
Disponível em <<http://www.igrejauniversal.org.br/ler.asp?cod=24> > Acesso em 4 set.
2002.